

REFUGEEES



CINEMA PARA A INCLUSÃO
SOCIAL DE REFUGIADOS

DA FUGA À PERTENÇA 26 HISTÓRIAS DE VIDA DE REFUGIADOS

<http://refugeesinproject.eu>



Projecto Nº 2016-1-PT01-KA204-022983
Projecto financiado com o apoio da Comissão Europeia.
A informação contida nesta publicação (comunicação) vincula
exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável
pela utilização que dela possa ser feita.

PARCEIROS:



www.aidlearn.pt



www.vhs-hamburg.de



www.cstudifoligno.it



www.utzo.si



www.iadt.ie



www.gcr.gr

Editor

RefugeesIN – Cinema for Refugees Social Inclusion

Autores:

Maria Helena Antunes e Eduardo Amaro, AidLearn, Portugal
Heike Kölln-Prisner, Hamburger Volkshochschule, Alemanha
Altheo Valentini e Almudena Valenzuela, Centro Studi Citta' Di Foligno, Itália
Dušana Findeisen e Karina Sirk, The Eslovénian Third Age University, Eslovénia
Philip Penny, IADT, Irlanda
Constantinos Mourtezas e Katerina Matakou, Greek Council of Refugees, Grécia

Desenho Gráfico

Carlota Flieg

Todos os direitos reservados. © RefugeesIN, 2017

ÍNDICE:

| | |
|-------------------------------------|----|
| Introdução | 4 |
| As histórias | 5 |
| História 1: Yetsunde | 6 |
| História 2: Sadat | 8 |
| História 3: Reza | 10 |
| História 4: Goodson | 12 |
| História 5: Vukasin | 14 |
| História 6: Ranko | 16 |
| História 7: Felix | 19 |
| História 8: Conteh | 22 |
| História 9: Abdul | 24 |
| História 10: Sbah | 28 |
| História 11: Artan | 31 |
| História 12: Vesna | 33 |
| História 13: Nour | 36 |
| História 14: Gholam | 39 |
| História 15: Nasruddin | 41 |
| História 16: Nilab | 43 |
| História 17: Yassir | 45 |
| História 18: Sondus | 47 |
| História 19: Mohammad | 50 |
| História 20: Ashkan | 53 |
| História 21: Xerip | 56 |
| História 22: Vahida | 58 |
| História 23: Reuben | 62 |

| | |
|---|----|
| História 24: Elvisa | 64 |
| História 25: Tinu | 66 |
| História 26: Marijana | 69 |
| Sumário | 72 |
| O contexto das histórias de fuga | 73 |
| Afganistão: | 73 |
| Albânia: | 73 |
| Bósnia: | 74 |
| RD Congo: | 74 |
| Gâmbia: | 75 |
| Irão: | 75 |
| Iraque: | 76 |
| Curdistão: | 76 |
| Nigéria: | 77 |
| Sérvia: | 77 |
| Síria: | 78 |
| Zimbábue: | 78 |
| Conclusões | 79 |
| O que se pode aprender com as histórias desta brochura?.... | 79 |
| O que pode ser feito com esta brochura? | 81 |
| Como contactar-nos | 82 |
| Agradecimentos & Referências | 83 |



INTRODUÇÃO:

Quando a parceria deste projeto procurou ex-refugiados para entrevistar que pudessem ter o papel de modelos junto de outros recém-chegados a iniciar o seu caminho de integração numa sociedade europeia, pensou-se que seria fácil encontrar e envolver tais pessoas. Tendo em conta a especificidade da parceria (Organismos de Educação de Adultos, Conselho de Refugiados e Instituto Académico), os parceiros escolheram diferentes abordagens para encontrar e convidar as pessoas adequadas, como por exemplo questionando:

- Participantes ou professores/educadores envolvidos nos seus cursos;
- Organizações de refugiados na sua rede de trabalho;
- Aderentes e seguidores nas suas redes sociais.

Mas alguns parceiros descobriram que certos ex-refugiados ainda estão relutantes em contar as suas histórias: temem retaliações às suas famílias nos países de origem; receiam que isso possa prejudicar a sua situação no novo país de acolhimento e, acima de tudo, todos ainda sofrem com o trauma da fuga. Alguns afirmaram mesmo, durante as entrevistas, que esta era a primeira vez que contavam a sua história completa a alguém.

Mas, todos os entrevistados partilharam as suas experiências e os seus pontos de vista abertamente, e apoiaram fortemente a parceria na recolha de 26 incríveis histórias de Inclusão Social.

Talvez pareça haver aqui uma contradição: temer contar a própria história e, em simultâneo, estar ansioso/a por fazê-lo. Mas facilmente se compreende que embora alguns ex-refugiados tenham medo que familiares seus, com os quais mantêm contacto, sofram retaliações nos seus países de origem, eles também têm uma história para contar e essa narrativa pode ajudar a melhor entender as suas próprias experiências.

Porque se escolheu estes entrevistados? O que os torna modelos a seguir? Depois de uma extensa pesquisa sobre teorias de aprendizagem, foi possível identificar certas qualidades que um modelo a seguir deve patentear:

- Paixão e habilidade para inspirar
- Conjunto claro de valores
- Compromisso com a Comunidade
- Abnegação e aceitação dos outros
- Capacidade de superar os obstáculos

Uma pessoa pode não apresentar todos esses atributos, mas, em alternativa, possuir um muito forte.

Acredita-se que todos os entrevistados são potencialmente Modelos e podem funcionar como bons exemplos, quer para imitar os seus comportamentos quer para aprender a partir das suas experiências.

Quando os refugiados chegam a um novo país (de preferência, um escolhido por si), os primeiros passos a dar visam garantir abrigo, comida e segurança. Mas, se e quando decidem permanecer nesse país, podem escolher ser parte integrante dessa sociedade e contribuir em igualdade para tal. Este desejo é muitas vezes o impulsionador para as suas ações. Mas como alguém pode tornar-se uma parte integrante da sociedade? E, além disso, será que um modelo pode ajudar neste processo, através do seu exemplo e do testemunho do modo como o fazer?

Leia estas histórias e descubra por si mesmo!

AS HISTÓRIAS:

As 26 histórias reunidas nesta brochura são histórias de pessoas que fugiram de seus países de origem e procuraram segurança em algum outro lugar.

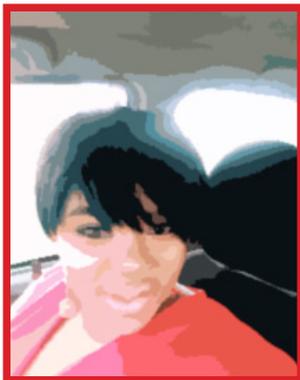
Os termos “requerente de asilo” e “refugiado” são frequentemente confundidos. Mas são termos legalmente distintos: um requerente de asilo é alguém que diz ser refugiado, mas cujo pedido ainda não tem uma decisão definitiva.

Um requerente de asilo é alguém que foge de um país e pede asilo, ou seja, o direito à proteção internacional, num outro país. Um requerente de asilo pode ser um refugiado, uma pessoa deslocada ou um migrante, como um migrante económico.

Uma pessoa torna-se um requerente de asilo quando faz o pedido formal relativo ao direito de permanecer num outro país, mantendo esse *status* até a decisão final ser tomada. As autoridades de imigração competentes do país de asilo determinam se o pedido é aceite, havendo então um refugiado oficialmente reconhecido, ou recusado, e a pessoa terá de deixar o país, podendo inclusive ser deportada. O requerente de asilo pode ser reconhecido como refugiado e receber o estatuto de refugiado se as circunstâncias da pessoa se enquadrarem na definição de “refugiado” de acordo com a Convenção de 1951 sobre Refugiados ou outras leis de refugiados, como a Convenção Europeia de Direitos Humanos - se o pedido de asilo for feito na União Europeia. No entanto, os signatários da convenção sobre refugiados criam as suas próprias políticas para avaliar o *status* de proteção dos requerentes de asilo e a proporção de requisições de asilo que são rejeitadas varia de país para país e de ano para ano.

Nesta brochura, todas as histórias recolhidas são de pessoas que tiveram de deixar o seu país involuntariamente por causa da guerra, outras atrocidades ou por perigo de vida devido a uma situação pessoal.

AS HISTÓRIAS: YETUNDE



Nome próprio: **YETUNDE**

Apelido: **AWOSANYA**

Idade: **37**

País de origem: **NIGÉRIA**

Vive na **Irlanda** desde: **2014**

PEQUENO RESUMO

Yetunde nasceu em Lagos, na Nigéria. Cresceu com a sua família, constituída por pais e irmãos. O seu pai era engenheiro que trabalhava para uma popular empresa de construção chamada Julius Barger. Enquanto criança, Yetunde reconheceu e percebeu que os seus pais eram muito trabalhadores e independentes e é daí que vem sua força. Quando criança, Yetunde era uma *performer*. Sem rodeios, Yetunde sabia dançar, cantar, actuar e aventurar-se em coisas inspiradoras que levava as pessoas que a rodeavam a gostar dela. Yetunde sabia desde pequena o que queria do seu futuro, tendo-o seguido. Estudou artes criativas na Universidade de Lagos na Nigéria, obtendo uma BSA em Arte e um Major de Teatro. Yetunde começou a trabalhar com um estilista de moda chamado Odio Mimonet na Ilha Victoria, em Lagos, para ganhar experiência, tendo sido este o seu primeiro emprego. Depois de abandonar esse emprego, iniciou um estágio com uma amiga próxima, que acreditava que negócios são negócios. Esta sua amiga era maquilhadora, tendo inspirado e encorajado Yetunde a ser melhor na indústria da maquilhagem. Yetunde aprendeu

muito com as Ara-oge *Makeovers*.

“O ZELO EM MIM, FEZ-ME PERCEBER QUE EU POSSO SEMPRE SER MELHOR”

ESTABELECECER-SE NA IRLANDA- ENSINAR E APRENDER

Yetunde deixa a Nigéria e instala-se na Irlanda, pedindo asilo (teve que deixar a Nigéria por razões de segurança) em 2014. Foi levada para County Cork (Millstreet). De início não se sentia feliz mas o entusiasmo que sentia, fez com que percebesse que podia ser melhor em qualquer lugar onde se encontrasse.

Após se restabelecer, Yetunde aproximou-se de um trabalhador comunitário que estava a trabalhar com o KASI. Ela disse-lhe o que sabia e poderia fazer e que estava disposta a ser voluntária para ensinar aos outros “Maquilhagem e Beleza” no albergue em County Cork, onde estava hospedada. As aulas de maquilhagem foram financiadas pela KASI, com materiais que permitiam que as aulas prosseguissem. Yetunde começou desta forma, a ensinar outras mulheres no centro de provisão direta em Milstreet Co. Cork.

Yetunde ganhou grande experiência durante esta sua prática de ensino. Neste período de tempo, estava ainda a frequentar um QQI nível 5 em pré-enfermagem, durante um ano, no McEgan College Macroom County Cork. Depois de terminar o seu curso, Yetunde pediu transferência para o Centro de Provisão direta de Mosney, em Mosney, County Meath.

**Deixa-me
feliz pôr um
sorriso no rosto
de alguém.**

AS HISTÓRIAS: YETUNDE

ESTABELECEM-SE EM MOSNEY- A MINHA EXPERIÊNCIA EMPREENDEDORA

Ao chegar a Mosney, Yetunde abordou a gerência do Centro de Mosney e informou-lhes das suas competências e de como poderia partilhar o seu conhecimento com os outros. Estes manifestaram um grande interesse pela sua ideia de abrir um salão de beleza no centro. Yetunde criou uma iniciativa de financiamento e através da mesma, muitas pessoas com diferentes histórias de vida, inspiraram-na, fazendo doações e encorajando-a. Ela ficou muito feliz e entusiasmada quando um jornalista da RTE (Irish National Broadcaster), Phillip Bromwell encontrou a sua página do “found me” e ligou-lhe, com a proposta de uma entrevista acerca da sua ideia. Este acontecimento, deu-lhe ainda mais encorajamento e uma muita bem-vinda publicidade!

O departamento da justiça da Irlanda aprovou igualmente a ideia do Salão de Beleza, com nível profissional, tendo sido devidamente construído em Mosney, juntamente com as ideias criativas e contributos de Sarah Gates, responsável pela gestão da equipa em Mosney.

Muitas senhoras participaram na iniciativa de Yetunde. Obtiveram os seus certificados de participação no curso de formação *Salon Beauty*. Muitas delas aprenderam a aplicação de maquilhagem básica e de uma forma ou outra, deixaram Yetunde feliz por poder colocar um sorriso no rosto de alguém. Yetunde está ainda a aprender e cada dia é um novo dia, com uma nova experiência.

Em Fevereiro de 2018, Yetunde obteve o seu estatuto e mudou-se de Mosney para Dundalk, um condado a norte de Mosney, Condado de Meath, onde iniciou um novo negócio na indústria da beleza. Yetunde está feliz por enfrentar novos desafios e coisas maiores ainda por vir

Todas as senhoras que também foram inspiradas pelo que viram que eu poderia dar.

AGRADECIMENTO

Enquanto estava em provisão direta, Yetunde teve a oportunidade de conhecer muitas pessoas, e muitas que nunca conheceu, mas que a conheciam pelo nome e ainda a encorajavam.

Yetunde realmente aprecia todos aqueles com quem se deparou nesta jornada, ela diz: *“Sou verdadeiramente abençoada por ter encontrado todas essas pessoas. Um grande obrigado vai também para a administração do Centro de Provisão Direta de Mosney e para todas as senhoras que foram também inspiradas pelo que viram que Yetunde poderia dar. Agradeço a todos os doadores do “go fund me”, que me financiaram e agradeço muito aos meus filhos que tiveram paciência para me deixar entregar aos outros, mas o maior dos agradecimentos vai para Deus. Sou verdadeiramente grata e sou abençoada por vos conhecer a todos”.*

AS HISTÓRIAS: SADAT



Nome próprio: **SADAT**

Apelido: **SAYEDEHGAN**

Idade: **19**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Alemanha** desde: **2015**

RESUMO

Sadat Sayedehgan deixou o Afeganistão, porque morava na região norte onde ocorreram muitos bombardeamentos. Não se sentia seguro, especialmente sendo jovem. Foi sua a decisão de deixar o país, e os seus pais concordaram com ele. Foi para Hamburgo, e, como ainda era menor de idade, ficou sob proteção especial. Começou a escola na Alemanha e após 18 meses fez o exame do ensino secundário e obteve aprovação. Depois disso, tinha a opção de prosseguir na escola, e fazer o exame de ingresso na universidade, ou a de iniciar uma formação profissional. Optou continuar na escola e é o que está hoje a fazer. Há já algum tempo que começou a trabalhar como conselheiro *freelancer* em campos de refugiados, traduzindo, aconselhando e ajudando outros, que vieram recentemente do Afeganistão, a encontrar o seu próprio caminho.

“NUNCA PARAR DE APRENDER”

DEIXANDO O PAÍS POR CONTA PRÓPRIA

Sadat vivia numa cidade no norte do Afeganistão, e a região estava frequentemente sob bombardeamentos. Os seus pais e irmãos mais novos não ficaram surpreendidos quando souberam dos planos de Sadat para deixar o país. Concordaram e Sadat planeou como fugir por conta própria. Tinha apenas 17 anos de idade. Havia duas opções: a rota via Turquia ou via Rússia. Para tal precisava da ajuda de traficantes profissionais. O voo foi via Rússia e Ucrânia e chegou à Áustria dois meses depois. De lá, foi para Hamburgo. Na Alemanha como ainda era menor, foi mantido sob proteção especial, vivendo numa situação supervisionada especialmente para refugiados menores de idade. Ficou sob tutela do estado. Agora dependia dele moldar o seu futuro.

Se quer fazer alguma coisa, existe sempre uma oportunidade!

A ESCOLA FOI TUDO

Sadat começou a escola após 4 meses de permanência em Hamburgo. Foi frequentar uma escola profissional, numa classe especial para refugiados/migrantes. A escola na Alemanha era muito diferente da que tinha frequentado no Afeganistão: novos assuntos, novas palavras e diferentes formas de ensino e aprendizagem. Não havia nenhuma ajuda adicional com exceção de matemática, da qual ele não necessitava. Era difícil a concentração na escola porque a sua situação no centro de alojamento estava longe de ser ideal: muitas vezes não conseguia dormir porque havia muito barulho durante a noite. Teria sido fácil dizer a si mesmo: não consegui dormir a noite toda, ficarei em casa e não vou à escola. Mas essa não era a maneira de Sadat: ele via como a sua única opção, a luta contra os obstáculos. Na sua opinião, existem apenas duas maneiras de reagir para enfrentar um problema: combatê-lo ou

AS HISTÓRIAS: SADAT

perder. Isso significava: que lutar contra os obstáculos era o único caminho para o sucesso.

Sadat amava a sua escola, os seus professores e o ambiente escolar. Realmente destacou-se na escola: em menos de dois anos, fez o exame para o ensino médio e conseguiu, até obteve uma nota de 1,8 em Alemão (1 sendo o melhor). No dia da formatura ofereceu-se para realizar um discurso durante a cerimónia.

Ainda mantém o contato com os seus professores, que estão muito orgulhosos do seu sucesso. Um sucesso merecido porque Sadat sempre se esforçou muito e trabalhou arduamente.

AJUDANDO OUTROS NO IDIOMA E COM ACONSELHAMENTO

Depois de sair da escola profissional, Sadat tinha duas opções: iniciar uma formação profissional ou ir para escola mais 2-3 anos e obter o "Abitur" para ingressar na universidade. Este era o seu sonho, estudar economia numa universidade. Daí ter decidido ir para a escola continuar a sua educação por mais alguns anos. Não é fácil acompanhar todas as exigências na nova escola, não conhecia ninguém, ainda não está habituado à cultura alemã e as ajudas são escassas. Mas os seus colegas alemães e os seus novos professores são muito encorajadores e nunca experimentou nenhum preconceito na nova escola. Foi colocado numa aula regular, o que significava que alguns assuntos (como a língua Espanhola) eram completamente novos para ele. Também novo era o facto de que na Alemanha os meninos e as meninas serem ensinados na mesma classe. Mas trabalha arduamente e planeia os seus estudos

**Se
ficar difícil,
mantenha a cabeça
erguida e
atravesse!**

cuidadosamente, em termos de tempo, tarefas e objetivos. Está sempre a planear os próximos passos. Sem pesquisa e o conselho de outros, é relutante em dar a sua opinião. "Pense duas vezes, fale uma vez" é o seu lema.

Há algum tempo atrás, teve de fazer uma apresentação na escola, que foi gravada. Decidiu enviar o vídeo para os seus pais, que, claro, ficaram muito orgulhosos.

Um dia foi a uma conferência na Academia de Polícia. Procuravam voluntários para atuar como tradutores e conselheiros em campos de refugiados. Nesta conferência, apresentou-se e mostrou o seu interesse. Foi depois abordado por um policial que lhe disse: "tem de vir para a força policial, estamos à procura de pessoas exatamente como você".

Não disse "não" e não disse "sim". Em vez disso, ponderou as suas opções, até fez o teste de entrada e passou. Porém, por enquanto está feliz com a sua decisão de permanecer na escola.

Mas como voluntário junto de jovens nos campos de refugiados, ele já é um modelo. Perguntam-lhe como agir da melhor maneira e a sua única resposta é: se tem um objetivo, tem de segui-lo e fazer um esforço real. Caso contrário, esqueça o seu objetivo.

**Aprender
significa
tudo para
mim!**

AS HISTÓRIAS: REZA



Nome próprio: **REZA**

Apelido: **GHOLAMI**

Idade: **29**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Grécia** desde: **2006**

RESUMO

Reza nasceu no Afeganistão, mas teve de sair do seu país duas vezes, antes de chegar à Grécia como refugiado. Durante a guerra civil e a invasão dos EUA no Afeganistão (2001-2002), mudou-se para o Paquistão, onde ficou três anos, antes de regressar a casa. Deixou novamente o seu país para o Irão, e finalmente chegou à Grécia, através da Turquia, em 2006, onde se estabeleceu e está integrado em grande medida.

“CONFIGURAÇÃO DA COMUNIDADE AFEGÃ EM ATENAS”

A HISTÓRIA DE REZA

Reza nasceu em Cabul, Afeganistão, e trabalhou lá, desde os 12 anos, como assistente de alfaiate. Na guerra civil, testemunhou a destruição das escolas no país pelos talibãs. Mudou-se para o Paquistão, onde permaneceu três anos a trabalhar e a frequentar uma escola. Regressou brevemente ao Afeganistão, antes de partir para o Irão quando tinha 17 anos de idade. Chegou à Grécia, através da Turquia, em 2006. Depois de chegar a Lesbos

num bote, em conjunto com outras quatro pessoas que encontrou na Turquia, foi mantido dez dias na ilha e depois libertado, com uma autorização de um mês. Chegou a Atenas, onde, com a ajuda de alguns afegãos, encontrou um lugar onde ficar e conseguiu trabalho. Trabalhou na construção civil, como electricista e assistente de canalizador, etc., antes de encontrar um trabalho mais estável como carpinteiro, que manteve por três anos e meio. O seu primeiro pedido para a obtenção do estatuto de refugiado foi rejeitado em 2006. Em 2007, começou a fazer cursos de grego num centro para refugiados e num programa especial organizado pela universidade grega. Enquanto o seu Grego melhorava, começou a perceber que precisava de chegar às pessoas e explicar a situação dos refugiados, de uma forma melhor e mais clara. Em 2010, reiniciou o ensino secundário, enquanto ainda trabalhava como carpinteiro. No mesmo ano, organizou um protesto, em conjunto com mais 100 pessoas, no centro de Atenas, exigindo que os seus pedidos de asilo fossem reexaminados; passou por uma nova entrevista com um comité recém-criado e finalmente foi reconhecido como refugiado em 2011. Mais tarde mudou de emprego e trabalhou como intérprete até 2015. Em 2015, Reza começou o seu próprio negócio, um restaurante, juntamente com outras pessoas.

Entretanto, ajudou a organizar uma das principais comunidades afegãs na Grécia, ativa desde 2011/12, que agora conta com 360 membros. Atualmente tenta ajudar outros refugiados a integrarem-se através da comunidade afegã, aconselhando os recém-chegados e tentando encorajá-los a melhorar as suas vidas. Entre outras coisas, a comunidade organiza eventos e realiza reuniões para ajudar as pessoas a encontrarem-se, mas

**Reza teve
que deixar o
Afeganistão duas
vezes.**

AS HISTÓRIAS: REZA

também para informar o público sobre questões de refugiados. Colaborou pessoalmente com o ACNUR e o UNICEF num esforço para educar as pessoas nas escolas sobre a situação e as necessidades dos refugiados.

CONFLITO

Reza teve que sair do Afeganistão duas vezes: a primeira vez por causa da guerra civil e da violência dos Talibãs que se seguiu e a segunda devido à perseguição sofrida por parte de líderes religiosos fanáticos, que o acusaram de não cumprir os seus deveres religiosos como muçulmano.

FUGA

Reza primeiro deixou o Afeganistão para ir para o Paquistão, onde permaneceu três anos. Ao regressar, e quando percebeu que não podia permanecer no Afeganistão, partiu para o Irão e de lá para a Turquia, onde atravessou para a Grécia, em 2006 (ilha de Lesbos).

**Trabalhou
com o
ACNUR e
a UNICEF**

PERTENÇA

Um aspecto realmente importante na estratégia de integração de Reza foi o de manter-se ativo, primeiro com a ajuda de outros membros da comunidade afegã e depois por conta própria, enquanto o seu domínio da língua grega melhorava. Percebeu que sua principal ferramenta para conseguir uma integração harmoniosa era aprender grego, no qual se concentrou desde o início. Desta forma, conseguiu não só terminar o ensino secundário, mas também passar os exames para ingressar na universidade grega (conseguiu entrar na universidade, mas como tinha que sair de Atenas,

o que não conseguia pagar, desistiu). Finalmente, o seu excelente grego foi fundamental para facilitar a sua integração e criar o seu próprio negócio.

AS HISTÓRIAS: GOODSON



Nome próprio: **GOODSON**

Apelido: **EZENAGU**

Idade: **28**

País de origem: **NIGÉRIA**

Vive na **Itália** desde: **2013**

RESUMO

Goodson Ezenagu nasceu em Alor, Nigéria. Tem uma irmã mais nova e frequentou a escola primária. Os pais morreram como resultado de conflitos entre as aldeias limítrofes com a cidade de Alor. Goodson tinha apenas 7 anos. Ele e a sua irmã foram criados pela avó e uma tia materna. Goodson começou a trabalhar aos 12 anos numa loja de roupas em Lagos.

“...O MEU GRANDE RECURSO FOI CONFIAR NAS PESSOAS QUE ENCONTREI AO LONGO DO MEU CAMINHO”

A HISTÓRIA DE GOODSON

Os pais de Goodson, agricultores, foram mortos na aldeia de Agoleri, por um grupo de guerrilheiros da cidade de Umuleri. Os conflitos eram frequentes entre aldeias, por questões étnicas e económicas. Uma noite entraram na sua casa, atacaram violentamente e mataram os seus pais, roubando as

colheitas e bens. A partir desta tragédia, ele e a sua irmã de 5 anos passaram a viver com a avó materna. Como não tinham recursos económicos, não puderam continuar os estudos. Passado um ano, Goodson foi morar com a tia materna em Onitsha, onde frequentou a escola primária. Aos 12 anos mudou-se para Lagos onde encontrou trabalho numa loja de roupas.

CONFLITO E FUGA

Em 2011, Goodson mudou-se para Maiduguri, capital do Estado de Borno, onde trabalhou como assistente de chefe num restaurante. A vida era muito difícil. Teve que suportar o sofrimento da sua família e a forte presença do grupo terrorista Boko Haram. Em abril de 2013, uma série de ataques na cidade de Baga, dentro do Estado de Borno, levou-o a partir para a Líbia. Goodson trabalhou na Líbia como pintor, muitas vezes sujeito a discriminação racial, mas não perde de vista o seu objetivo. Queria ganhar dinheiro para chegar a Itália e requerer aí asilo. Em agosto de 2013, com a esperança de morar em Itália, embarcou.

LUTA NA NOVA SOCIEDADE

Goodson desembarcou no litoral em agosto de 2013. Foi designado para um projeto de emergência executado por uma associação em Perugia chamado ‘Arcosolidarietà Ora d’Aria’. Integrou-se facilmente tanto na estrutura da instituição, quanto na comunidade local.

A associação apresentou um pedido de asilo, mas foi rejeitado.

Goodson apelou ao Tribunal Civil em Perugia e recebeu proteção subsidiária em 2015. Enquanto isso, juntou-se a um segundo “projeto de boas-vindas SPRAR para refugiados”, onde continuou a estudar a língua italiana.

O meu grande recurso foi confiar nas pessoas que encontrei ao longo do caminho.

AS HISTÓRIAS: GOODSON

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À SOCIEDADE

Goodson recebeu a proteção graças à inclusão no projeto 'SPRAR' e conseguiu obter um emprego no 'Restaurante Umbrò' em Perugia, um bem conhecido local de eventos culturais e sociais. Trabalha lá desde 2015 e é muito respeitado por todos os funcionários. O trabalho no restaurante facilita-lhe o contato com as pessoas locais, criando uma rede social e importantes amizades que lhe permitem enfrentar melhor o seu passado doloroso.

Vive sozinho em Perugia e continua a jogar futebol durante o tempo livre. Ainda pensa na sua terra natal, Nigéria, mas espera continuar a sua vida em Perugia, na Itália.

O meu grande recurso foi confiar nas pessoas que encontrei ao longo do meu caminho. Isso permitiu abrir-me e conhecer o "outro" sem medo.

**Isto
permitiu abrir-me
e conhecer o "outro"
sem medo.**

AS HISTÓRIAS: VUKASIN



Nome próprio: **VUKASIN**

Apelido: **NEDELJKOVIC**

Idade: **41**

País de origem: **SÉRVIA**

Vive na **Irlanda** desde: **2006**

RESUMO

Vukasin é casado, com filhos, e chegou à Irlanda em 2006 de Belgrado, Sérvia, procurando o estatuto de refugiado. Quando chegou, ficou alojado num centro de refugiados. Achou muito difícil, no início, lidar com o novo ambiente. A sua estratégia para enfrentar a situação melhorou quando lhe foi possível usar a sua formação criativa anterior em Artes - possui um bacharelato em fotografia, dos seus estudos em Belgrado. Começou a tirar fotos e realizou entrevistas em vídeo de outros requerentes de asilo. Este processo criativo ajudou a lidar com “o encarceramento e confinamento”, tratamento de forte condenação que o governo irlandês tem para com os requerentes de asilo. Após vários anos, Vukasin finalmente obteve os seus papéis e permissão para permanecer na Irlanda. Fez um mestrado no IADT. Continuou a documentar esses centros e a trabalhar na representação visual dos pedidos de asilo e da prestação direta de serviços na Irlanda. Está atualmente a trabalhar no seu doutoramento na DIT/ Dublin, com base na sua própria experiência.

“... A MINHA ENTREVISTA NA RÁDIO, TRANSMITIDA AO VIVO, PARA TODA A SÉRVIA”

CONFLITO E FUGA DE BELGRADO

Vukasin era um estudante em Belgrado no auge da guerra das Balcãs, no período entre 1991 e 1999. A Sérvia fazia parte da República Socialista Federal da Jugoslávia, que se desmantelou em 1992. A Sérvia era dominada por Slobodan Milosevic como Presidente da Sérvia. Milosovic foi implacável com os opositores ao seu partido sérvio, e assumiu o controlo direto das forças armadas e de segurança em 1997.

Na época, Vukasin era ativo contra Milosovic e era alvo de forças de segurança em Belgrado. Foi encarcerado e torturado. O que provocou a sua prisão foi uma entrevista de rádio que deu em 1996, transmitida em toda a Sérvia, em que condenou Milosovic e a sua política. Como resultado do tratamento sofrido às mãos das forças de segurança, Vukasin ficou traumatizado e sofreu “perturbação de stress pós-traumático” (PSPT), diagnóstico muito comum em pessoas que sobrevivem a guerras prolongadas, como a da Jugoslávia, que durou 10 anos. Depois da sua libertação, Vukasin, aconselhado por familiares e amigos, fugiu de Belgrado, tendo morado em vários locais até chegar à Irlanda, em 2006, em busca de Asilo e da cidadania irlandesa.

Todos os que estão no sistema, devem ser autorizados a ficar

LUTA NA NOVA SOCIEDADE

Para além da documentação visual do seu quotidiano do tempo em que viveu no centro de refugiados na Irlanda, entre 2007 e 2009, Vukasin procurou

AS HISTÓRIAS: VUKASIN

sempre mais educação, como forma de conseguir uma vida melhor para si e sua família. Assim que lhe foi possível, começou e completou um mestrado em Prática de Artes Visuais no Instituto de Artes, Design & Tecnologia (IADT). Vukasin está atualmente a trabalhar no seu doutoramento em DIT, em Aungier Street, Dublin. Tem uma família e acha muito difícil trabalhar, cuidar dos filhos e estudar ao mesmo tempo. Tem também problemas financeiros, pois está a financiar os seus próprios estudos, depois de um apoio de dois anos. Está a tentar encontrar novos financiamentos para os próximos anos. Abordou-se o tema do contributo ou resposta da Irlanda à crise dos refugiados que se abateu sobre a Europa e quão pouco um país tão rico como a Irlanda tem feito para ajudar a situação. A este propósito, Vukasin afirmou:

“Eu acho que a Irlanda está realmente numa posição em que podia autorizar os 4.500 mil pessoas que estão no sistema a ficar no país, sem mais demoras ou consequências. Eu não lhe chamaria uma amnistia...mas acho que todos os que estão no sistema devem poder ficar e assim poderíamos fechar os centros de assistência direta e abrir um novo capítulo. Todos juntos, sentados à mesa, e dizer qual é a melhor maneira de proceder no futuro com as novas pessoas que chegam? Mas o problema é que as pessoas não estão a chegar... Muito poucos, na realidade... Considero que a mensagem que foi enviada para aqueles países onde as pessoas procuram asilo, de onde são as pessoas, é muito, muito negativa sobre a Irlanda. A Irlanda conseguiu isso. Se um amigo de um país devastado pela guerra, me dissesse: “Eu gostaria de ir para a Irlanda para procurar asilo”, eu dir-lhe-ia que talvez fosse melhor escolher um outro país para requerer o estatuto de refugiado. Penso que esta mensagem foi enviada para África, para o Médio Oriente, para a Síria e para países com conflitos - de modo que é problemático. E depois na Irlanda temos um clima difícil e as pessoas também não estão habituadas a este tipo de clima. E geograficamente é muito

difícil chegar à Irlanda porque é uma ilha... É triste pensar que cada vez menos pessoas vêm para cá... Penso que a Irlanda podia beneficiar mais do multiculturalismo”. “Neste aspeto, não sinto orgulho em ser irlandês e peço desculpas por não podermos mudar o clima na Irlanda, mas certamente podemos mudar a nossa atitude em relação aos refugiados e conceder a todos os que estão legais a cidadania irlandesa com carácter de urgência”.

Recebi muito apoio moral para continuar.

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À SOCIEDADE

Vukasin é casado, está instalado na Irlanda e tem um forte sentimento de pertença, apesar das recentes dificuldades nos estudos. Tem sido importante toda a ajuda e apoio que recebeu até à data:

“Eu tive um apoio realmente incrível, o Facebook por exemplo, as redes sociais realmente desempenharam um papel importante no arquivo sobre o asilo, no meu trabalho de projeto. A ajuda que recebo de académicos, artistas visuais, ativistas...é tremenda. E assim podemos partilhar esse apoio... e apoio da minha família, da minha esposa e crianças e dos meus supervisores. Sim, eu obtive um grande apoio, não apoio financeiro. Apoio moral e encorajamento para continuar.”

“Os meus próximos passos? Bem, talvez, se eu puder completar o meu doutoramento, posso escrever um livro ou talvez um livro possa ser publicado a partir da tese. É algo que eu posso devolver à sociedade. E também penso em solicitar financiamento para um pós-doutoramento - talvez com foco em questões semelhantes, mas fora da Irlanda. Depois fazer análises comparativas, talvez. Porque acredito que vamos realmente encontrar muitas semelhanças, na forma como as pessoas marginalizadas e vulneráveis, são tratadas, em geral, Será uma forma de alertar governantes e decisores políticos e toda a sociedade poderá ser beneficiada”

AS HISTÓRIAS: RANKO



Nome próprio: **RANKO**

Apelido: **KRSTIČ**

Idade: **30**

País de origem: **BÓSNIA**

Vive na **Eslovénia** desde: **1993**

RESUMO

Ranko e a sua família viviam perto de Bihač. Quando a guerra eclodiu, o seu pai trabalhava na Eslovénia e a sua irmã vivia com ele. Em 1993, Ranko e a sua mãe juntaram-se à família na Eslovénia, como refugiados. Foi-lhes concedido um “cartão de refugiado temporário” que lhes deu acesso a cuidados médicos urgentes (mas sem cuidados dentários, etc.) e a outros direitos. Ranko não pôde, contudo, inscrever-se numa escola secundária à sua escolha, porque não tinha cidadania eslovena. Quando terminou os estudos secundários, começou a estudar medicina. Hoje ele é médico, prepara o seu exame de Estado. Casou com uma eslovena. Ranko sente-se aceite e respeitado profissionalmente. Emocionalmente não se sente integrado. É um modelo de refugiado, até certo ponto, porque está bem socializado. Faz o que se espera que faça, sendo motivado a partir do exterior. Mas emocionalmente, ele não pertence à Eslovénia... emocionalmente é uma pessoa deslocada. Quando se considera a chamada integração (se possível), o lado emocional deve também ser considerado.

“COMECEI A ADAPTAR-ME QUANDO CONHECI A MINHA FUTURA ESPOSA”

A família vivia perto de Bihač. De alguma forma Ranko teve sorte. O seu pai trabalhava na Eslovénia. Quando a guerra eclodiu, o seu pai e a irmã estavam na Eslovénia, enquanto Ranko e a sua mãe vieram mais tarde, em 1993, como refugiados. Os refugiados da Croácia e da Bósnia não eram tratados da mesma forma que os refugiados tradicionais, pelo que o seu estatuto não era bem claro. Os refugiados da Croácia eram tratados como pessoas deslocadas, enquanto os refugiados da Bósnia receberam o estatuto de “refugiado temporário”. Após a chegada, a Cruz Vermelha Eslovena registou-os. Receberam um cartão de registo que lhes dava acesso a diferentes formas de ajuda. Os refugiados da Bósnia não foram tratados de acordo com a Convenção de Genebra. Os seus direitos estavam limitados à assistência médica de urgência, o direito à educação, alimentação, alojamento e ajuda humanitária. Não lhes foi concedido o direito de trabalhar. Mais tarde, Ranko soube que 71% dos refugiados que vieram para a Eslovénia eram muçulmanos, 20% dos quais eram Croatas. Em 1997, deveriam ter voltado para a Bósnia, mas a sua casa na Bósnia tinha sido destruída, pelo que não foi possível o regresso. Resolveram ficar na Eslovénia. Ranko foi sempre um bom aluno, na escola primária, secundária, e também na Universidade. Fez tudo o que se esperava dele, mas de alguma forma emocionalmente não conseguia adaptar-se. Hoje, Ranko é médico. Profissionalmente é apreciado e está totalmente integrado, mas emocionalmente, bem, ele não sabe. Só começou a sentir-se mais integrado quando conheceu a sua futura esposa, que é eslovena, tendo sido bem aceite pelos seus amigos e familiares. Acha que isso não é por causa de quem ele é, mas do que faz profissionalmente. Pensa que tudo isto é culpa dele, que de alguma forma é especial e quer o impossível.

AS HISTÓRIAS: RANKO

CONFLITO

Ranko não quer lembrar, nem descrever os tempos da guerra. Prefere falar sobre os seus sentimentos. Diz que talvez se possa perceber como uma criança se sente quando, de repente, é privada de pequenas e grandes coisas ao mesmo tempo. Uma criança que de repente perde os seus amigos, a casa, professores, colegas de escola e vizinhos. Perde também a segurança da sua rua, o parque infantil onde brincava com o seu melhor amigo. Uma criança que foge porque se sente ameaçada. Uma criança que tem pesadelos, só que seus pesadelos são especiais. Não pode acordar e esquecer-se deles. Uma criança que não consegue entender muito bem o que está a acontecer à sua volta. Só pode esperar que tudo acabe em breve. Uma criança que teme pela vida do seu pai, da sua mãe e da sua irmã, mais do que teme pela sua. Essa criança aprende depressa a esquecer que está frio lá fora, que está com sono ou com fome. Essa criança tenta ser corajosa. Essa criança cresce tão rapidamente. Mas as suas experiências permanecem seladas na sua alma, para sempre.

FUGA

Ranko e a sua mãe tiveram que esperar algum tempo para partir para a Eslovénia e juntar-se ao pai e irmã. Um dia entraram num autocarro e foram magicamente evacuados. Foi em 1993. Levaram alguma bagagem com eles, não muita. Alguns alimentos, e uma torta de vegetais caseiros (*Bosn. Pita zeljanica*), e não sabiam que iam embora por muito tempo. Depois, o autocarro parou na fronteira. A mãe de Ranko não tinha passaporte, nem Ranko, que era um rapazinho para quem esta era a primeira viagem “ao estrangeiro”. Tinham um tipo de certificado que provava que o pai trabalhava na Eslovénia e que cuidaria deles. Quando chegaram a Ljubljana, o seu pai e irmã esperavam por eles, não sendo necessário irem para um

centro de refugiados. A sua fuga parecia uma viagem normal. Felizmente.

PERTENÇA

Ranko ainda não decidiu onde gostaria de viver. Acha normal que tenha terminado a escola primária, o ensino secundário, os estudos universitários, tenha começado a trabalhar. . . e se tenha casado. Por agora prepara-se para o exame de estado final, mais tarde, decidirá o seu futuro. “*Sempre o mesmo, verei mais tarde*”. Definitivamente gostaria de voltar para a Bósnia, se a situação política e económica na Bósnia melhorasse. Mantém-se em contato com a Bósnia. Tenta muito, mas não é fácil. Os seus amigos, os seus vizinhos, abandonaram o país. Bem, agora ele tem cidadania eslovena, porque o seu pai era cidadão esloveno. Agora, com um novo passaporte, viajar tornou-se fácil. Antes, por exemplo, fez uma viagem no final do bacharelato com a sua turma e precisou de vários tipos de vistos. Bem, pensa que começou a ter um sentimento de pertença à Eslovénia quando conheceu a sua futura esposa, os seus amigos e familiares. Teve algumas dificuldades quando começou à procura de emprego. Sentiu que os candidatos eslovenos eram melhor aceites. Mas esta não foi a regra! Onde trabalha agora, o chefe aceitaria qualquer pessoa com a condição de que trabalhasse arduamente e tivesse o conhecimento e as competências que são necessárias.

Sentiu-se discriminado quando quis matricular-se na escola primária e disseram que não era possível porque ele não tinha a cidadania eslovena. E o seu pai matriculou-o numa escola secundária técnica, o que foi bom, mas não o interessou. Depois inscreveu-se na Faculdade de engenharia mecânica apenas para descobrir que não era o

**Encontrar
o que nos atrai
é muito importante
para a
perseverança.**

AS HISTÓRIAS: RANKO

que desejava. Decidiu então mudar-se para a Faculdade de Medicina. Durante os estudos a sua nota média foi muito alta - 9,1., em 10. Agora, no seu círculo de amigos, as pessoas são educadas e não há discriminação, não se sente discriminado. Mas está convencido que a sociedade eslovena é uma sociedade fechada. No que diz respeito às instituições e aos serviços públicos, não teve problemas particulares, apenas uma vez. Houve uma médica que lhe disse que não poderia tratá-lo, que devia voltar para a Bósnia onde ele pertencia. *“Hoje, o povo esloveno aceitou-me e não se importam com o meu leve sotaque. Provavelmente porque eu sou médico e estou bem profissionalmente. Por essa razão, sou aceite. Emocionalmente? Eu não sei. Emocionalmente, eu pertenço à Bósnia, à Croácia, ou não pertenço a nenhum lugar. Eu diria que os eslovenos querem ter, possuir, progredir... Como devo dizer? São mais orientados para os negócios “*

MARCOS E ESTRATÉGIAS DE APOIO À INCLUSÃO

Existem vários marcos. A sua família vivia na Eslovénia e foi solidária quando chegou com a sua mãe. Foi importante a concessão da cidadania eslovena. Um marco importante foi o não ter ficado na Faculdade de engenharia mecânica, e decidido estudar medicina, pela qual se sentia atraído. Também foi importante ter encontrado a sua esposa eslovena.

Mas Ranko salienta que a inclusão emocional na sociedade eslovena é difícil, particularmente para alguém que não é do meio urbano e vem da Bósnia, onde os relacionamentos são cultivados diariamente.

**Emocionalmente?
Eu pertenço à Bósnia,
ou à Croácia. Ou a
nenhum lugar.**

AS HISTÓRIAS: FELIX



Nome próprio: **FELIX**

Apelido: **MAFUTA AGANZE**

Idade: **30**

País de origem: **REPÚBLICA
DEMOCRÁTICA DO CONGO**

Vive em **Portugal** desde: **2015**

RESUMO

Felix Mafuta Aganze, Congolês, gestor de transportes, 30 anos, casado com dois filhos, desertor das forças rebeldes, fugiu da República Democrática do Congo (RDC) para sobreviver. Chegou a Portugal em 2015, depois de uma longa viagem que passou pelo Ruanda, a Rússia e a Finlândia. Receia pela vida dos seus dois filhos que permanecem na RDC e desconhece o paradeiro da sua mulher, que foi sequestrada. Tenta esquecer a sua dor, com uma intensa atividade em Portugal, que inclui, para além de serviços de atendimento ao cliente numa empresa, o estudo da língua portuguesa, a atividade teatral e a responsabilidade pela biblioteca do Conselho Português para os Refugiados (CPR). Prepara-se para fazer um novo curso em ciências sociais, aprende a viver sozinho e a realizar tarefas domésticas e aspira a partilhar a sua história e experiências, porque acredita que podem ser úteis para outrem. Esperançosamente, estes segundos passos serão bons!

**“QUEM VIVEU OS PRIMEIROS PASSOS
E FOI MAU, COMO EU, PODE VIVER
OS SEGUNDOS PASSOS E SER BOM”**

CONFLITO

A RDC vive uma sangrenta guerra civil há mais de 20 anos. Uma luta entre grupos rebeldes e forças leais ao governo, num emaranhado de etnicidades e grupos raciais, que já matou mais de 6 milhões de pessoas. Os ataques à população civil com execuções, violações e sequestros são frequentes.

Felix morava numa pequena aldeia no norte do Congo, que foi atacada por um grupo rebelde. Quase todos os habitantes da aldeia foram mortos ou sequestrados. Felix e a sua mulher foram sequestrados. Para não ser executado, Felix viu-se forçado a lutar ao lado dos rebeldes durante 18 meses. *“Um dia, ao atacar uma aldeia, as forças leais ao governo estavam à nossa espera”*. O ataque foi fortemente repellido. Felix e os seus companheiros tiveram de bater em retirada. Felix aproveitou a debandada e fugiu para o Ruanda. Quanto à sua mulher, desconhece, até hoje, o seu paradeiro. Os dois filhos de Felix ficaram com a sua mãe.

**Fugi
e andei até
atravessar
a fronteira, para
sobreviver.**

FUGA E CHEGADA EM PORTUGAL

Assim que fugiu, Felix iniciou uma caminhada em direção à fronteira Ruandesa. Depois de atravessar a fronteira, encontrou uma instituição de sacerdotes russos, que, de início, desconfiaram dele. Sabiam que ele lutara pelos rebeldes, mas não tinham a certeza sobre a veracidade

AS HISTÓRIAS: FELIX

da sua história. Os sacerdotes contactaram uma outra instituição religiosa no Congo para verificar a sinceridade do Felix.

Através dos sacerdotes do Congo, Felix obteve também a confirmação de que os seus filhos estavam vivos e a morar com a sua mãe. Soube então que um casal finlandês tinha enviado algum dinheiro à sua mãe para que ela pudesse fugir com as crianças para a capital, Kinshasa. Vivem hoje lá, mas Felix continua a temer pela segurança da sua família, uma vez que *“A guerra continua!”*.

Acompanhado por um sacerdote russo e através da instituição católica a que o sacerdote pertencia, Felix foi então para a Rússia. Já no país, foi aconselhado e ajudado pelos sacerdotes a solicitar o estatuto de refugiado. Este pedido foi rejeitado pelo governo russo, mas foi-lhe recomendado a candidatura à obtenção de um visto temporário na Finlândia, o que foi feito e aceite pela embaixada da Finlândia. Chegou à Finlândia com um visto temporário, mas não conseguiu o estatuto de refugiado no país.

Foi aconselhado então a solicitar asilo na embaixada de Portugal. O governo Português aceitou o pedido e concedeu-lhe o estatuto de refugiado. No final de 2015, Felix mudou-se para Portugal.

NOVA PERTENÇA E VIDA EM LISBOA

Chegou a Lisboa, sem saber muito sobre Portugal. O pouco que conhecia tinha-o aprendido nas aulas de geografia, nada mais. No início, foi muito difícil. *“Eu estava sozinho e não conseguia comunicar em Português”*. Foi encaminhado para o CPR¹, onde iniciou

**Tive de
abrir-me à sociedade
de acolhimento
e desejar
integrar-me.**

¹ <http://www.cpr.pt>

o estudo do Português. Começou a fazer amigos e obrigava-se a falar sempre Português com eles.

Descobriu no CPR uma biblioteca onde podia ler livros de literatura portuguesa. Como passava lá muito tempo, foi convidado para ser o responsável pela biblioteca do CPR.

Mais tarde foi também convidado a participar no teatro do CPR², atividade que mantém até hoje. *“Nunca pensei em ser um ator, e muito menos em fazer teatro!”* Foi uma ótima forma de aprender português e também de refletir sobre a sua vida passada. *“No teatro posso rir, falar, conversar com os outros. Posso comunicar quem eu era e quem sou agora”*.

“A minha história pode ajudar muitas pessoas. Quando cheguei pensei que nunca poderia viver como vivo hoje. Consegui integrar-me e acho que tenho um ótimo futuro”.

Trabalha atualmente numa empresa de apoio ao cliente (Mac Call Center). Dá informações aos clientes em francês sobre telemóveis, *tablets* e computadores.

Também descobriu outras formas de vida. Aqui as mulheres, ao contrário do que acontece no seu país, partilham o trabalho de casa. *“Então eu tive de aprender a cuidar da casa, cozinhar, coisas que um homem no meu país não fazem. As mulheres ficam cansadas da mesma maneira que os homens, logo nós temos de partilhar as tarefas de casa...”*

Tenta sempre estar ocupado, para *“não ter muito tempo para pensar sobre as minhas dores”*. Vive sozinho e durante os tempos livres lê, estuda e caminha. Está a terminar o nível 2 de Português na Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, o que lhe permitirá frequentar um Curso em Ciências Sociais na Universidade.

² <http://refugiados.net/1cpr/www/refugiacto10anos.php>

AS HISTÓRIAS: FELIX

EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

Para além do teatro e do curso em ciências sociais, “eu gostaria de participar num grupo onde pudesse contar as minhas experiências e fazer com que as pessoas olhassem para os refugiados com olhos diferentes. . .

Quem viveu os primeiros passos e foi mau, como eu, pode viver os segundos passos e ser bom”.

**Ao partilhar
interesses comuns,
criei laços.**

³<http://www.fcsh.unl.pt/formacao-ao-longo-da-vida/cursos-de-linguas>

AS HISTÓRIAS: CONTEH



Nome próprio: **LAMIN**

Apelido: **CONTEH**

Idade: **22**

País de origem: **GÂMBIA**

Vive na **Itália** desde: **2014**

RESUMO

Nasceu na Gâmbia, e, aos 10 anos de idade, os pais de Conteh enviaram-no para a Mauritânia para estudar o Alcorão e o Árabe. Quando voltou para o Gâmbia, começou a trabalhar como professor. Com a vida em perigo, teve de sair do país. Depois de uma viagem muito difícil através da África Ocidental, Líbia e do Mar Mediterrâneo, finalmente chegou a Itália. Pouco a pouco, aprendeu o idioma e começou a entender o modo de vida na Itália. Conteh casou-se em 2016 e agora planeia um futuro melhor

“UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA”

A HISTÓRIA DE CONTEH

Conteh nasceu no Gâmbia. O seu pai era um homem de negócios e um praticante de medicina tradicional. Aos 10 anos, a sua família enviou-o para a Mauritânia para estudar o Alcorão e a língua Árabe. Tinha um projeto em mente: criar uma escola na sua cidade para crianças que não podiam pagar as propinas escolares. Aos 17 anos regressou à Gâmbia e começou a preparar-se para o seu projeto, trabalhando numa escola na cidade onde nasceu, Bundung.

CONFLITO E FUGA

Algum tempo depois, Conteh começou a ter problemas que não poderiam ser resolvidos pelas instituições, porque no seu país existe muita corrupção e injustiça. A situação cada vez ficava pior, até que a sua vida corria perigo, pelo que teve de sair da Gâmbia.

Viajou por diferentes países da África Ocidental, do Senegal ao Mali de autocarro; do Mali para Burkina Faso, e depois para o Nigéria. Então, soube que a guerra na Líbia tinha terminado, pelo que decidiu ir até lá. Pensou que conseguiria trabalhar lá com os seus conhecimentos religiosos e de língua árabe.

Mas, foi uma má decisão. Um verdadeiro pesadelo começou quando teve de fazer uma viagem pelo deserto. Sofreu com uma travessia terrível e mortalmente perigosa. Viajou num camião tão cheio de pessoas que quase não podia respirar. Algumas pessoas morreram. Não tinham água para beber.

Os traficantes disseram-lhes que seria uma viagem de um dia, mas na verdade, foi uma semana inteira. A primeira cidade a que chegou foi Gadron, onde começou a arrepender-se da sua decisão de ir para a Líbia. Foi sequestrado com outras pessoas. Pensaram que ele não sabia falar o seu idioma, mas Conteh podia entendê-los e percebeu que queriam vendê-los a alguém. Conteh e os seus companheiros decidiram tentar fugir. Encontraram uma forma, mas não poderiam permanecer naquela cidade, porque seriam encontrados, pelo que fugiram para Trípoli. Conteh descobriu que viver na Líbia era ainda mais perigoso do que na Gâmbia. Decidiu então atravessar o mar, que lhe pareceu a melhor solução, uma vez que voltar para trás já não era possível.

Conteh e os seus companheiros decidiram tentar fugir. Encontraram uma forma, mas não poderiam permanecer naquela cidade, porque seriam encontrados, pelo que fugiram para Trípoli. Conteh descobriu que viver na Líbia era ainda mais perigoso do que na Gâmbia. Decidiu então atravessar o mar, que lhe pareceu a melhor solução, uma vez que voltar para trás já não era possível.

Conteh e os seus companheiros decidiram tentar fugir. Encontraram uma forma, mas não poderiam permanecer naquela cidade, porque seriam encontrados, pelo que fugiram para Trípoli. Conteh descobriu que viver na Líbia era ainda mais perigoso do que na Gâmbia. Decidiu então atravessar o mar, que lhe pareceu a melhor solução, uma vez que voltar para trás já não era possível.

Sofreu com uma travessia terrível e mortalmente perigosa.

AS HISTÓRIAS: CONTEH

LUTA NA NOVA SOCIEDADE

Quando chegou a Itália, Conteh permaneceu algum tempo num acampamento, com muitas outras pessoas. Era difícil entender o que estava a acontecer, porque não lhes diziam nada sobre a organização e eram guardados pelo serviço de segurança. Um dia, Conteh e alguns outros foram levados pela polícia para o aeroporto num autocarro acompanhado por dois veículos policiais. Foram colocados num avião e nem sequer foram autorizados a ir à casa de banho. Conteh disse a si mesmo que não havia diferença entre de onde era e onde estava então. Mas graças a uma Associação e as pessoas que conheceu, as coisas começaram a melhorar.

Um professor começou a visitá-lo e a dar-lhe aulas de Italiano. No início, foi difícil porque na escola na Gâmbia, ele só aprendeu Inglês e Francês. Lutou para se aprimorar tanto quanto possível na língua italiana, para poder comunicar com as pessoas.

Conteh não sentiu grandes dificuldades. Tinha saído de seu país para estudar quando tinha dez anos, pelo que tinha experiência de viver no estrangeiro e lidar com novas culturas.

Permaneciam contudo algumas dificuldades, porque nem sempre as coisas estavam bem organizadas ou os compromissos eram cumpridos. Conteh e os seus companheiros tinham por vezes de pedir informações mais completas sobre a sua situação ou sobre o sistema italiano. Nestas situações, agiam sempre como um grupo. Agir em grupo permitiu superar as dificuldades em Itália e ajudou a entender melhor a cultura em que vivem. Têm agora vindo a encontrar pessoas generosas na cidade onde vivem.

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À SOCIEDADE

A
sua paixão
pelo teatro ajudou
a encontrar novos
amigos.

Pouco a pouco, Conteh conseguiu continuar a lidar com os seus interesses: ler, futebol, visitar novos amigos e ajudar as pessoas.

Também descobriu uma nova paixão pelo teatro. Isso permitiu conhecer novos amigos e também amigos italianos.

Com eles partilha conversas e refeições, mas também o comprometimento em atividades sociais.

Conteh ainda está a estudar Italiano, em paralelo com a obtenção de certificados e qualificações italianas de forma a melhorar as suas oportunidades de trabalho. De momento trabalha como mediador cultural para a Associação que o recebeu no início. Gosta desse trabalho, embora às vezes seja difícil lidar com todas as diferentes situações que enfrenta.

Em 2016, Conteh conheceu uma italiana, com quem se casou mais tarde naquele mesmo ano. Planeiam um futuro na Itália e na Gâmbia.

AS HISTÓRIAS: ABDUL



Nome próprio: **ABDUL**

Apelido: **KHALED**

Idade: **36**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Grécia** desde: **2002**

RESUMO

Abdul nasceu numa aldeia perto de Cabul, Afeganistão, em 1981. Tem uma irmã que mora no Reino Unido. A sua mãe ainda vive no Afeganistão e perdeu o pai, assassinado pelas suas convicções políticas. Depois da fuga do Afeganistão, passou por uma grande aventura antes de, finalmente, conseguir integrar-se na sociedade grega. A sua história, até considerar-se parte integrante da comunidade, é triste, mas cheia de vislumbres de esperança.

“TEM PASSAPORTE?”

A HISTÓRIA DE ABDUL

Abdul deixou o Afeganistão em 1999, enquanto ainda estava na escola, com a vida em perigo e na sequência do assassinato do seu pai, devido às suas convicções políticas. Passou sozinho a fronteira com o Irão e morou em Teerão dois anos e meio, numa casa de um familiar. Convencido de que não tinha lá futuro, já que não tinha direitos e oportunidades, abandonou o país e foi

para Istambul. Quando chegou à Turquia, encontrou alguns amigos afegãos que o ajudaram a arranjar trabalho de forma a obter dinheiro para comprar um pequeno barco insuflável, o seu “bilhete” para atravessar a fronteira marítima com a Grécia. Trabalhou na Turquia durante um mês. Alguns dos seus companheiros já conheciam o caminho para a fronteira e juntos foram até à praia. Era a primeira vez na sua vida que via o mar, estava ansioso, tanto mais que não sabia remar. Ele e os seus companheiros, entre eles Said, um afegão que conheceu em Istambul, esperaram até à noite. Said, fumava um cigarro, enquanto observava as luzes de Chios (uma ilha perto das fronteiras) e dizia a Abdul que no dia seguinte já se encontrariam na Europa.

A PASSAGEM PARA A EUROPA

Juntamente com outras 13 pessoas, embarcaram em 3 barcos (ele estava com uma família de cinco pessoas - uma mãe e quatro filhos) à 1:00 da noite e começaram a sua viagem através do Mar Egeu. Depois de algumas horas, viram ondas muito grandes a virem para os barcos e Abdul, sendo o único homem no seu barco, tentou assumir o controlo, mas não conseguiu virar o barco. Como resultado, a água atingiu o barco, mas, felizmente, não o afundou. Após a passagem da tempestade, desconheciam a posição dos outros barcos. Estavam exaustos, mas quando avistaram a praia, a esperança renasceu. Chegaram a Chios às 10:00 horas da manhã, continuando a desconhecer o paradeiro dos outros barcos. Pararam num café junto à praia para comprar algo para comer. Alguém do café chamou a polícia e em 10 minutos, chegaram dois policiais: “*Tem o seu passaporte?*”. Foi a primeira frase que ouviu. Não sabia o que era um passaporte, já que tinha saído ilegalmente de uma zona de guerra, e

A esposa do meu empregador cozinhava uma refeição todos os dias para nós.

AS HISTÓRIAS: ADBUL

desconhecia em absoluto os procedimentos oficiais. Respondeu: “*Eu sou do Afeganistão*”, eles pediram novamente o passaporte, respondeu não e Abdul, juntamente com a família (com as crianças e a mãe a chorar), entraram no carro da polícia. O polícia abriu a porta do carro e disse “bem-vindo”. Abdul pensou que era a primeira vez que alguém era tão gentil com ele e começou a ter esperanças de estar num país europeu, com autoridades gentis, úteis e que tratam os outros com dignidade. Quando chegou à esquadra, o chefe da unidade, com a ajuda de um intérprete iraniano, perguntou-lhe se sabia onde estavam os outros barcos. Como ele não sabia, começou a gritar e a empurrá-lo. Ficou preso na esquadra, com outros refugiados, e, embora estivesse quente lá fora, ligaram o ar condicionado na temperatura mais elevada, o que fez da sua estadia na cela, durante 2 noites, um verdadeiro inferno. Depois foi transferido para um campo gerido pela ACNUR, onde estavam também outros afegãos, e onde as condições eram mais humanas. Soube, mais tarde, que um dos dois outros barcos afundara e os passageiros foram resgatados por um navio egípcio, que viajava para o Bósforo. Todos estavam vivos, exceto Said que morreu afogado nas águas do mar Egeu.

Permaneceu no acampamento durante três meses e recebeu um documento que lhe permitiu viajar pela Grécia, junto com um bilhete para Atenas. Já em Atenas, visitou a Praça Victoria, onde outros refugiados permaneciam, e perguntou-lhes onde podia dormir. Estava verdadeiramente exausto. Enviaram-no para um parque, onde dormiam outras pessoas, nos bancos e no chão. Sentia-se perdido, sem esperança, e não podia acreditar no estado em que vivia. Alguns dos refugiados estavam hospedados numa casa abandonada, onde tentou ficar. Mas a sua entrada foi proibida e não o deixaram lá ficar. Depois de alguns dias a dormir ao relento, e tendo perdido a esperança,

um empregador, que explorava ilegalmente o trabalho de refugiados, sem seguro e segurança social, pagando 5€ por doze horas de trabalho, propôs a Abdul um trabalho fora de Atenas. Sendo esta a sua única opção, Abdul foi para Tebas trabalhar nas colheitas, numa região agrícola. Chegou já de noite a um lugar com tendas, onde já se encontravam outros Afegãos a dormir no chão. No entanto, estava feliz, porque finalmente encontrava alguém do seu país que estava na mesma situação. No dia seguinte, foi transferido para um campo para colher tomates, com pessoas desconhecidas, sob um sol escaldante. Depois de duas semanas dessa rotina, o trabalho acabou e foram informados que deveriam desmontar as tendas. Entretanto, Abdul e os seus companheiros encontraram outro patrão e uma casa abandonada para ficar. Não tinham eletricidade, nem água, acendiam fogueiras quando queriam cozinhar ou aquecer-se. Uma noite, quando já não conseguia suportar por mais tempo a sujidade que sentia no seu corpo, encontrou uma poça de água da chuva no terraço da casa, com que se lavou. Passou 5 meses em Tebas e este último empregador pagou-lhe apenas metade do valor acordado.

TENTATIVA DE FUGA DA GRÉCIA

Não aguentando mais a situação, Abdul decidiu deixar o país e ir para a Itália. Viajou para Patras (de onde partiam os navios para Itália) e passou a primeira noite debaixo das estrelas. Recebia diariamente uma refeição da igreja e estava a tentar encontrar uma forma de embarcar ilegalmente, já que não tinha papéis. Um dia, tentou esconder-se no chão de um camião que ia para Itália. Quando um polícia o encontrou durante um controle ao camião, começou a bater-lhe com socos e pontapés na cabeça. Começou a gritar e o polícia deixou-o sozinho. Perdendo a esperança de deixar a Grécia, ele com mais cinco companheiros, foram para Esparta, onde conseguiram

AS HISTÓRIAS: ABDUL

trabalho nos campos, a colher laranjas. Permaneceu lá 8 meses e depois regressou a Atenas (em 2004). Tentou requerer o estatuto de refugiado, mas os refugiados eram espancados na esquadra de polícia, pelo que abandonou a ideia. De volta ao parque, é-lhe proposto ficar num apartamento com mais 14 refugiados, por 65€ por mês! Através dos seus companheiros de quarto, conseguiu encontrar um emprego, colocando telhas em casas, como membro de uma equipa de trabalho, gerida por um homem muito bom, Sr. Nikos, que era grego e o ajudou muito na aprendizagem das competências necessárias para o trabalho e na língua. A esposa do Sr. Nikos cozinhava todos os dias uma refeição para o Abdul. O Sr. Nikos ajudou no seu desenvolvimento profissional e posteriormente no estabelecimento do seu próprio negócio de colocação de telhas, em 2006, quando Abdul recebeu o cartão de refugiado, obrigatório para a emissão dos seus documentos (conta bancária, número de segurança social, etc). Abdul geria uma equipa de quatro pessoas na sua empresa, comprou um carro, e vivia com dignidade numa bela casa.

**Não me
queixo dos maus
momentos, eles
fizeram-me mais
forte.**

A CRISE FINANCEIRA NA GRÉCIA

A economia grega foi duramente atingida pela crise económica, facto que também afetou o negócio de Abdul. Deixou de conseguir pagar os empréstimos contraídos e os salários dos seus funcionários, e, no prazo de um ano, tinha perdido praticamente tudo. Decidiu de novo abandonar a Grécia, mas desta vez com algumas poupanças no bolso (cerca de 1500€), decidiu seguir uma rota alternativa, não de Itália, mas a partir de FYROM (a antiga República Jugoslava da Macedónia), com mais três amigos. Na fronteira entre FYROM e a Sérvia, foram apanhados, ameaçados e roubados pelas autoridades Sérvias,

e, finalmente, reenviados de volta para a Grécia. Assim que chegaram à Grécia, voltaram para FYROM e conseguiram passar a fronteira com a Sérvia. Na Sérvia, alguns traficantes propuseram-lhes a passagem de táxi para a Hungria, pedindo a cada um deles 500€. Pagaram o que foi pedido, mas, os sérvios deslocaram o grupo para o Kosovo, em vez da Hungria (!). Disseram-lhes para abandonar o carro num local onde alguns homens armados os prenderam e revistaram, para tentar encontrar dinheiro. Como já não tinham nada, libertaram-nos.

Abdul conseguiu entrar num comboio em direção à Áustria. Durante a viagem, o revisor pediu-lhe o passaporte. Abdul só tinha o seu cartão de refugiado, já caducado. Do comboio foi levado para um departamento de polícia em Viena e posteriormente transferido, de autoridade em autoridade, de campo em campo, durante 45 dias. Quando descobriram que tinha partido da Grécia, foi deportado para Atenas. Sentiu-se como se estivesse no Afeganistão, na sua cidade natal. Sentiu-se livre.

FAZER PARTE DA COMUNIDADE

Em 2012, obteve o estatuto de refugiado e juntou-se à comunidade afegã em Atenas. Como membro da Direção, decidiu ajudar outras pessoas a integrarem-se na sociedade grega e a evitar situações semelhantes às que ele viveu. Inscreveu-se num curso *on-line* de grego, oferecido pela Universidade de Atenas. Através da comunidade afegã conseguiu encontrar um emprego numa empresa de publicidade, colocando anúncios de *plexiglass*. Dois anos depois, inscreveu-se numa escola secundária e, apesar de não ter documentos, o diretor da escola comunicou com o Ministério da Educação, que confirmou que poderia frequentar as aulas e o apoiou nas suas dificuldades escolares. Na primeira vez que ouviu o sino da escola tocar,

AS HISTÓRIAS: ADBUL

depois de 19 anos, as vozes e o riso de seus colegas de turma, sentiu que tinha nascido de novo. Entretanto, deixou o trabalho na empresa de publicidade e integrou o departamento de intérpretes no Programa Ecuménico de Refugiados, em Atenas. Na comunidade, é responsável pelos projetos culturais. Também dá orientações e informações aos recém-chegados sobre a obtenção dos documentos necessários para se matricularem na escola. Somente este ano, sob a sua orientação, 6 refugiados registaram-se em escolas gregas e encorajou os membros da comunidade a envolverem-se em ações e atividades que os irão ajudar na integração na sociedade grega. Após a sua aventura de quinze anos desde que pisou o solo Grego, afirma que a sua integração foi difícil, mas valeu a pena. *“A língua é a própria identidade. Quando se fala o mesmo idioma que a sociedade em que se vive, e a atitude é agradável, ninguém o julga pela aparência ou cor, ninguém o vê como estrangeiro. Conheci muitos gregos que me trataram muito bem e não me queixo pelos maus momentos que passei, são estes momentos que nos tornam mais forte”*. Atualmente está noivo, espera criar a sua família em Atenas e aguarda a obtenção da cidadania grega. Planeia também passar nos exames de ingresso à Universidade e adquirir os saberes e as capacidades necessárias para um trabalho que lhe permita ajudar outras pessoas e tornar a sociedade melhor.

AS HISTÓRIAS: SBAH



Nome próprio: **SHEIKHOMAR**

Apelido: **BAH**

Idade: **20**

País de origem: **GÂMBIA**

Vive na **Itália** desde: **2014**

RESUMO

Sheikhoma Bah (Sbah) nasceu na Gâmbia. Abandonou o seu país devido a problemas que ocorreram na família do seu pai. Deixou a Gâmbia em busca de uma vida melhor e mais pacífica. Viajou da Gâmbia para a Líbia e então tomou a decisão de pagar um barco para a Europa. Navegaram durante três dias no Mar Mediterrâneo, sem saber onde estavam ou para onde iam. No quarto dia foram resgatados por um navio e levados para Itália.

“... FAÇO O AMOR CHOVER”

A HISTÓRIA DE SBAH

Sheikhomar Bah é originário da Gâmbia. Deixou o seu país devido a problemas que ocorreram na família do seu pai, relativas a uma disputa de terras, dadas ao seu pai pelo avô, antes de morrer. O tio de Sbah e os irmãos do pai, não estavam satisfeitos com essa decisão e decidiram discutir e lutar com o pai de Sbah, para que pudessem ficar com as terras. Inicialmente decidem conversar

com o meu pai sobre as terras para tentar chegar a um acordo, mas tal não foi possível. Mais tarde, chamaram-no para uma reunião a realizar-se à noite. Sbah pediu ao pai que não fosse, sentiu que era inseguro e tarde demais para o encontro com os seus irmãos, pois não eram boas pessoas. O pai de Sbah disse-lhe para não se preocupar, que nada aconteceria e foi ao encontro dos irmãos. Mais tarde, naquela noite, o pai de Sbah voltou para casa com lesões que lhe foram infligidas pelos irmãos. Foi imediatamente levado para o hospital e feito um relatório policial contra os irmãos. Dias depois o pai de Sbah morreu no hospital devido aos ferimentos. Um ano depois, os irmãos do pai foram a sua casa para conversar com a mãe de Sbah sobre as propriedades e as terras do seu pai. A sua mãe disse-lhes para irem falar com Sheikhomar, uma vez que sendo o único filho do sexo masculino, tinha herdado as terras e as propriedades do seu pai. Sbah recusou-se a dar as terras aos seus tios, porque ele queria cuidar da sua mãe e ganhar dinheiro para a educação da sua irmã. Como resultado, Sbah ficou com medo que os seus tios o matassem, como tinham feito com o seu pai.

CONFLITO E FUGA

A mãe de Sbah disse-lhe para tentar sair do país para evitar o mesmo destino do seu pai. Não pensou duas vezes e seguiu o conselho da mãe. Ao fazê-lo, seria difícil a reivindicação das terras pelos tios, pois não seria possível fazer nenhum acordo enquanto Sbah estivesse noutro país. Deixou a Gâmbia em busca de uma vida melhor e mais pacífica.

Inicialmente, viajou para o Senegal. Percebeu rapidamente que era muito difícil morar no Senegal e mudou-se para o Mali, onde permaneceu algum tempo. Mas as oportunidades não eram muito melhores do que no Senegal

Os meus
amigos na Itália
vêm-me como um
irmão.

AS HISTÓRIAS: SBAH

e mudou-se de novo, desta vez para Burkina Fasso, onde ficou por um curto período de tempo. Aí conheceu algumas pessoas que pretendiam ir para a Líbia em busca de trabalho e de um futuro melhor. Para conseguir ir para a Líbia, Sbah foi trabalhar na Nigéria para arranjar o dinheiro para a viagem. Conseguiu assim pagar um autocarro para levá-lo à Líbia e finalmente para Trípoli. Sbah ficou surpreso com o sofrimento das pessoas que viviam na Líbia. Sbah tomou então a decisão de pagar um barco para a Europa. Durante três dias navegaram no Mar Mediterrâneo, sem saber onde estavam ou para onde iam. No quarto dia foram resgatados por um navio e levados para a Itália.

LUTA NA NOVA SOCIEDADE

Sbah, inicialmente, sentiu-se surpreendido pelo acolhimento na Itália. *“Foi um sonho tornado realidade, ver como os italianos me recebiam, foram muito bons para nós. Chegámos a Pozzallo, Sicília”*. Sbah e os outros passageiros, foram levados do barco para um acampamento de emergência, onde podiam comer, tomar banho e uma cama para dormir. *“Foi a coisa mais bonita que alguém já fez por mim, e as pessoas da Sicília foram muito boas para nós, fizeram-nos sentir em casa, foi a coisa mais linda”*. Depois, Sbah começou a aprender a língua que achou, no início, difícil e pensou que nunca conseguiria falar Italiano. Mudou-se para Foligno, por uns dias. Em Foligno, Sbah tentou ser simpático e amigável, mas sentiu-se humilhado pelas pessoas. *“Não é fácil ir a um lugar e esperar que todos gostem de nós. Claro que algumas pessoas vão gostar de nós, e outros não. Mas eu tento adotar a sua cultura”*. Sbah começou a ir à escola para continuar a aprender a língua. Atualmente é capaz de conversar com qualquer italiano sem sentir nenhum constrangimento. *“Eu amo a Itália. Adoro a sua cultura e adoro as pessoas”*.

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À SOCIEDADE

Atualmente, Sbah frequenta a escola em Foligno para completar a sua educação. Trabalha como ajudante de cozinheiro num restaurante local. Também é voluntário na ‘Caritas’ para ajudar outros refugiados a integrarem-se em Foligno. Já tem uma autorização para ficar na Itália com proteção humanitária, e gostaria de ser mecânico ou jogador de futebol. Integra um grupo de teatro no ZOE GARAGE / ZUT. Também faz parte de uma banda que mistura música tradicional africana com jazz, criada em Foligno em 2016, chamada ‘Gan Scorpions’. A banda é composta por cinco pessoas da Gâmbia e dois italianos, um deles um pianista de prestígio chamado Giovanni Guide. Sbah tem muitos amigos italianos em Foligno. Todos o vêem como um irmão, como um amigo.

“Eu lutei, coloquei a minha vida em risco para estar aqui e isso não significa que eu não amo o meu país. Eu amo o meu país mais do que qualquer outro lugar do mundo. Eu amo a minha família mais do que qualquer outra coisa e desejo sempre estar com eles. Mas não esquecer, quando se planeia algo, Deus também está a planejar outra coisa para nós.

Nunca desejei deixar a minha família, mas ninguém sabe o que acontecerá amanhã e as dificuldades que podem surgir. Quando os problemas vêm até nós, temos de os enfrentar porque a vida é muito mais preciosa.

Saí do meu país para minha própria segurança. Viajei tão longe. Aprendi muito com a viagem. Eu vi coisas que nunca esperei ver. Experimentei a vida. Aprendi a entender as pessoas. Aprendi a perceber o que está a acontecer em diferentes partes do mundo. Aprendi a amar. Agora, estou na Itália.

Aqui há pessoas que gostam de mim, outras não. Mas neste mundo não podemos ser amado por todos. Tenho uma razão para estar aqui. Algumas pessoas entendem, outros não. Param na rua e dizem “Negro, volta para o teu país”.

AS HISTÓRIAS: SBAH

Pessoas que não sabem amar. Pessoas que não sabem quanto a vida pode ser difícil. Sofre-se com estes comentários. Mas ainda assim, é necessário continuar a tentar reconstruir a própria vida. Eles não sabem que este mundo não vem com fronteiras, nós, os humanos, construímo-las para manter os outros longe. Hoje, muitas coisas más estão a acontecer neste mundo e é tudo por causa do ódio. Vamos tentar juntos construir amor e fazer o amor chover neste mundo. Como se costuma dizer: Unidos somos mais fortes, divididos cairemos. Vamos fazer o amor chover neste mundo “

**Quando
os problemas vierem,
tente enfrentá-los
porque a sua vida
é muito mais
preciosa.**

AS HISTÓRIAS: ARTAN



Nome próprio: **ARTAN**

Apelido: **CAMI**

Idade: **25**

País de origem: **ALBÂNIA**

Vive na **Itália** desde: **2005**

RESUMO

Artan era muito jovem quando foi obrigado a deixar a Albânia. Os seus pais decidiram que ele deveria mudar-se para Itália para ter um futuro melhor. A situação era muito perigosa à medida que os grupos criminosos se armavam e assumiam o controlo de cidades inteiras. No início, foi muito difícil adaptar-se ao novo ambiente, pois estava sozinho e era ainda muito jovem. No entanto, a sua determinação para superar os obstáculos levou-o aonde está agora. Construiu a sua vida na Itália e sente-se em casa.

“... À PROCURA DE RESPOSTAS”

A HISTÓRIA DE ARTAN – CONFLITO E FUGA

Artan tinha 12 anos quando foi forçado a sair do seu país. Era muito jovem para entender por que a sua vida tomava uma direção que não podia controlar. A abertura dos depósitos de armas do governo ocorreu no norte e centro da Albânia para proteção contra a violência do sul e por decisão do Presidente

Berisha. Quando as bases do sul da Albânia foram saqueadas, estimava-se que, em média, todos os homens com mais de dez anos de idade possuíam, pelo menos, uma arma de fogo e muitas munições. Durante a rebelião, 656.000 armas de vários tipos, juntamente com 1,5 mil milhões de cartuchos de munições, 3,5 milhões de granadas de mão e um milhão de minas terrestres, foram saqueadas de depósitos do exército.

Esta situação criou um grande medo entre os cidadãos. *“Lembro-me que o silêncio era quebrado à noite pelos tiros e a minha mãe tentava-me acalmar e proteger-me”*. Durante esse período, muitos amigos da família de Artan foram mortos. *“Não podíamos andar em paz nas ruas, as pessoas podiam matar ou morrer em qualquer momento”*. A zona onde Artan vivia era controlada por um gangue perigoso, traficantes de drogas e prostituição. As famílias estavam sempre muito assustadas.

Por essa situação, a família de Artan tentou fugir, mas a situação económica não lhes permitiu. A mãe de Artan descobriu que a Federação Albanesa de Futebol Tirana, em colaboração com partidos políticos corruptos, oferecia a possibilidade de menores saírem do país. O preço era de 4.000 Euros, uma enorme quantia naquele tempo. Ao pagar este montante, os menores poderiam ter uma semana de treino de futebol na Alemanha. A verdade era que quando as crianças partiam para a Alemanha, eram abandonadas em diferentes cidades da Itália, para que pudessem encontrar uma nova vida. Artan foi um deles. *“Eu tinha 12 anos, sozinho em Brindisi. Não entendia o que estava lá a fazer e porquê? Mas a minha mãe disse que eu ia para ter um futuro melhor.”*

A forte determinação de Artan para não viver com medo, foi o motor impulsor da sua integração

AS HISTÓRIAS: ARTAN

LUTA NA NOVA SOCIEDADE

“Demorou algum tempo para perceber a minha situação. Os meus pais acreditavam que eu ficaria mais feliz na Itália, mas eu não estava feliz. Perdi a minha família e amigos”.

Quando Artan chegou a Itália, não sabia falar a língua. Sentiu-se muito isolado durante vários anos. Estava assustado e ficou deprimido. Os Serviços Sociais levaram-no para um centro comunitário para menores de idade.

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À SOCIEDADE

Artan começou de imediato a estudar a língua italiana. *“Era muito frustrante não entender, mas eu queria e precisava aprender. Passei horas sozinho em frente da televisão a repetir em voz alta todas as palavras que ouvia, mesmo que não entendesse o seu significado”.* Artan queria aprender o idioma desesperadamente, para que pudesse perseguir os seus sonhos e ter um futuro melhor, para ele e para os seus pais.

Com a idade de 17 anos, Artan recebeu os documentos que lhe permitiam estudar. Artan já falava italiano fluentemente, e matriculou-se num curso de formação profissional de turismo de 3 anos, para se tornar um chefe. *“No curso, todos os alunos eram italianos. No início, senti que não pertencia àquela escola, mesmo que a minha determinação em estudar fosse muito grande.*

Depois, com o tempo, começaram a confiar em mim, Entenderam que eu não era apenas um Albanês, mas uma pessoa igual a eles, que queria criar um futuro melhor e, lentamente, respeitamo-nos uns aos outros”.

Artan fez o seu melhor na escola, e no final conseguiu as notas mais elevadas. Tornou-

Passei horas sozinho em frente da televisão a tentar aprender a língua.

se realmente num estudante modelo. Esse sucesso abriu-lhe novas possibilidades. Conseguiu obter emprego num restaurante de prestígio. Hoje sente que pertence à cultura italiana. *“Itália é a minha casa, a minha vida está aqui”.*

AS HISTÓRIAS: VESNA



Nome próprio: **VESNA**

Apelido: **DOŠEN**

Idade: **54**

País de origem: **BÓSNIA**

Vive na **Eslovénia** desde: **1987**

RESUMO

Quando tinha 24 anos, Vesna deixou Ključ, a sua cidade natal, para descobrir a Croácia e depois a Eslovénia. Pode-se pensar que no início Vesna era uma migrante por motivos económicos, mas não! Naquela época, a Bósnia, a Croácia e a Eslovénia eram três das seis repúblicas jugoslavas constituintes de um mesmo país. Em 1992 uma guerra eclodiu na Bósnia e as atrocidades da guerra começaram para a sua família. Na época, Vesna estava na Eslovénia, tinha um bom trabalho numa tipografia em Ljubljana, mas temia pela vida dos seus familiares. Finalmente fugiram para a Croácia. O empregador de Vesna faliu, e ela ficou desempregada. Decidiu criar a sua própria empresa de serviços de limpeza. Empregou um contabilista e continuou a trabalhar arduamente. Havia muitas formalidades a superar. Mas conseguiu. Desde então, trabalha para a Universidade da Terceira Idade Eslovena e também para outros clientes. Aos 52 anos conheceu Ivan, o seu parceiro atual. Mudou-se com ele para a sua casa de família, a 60 km de Ljubljana, para onde viaja diariamente.

“Foi essa a vida”, diz ela, mas sabe que há coisas que não podem ser mudadas. Pelo contrário, o que podia ser mudado, ela mudou.

Vesna é um modelo a seguir, uma vez que, apesar de todas as dificuldades, desenvolveu uma atitude positiva e comprometida em relação à vida, avaliando as possibilidades, fazendo as coisas acontecerem. Tem laços estreitos com a sua família, mas não com a Bósnia nem com a sua cidade natal, que foi destruída e hoje encontra-se deserta. *“Aprender o idioma do país anfitrião é uma obrigação”, diz ela.*

Ser flexível, adaptar-se com alegria e curiosidade é uma vantagem.

“CASA É ONDE ESTÁ A MINHA MÃE, CASA É ONDE ESTÁ O IVAN”

A HISTÓRIA DE VESNA

Em 1987 Vesna tinha 24 anos quando, com a ajuda do seu pai, deixou Ključ, a sua cidade natal, e a sua família, para ver novos lugares e conhecer novas pessoas. Curiosa e empreendedora, primeiro foi até à vizinha Croácia, onde ficou algum tempo, mas a Eslovénia era, para ela, o país onde ir. Em 1987 começou a trabalhar numa tipografia. Era um bom trabalho. Gostava dele. Isto tudo aconteceu antes de eclodir a guerra na Bósnia.

Vesna afirma que nunca gostou muito da paisagem da Bósnia. Passou a sua infância e adolescência em Ključ, uma pequena localidade com apenas 300 Croatas católicos, como ela própria. Os outros eram muçulmanos ou sérvios, embora, quando era criança, tais atributos não fossem importantes. De alguma forma, ela não se sentia atraída pela região em torno de Ključ. Aos

AS HISTÓRIAS: VESNA

seus olhos, a Eslovénia sempre tinha sido o país mais bonito do mundo, tão verde e tão montanhoso.

Vesna chegou a Ljubljana, estabeleceu-se em Fužine, depois Rudnik, depois Vižmarje, em diferentes áreas da cidade. Em seguida, mudou-se para Medvode, uma pequena localidade perto de Ljubljana. Andar de um lado para outro nunca foi um problema para a sua mente curiosa, mas antes uma oportunidade. Mas em 1992, quando a guerra eclodiu na Bósnia, a sua vida em Ljubljana não era mais uma questão de escolha. Morava lá por necessidade, em casa da irmã. *“Ficar-lhe ei agradecida para sempre”*. Ela ajudou-me muito. Vesna trabalhou para boas empresas e associações, tinha um bom emprego até o seu empregador falir e ter ficado desempregada. Estabeleceu a sua própria empresa, empregou um contabilista. A sua empresa é responsável pelos serviços de limpeza da Universidade da 3ª Idade Eslovena e de outros clientes. Conheceu Ivan quando tinha 52 anos. Agora, a sua casa é onde o Ivan está. Ao falar-se com Vesna, evoca-se facilmente o título de uma canção conhecida *“Gracias a la vida que me há dado tanto”*.

CONFLITO

Em 1992, Vesna estava na Eslovénia, quando a guerra eclodiu na Bósnia. Temia pela vida dos seus familiares, amigos e vizinhos, em consequência de todas as atrocidades que estavam a acontecer na Bósnia. A sua família estava em Ključ. As pessoas partiram, uma após a outra. Outras ficaram. O pai e o primo da Vesna foram capturados pelos Sérvios. Através da janela da cozinha, a sua mãe viu como os levaram. O primo foi morto de forma cruel e a família nem sequer foi autorizada a enterrá-lo. Não houve funeral. Morreu como um cão. Vesna afirma: *“Não se pode fazer nada sobre isso. Aconteceu. É passado.”* Embora emocional, não lida com o que não pode ser mudado. Está

muito orientada para o presente e para o futuro. Talvez seja um mecanismo de defesa... As atrocidades não paravam. Um dia, familiares encontraram o pai de Vesna morto, pendurado numa viga no celeiro. Nunca souberam o que aconteceu, se ele se tinha suicidado ou se alguém o tinha pendurado lá.

FUGA

Decidiram então sair do país. Evacuados, viajaram de autocarro para a Croácia, levando uma pequena bolsa de plástico com os seus pertences. A mãe de Vesna conseguiu costurar no seu vestido algumas jóias preciosas. Na Croácia, mudaram-se de um lugar para outro, antes de finalmente se estabelecerem em Varaždin. Hoje, a casa da mãe, é uma das duas casas emocionais de Vesna. A Bósnia, com todas as suas histórias tristes, ficou para trás. Não ficou lá ninguém. Estão todos deslocados, espalhados por vários lugares no mundo ou mortos, agora.

PERTENÇA

Vesna mantém um contato estreito e contínuo com a sua família. Os laços familiares são importantes para ela. Vesna afirma que a sua casa é onde está a mãe - Varaždin, na Croácia e onde está o Ivan - na Eslovénia. Quando o seu último empregador faliu, ela, como muitos outros, ficou desempregada e teve de lidar com a situação. Decidiu criar a sua própria empresa, que oferecia limpezas e outros serviços. Conseguiu realizar e ultrapassar as várias formalidades e burocracias que eram exigidas. Teve de empregar um contabilista. Desde então que trabalha para a Universidade de 3ª Idade Eslovena e para alguns outros clientes. É uma boa trabalhadora, diligente e alegre, apreciada pelos estudantes e

Manter os laços familiares é essencial.

AS HISTÓRIAS: VESNA

pelo pessoal. Raramente está doente ou, em vez disso, continua a trabalhar mesmo adoentada. Diz que sente a falta do pessoal e dos alunos, Pode-se dizer que não é muito faladora, embora tenha um bom domínio do esloveno. *“Quem vem para outro país, tem de falar o novo idioma, simplesmente precisa aprender. Isso é uma obrigação”.* Existem bósnios que não falam esloveno, porque a sua língua é facilmente compreendida, mas Vesna pensa que, ainda assim, é preciso aprender a língua do país. Absolutamente! *“Têm dificuldade em entender diferentes dialetos”.* Mas quem não tem?

Vesna diz que não teve muita sorte *“nos amores”*, simplesmente não conheceu a pessoas certa, mas recentemente conheceu Ivan, e, obviamente, está feliz com essa nova situação. *“É bom partilhar a alegria com alguém”.* Ivan é Esloveno, com *“mentalidade Eslovena”*, mas Vesna gosta dele por ser diferente. Sempre apreciou a diversidade. Vivem agora juntos na velha casa de família de Ivan, com 200 anos. Vesna considera-se uma camponesa. Aprendeu a ordenhar vacas, a fazer queijo, manteiga, como cultivar hortaliças. A casa do Ivan tornou-se a casa de Vesna. Há silêncio à volta da sua aldeia, Višnje, situada numa bela região da Eslovénia, a 60 km de Ljubljana. Viaja todos os dias para Ljubljana... Não se importa! Sente que agora tem raízes na Eslovénia, na vida de Ivan, na casa de Ivan, na casa de ambos.

Vesna mantém os laços com a sua família, a sua irmã e com os seus quatro sobrinhos já adultos. Um dia levou o Ivan à Bósnia para mostrar-lhe de onde ela tinha vindo. Mas estava tudo destruído, deserto. Muitas pessoas deixaram a cidade ou morreram...

MARCOS E ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO

A Vesna foi de livre vontade para a Eslovénia, antes da guerra começar. Teve um bom trabalho numa tipografia. Ficou desempregada e criou a sua própria

empresa. Ajudou a sua família a deixar as atrocidades da guerra e ir para a Croácia. É uma pessoa muito curiosa e focada no presente e no futuro. *“Não vale a pena perder tempo com o que não pode ser alterado!”* Encontrou uma *“alma gémea”*, um parceiro, o que significa ser feliz. Ser flexível, adaptar-se com alegria e curiosidade é uma vantagem. É preciso encontrar o ambiente natural adequado. Manter os laços familiares é essencial. Aprender a língua da sociedade de acolhimento é uma obrigação.

Aprender a língua da sociedade de acolhimento é uma obrigação

AS HISTÓRIAS: NOUR



Nome próprio: **NOUR**

Apelido: **MACHLAH**

Idade: **27**

País de origem: **SÍRIA**

Vive em **Portugal** desde: **2014**

RESUMO

Nour Machlah (Síria), estudante de 27 anos do mestrado em arquitectura, foge da Síria e do conflito armado e chega a Portugal em 2012, depois de uma passagem pelo Líbano e pela Turquia, onde não conseguiu concretizar o seu sonho de continuar a estudar arquitetura. Tendo sido alvo da ignorância das pessoas, começa a fazer vários em Portugal e na Europa, relativos ao processo de integração de refugiados e imigrantes, sobre os direitos humanos, paz e guerra, interculturalidade, religião, vida e felicidade. Nour foi convidado a discursar no Parlamento Europeu. Ele contribuiu com algumas ideias sobre a nova lei de asilo e os processos de migração e integração na Europa. É membro do *European Migrant Advisory Board* (Representando Portugal) como consultor a nível europeu e local.

Conseguiu trazer para Portugal a mãe e o irmão, onde está a criar o seu futuro e quer ser feliz.

“QUERO SER A VOZ DAQUELES QUE NÃO TÊM VOZ!”

O CONFLITO

A guerra começou e os primeiros bombardeamentos aconteceram em Alepo quando Nour, ainda junto da família, estava a estudar arquitetura. *“Eu estava no meio da guerra! Eu fugi porque não queria lutar, eu não queria morrer e não queria matar ninguém. Era tudo muito confuso”.*

Interrompeu os estudos de arquitetura e com o apoio do pai que residia na Inglaterra desde 1998, decide abandonar o país

A SAÍDA DE ALEPO E CHEGADA À PORTUGAL

Nour saiu de Alepo em 2012. Foge para o Líbano, Beirute, lugar onde poderia arranjar um visto para a Inglaterra. Vai sozinho e o resto da família fica em Alepo.

Os primeiros tempos foram muito duros para Nour. Não havia trabalho e sentia alguma animosidade por parte dos Libaneses em relação a ele. *“Havia uma parte dos Libaneses que não gostavam de nós”.* Um mês depois o irmão mais novo junta-se a ele.

Ao princípio não conseguiu arranjar trabalho. O seu pai disse-lhe que *“era um lugar temporário.”*

Tenta 2 vezes obter um visto para a Inglaterra, sendo rejeitado em ambas as vezes. *“Apesar de meu pai viver na Inglaterra desde 1998, eu era simplesmente um sírio para eles!”* Fica 7 meses no Líbano, desiludido vai para Ancara, Turquia.

Em Ancara, inicia a procura de uma solução. Nour percebe que as pessoas não confiavam nele, mas tem sorte e consegue um trabalho no terceiro dia em Ancara, mas o salário era pouco e não permitia estudar. Percebe que tem que deixar a Turquia. Entretanto, encontra o embaixador do

Eu fugi porque não queria lutar, eu não queria morrer e não queria matar ninguém.

AS HISTÓRIAS: NOUR

Brasil, que quis ajuda-lo. *“Dou-te um visto para o Brasil, para ti e o teu irmão.”* Antes de aceitar o visto, encontra na internet uma plataforma de ajuda para estudantes sírios que querem prosseguir os seus estudos em Portugal. Inscreve-se, assim como ao seu irmão.

Perde a esperança quando percebe que há muitas pessoas inscritas. Aceita o visto para o Brasil, mas no dia anterior a comprar a passagem para o Brasil, recebe um email de Lisboa, dizendo que foram aceites para estudar em Portugal, através da plataforma criada pelo Ex-Presidente da República Portuguesa Jorge Sampaio¹. No dia 28 de fevereiro de 2014 chega em Portugal.

NOVAS PERTENÇAS E INCLUSÃO

Recomeça os seus estudos em arquitectura praticamente do zero. Foi bem recebido na universidade, apesar de nos primeiros tempos sentir muito as diferenças culturais. *“A língua portuguesa não é muito difícil, é uma língua muito romântica, mas o meu problema foi sempre a gramática e devido ao horário sobrecarregado com as aulas de arquitectura, não consegui arranjar tempo para frequentar aulas de português (mesmo estudando em português). Para mim, aqui a língua diz muito sobre a cultura portuguesa, de duas formas diferentes. O toque árabe na língua portuguesa e também a forma como os portugueses falam. Para mim, a língua é uma parte muito importante da cultura. Muitas coisas são semelhantes à minha cultura e muitas outras coisas são diferentes”.*

Percebe que as pessoas não sabem muito acerca da Síria e dos Sírios. Nour ouve piadas sobre ele e sobre o seu povo. *“Tens uma bomba contigo? É uma piada, mas é doloroso. Porque é que tinha que ouvir aquilo? Só porque nasci noutra parte do mundo? Mas por outro lado, tinha encontrado o lugar no mundo onde poderia encontrar as respostas! É sempre difícil ser julgado pelas pessoas, especialmente da forma errada. Mas eu tinha que dar uma resposta, para que*

as pessoas mudassem a maneira de pensar sobre mim! Comecei a falar mais acerca da pequena comunidade onde vivi e ficaram a saber mais de mim, mais sobre o meu país”.

A partir destas conversas começou a receber convites para falar em conferências e em universidades. *“Convidam-me para falar de guerra, paz, terrorismo, do ser um muçulmano e de outros assuntos. Foi muito engraçado, algumas vezes. Eu nunca quis falar sobre direitos humanos, eu queria falar sobre motivação.”*

Um dia recebeu um email do Parlamento Europeu a convidá-lo para fazer um discurso na tribuna deste parlamento.

FIGURA PÚBLICA

Faz um **discurso forte e assertivo no Parlamento Europeu** dando uma maior visibilidade ao trabalho que havia desenvolvido em Portugal.

Conhece pessoalmente o Dr. Pedro Calado, alto-comissário para as Migrações (ACM), com quem começa a colaborar, a favor dos refugiados em Portugal. Intensificou-se os contactos e o trabalho em conjunto com outras instituições Europeias. Após o seu segundo discurso no Parlamento, os convites para discursar e visitar outros países aumentam ainda mais. É igualmente um orador no **TEDx**, tendo dado uma palestra no TEDx Porto, abordando o tema dos estereótipos. Tornou-se uma figura bem conhecida nos meios de comunicação social portugueses e europeus e das instituições europeias que trabalham com refugiados.

AS EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

Recentemente Nour consegue trazer a sua mãe e irmão mais novo para viverem consigo em Portugal. O resto da família já se encontra a viver em segurança noutros países.

¹ <http://jorgesampaio.pt/jorgesampaio/pt/>

AS HISTÓRIAS: NOUR

As suas preocupações presentes focam-se em ajudar ou outros. *“Quero ser a voz de quem não tem voz!”*

Atualmente sente-se português e para completar este sentimento de pertença, espera que em breve o seu pedido seja positivamente diferido e a sua cidadania portuguesa reconhecida.

O Nour pretende agora, em parceria com o Dr. Pedro Calado (ACM), aprofundar o seu trabalho em Portugal, terminar brevemente os seus estudos e trabalhar como arquitecto.

“Percebi que quero contribuir mais para Portugal”.

**Convidam-me
para falar de guerra,
paz, terrorismo, do ser
um muçulmano e
outros assuntos.**

AS HISTÓRIAS: GHOLAM



Nome próprio: **GHOLAM**

Apelido: **HASSANPOUR**

Idade: **27**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Grécia** desde: **2006**

RESUMO

Gholam nasceu no Afeganistão durante a guerra com a Rússia. Tem um irmão mais velho e durante o início da guerra, ele e a sua família viajaram para o Irão para encontrar um lugar melhor e mais seguro para viver. No entanto, o Irão provou ser um terreno hostil para os cidadãos do Afeganistão e mais uma vez foi obrigado a mudar-se, desta vez sozinho, para outro país que lhe diziam ser “seguro”.

“FUGIR FOI A MINHA ÚNICA OPÇÃO”

A HISTÓRIA DE GHOLAM

Gholam nasceu em 1990 e viveu no Afeganistão cerca de dez anos. Durante a guerra civil e após a invasão do país pelos EUA (2001-2002), a sua família decidiu abandonar a casa, mudando-se para Teerão, Irão, na tentativa de encontrar melhores condições políticas e de vida. No entanto, no Irão, os afegãos não têm acesso nem à justiça, nem às instituições educacionais e

praticamente não têm quaisquer direitos. Pode-se afirmar que ficam aprisionados num limbo.

Abandonar o Irão era a única opção possível. Gholam deixou Teerão, mas foi preso quando chegou à fronteira da Turquia, pelas autoridades locais, que pretendiam mandá-lo de volta ao Irão. No entanto, conseguiu escapar, seguindo um grupo de outras 20 pessoas que também tinha abandonado o Irão. Todos tentaram, mais uma vez, entrar no território Turco através de um outro itinerário, mas foram presos, agora pelo Exército Curdo (PKK). Foram detidos e foi-lhes exigido um resgate para serem libertados. O que aconteceu, depois de cada um ter pago 200\$. Após uma viagem de dez dias, a pé, à boleia e atravessando muitas regiões da Turquia, Gholam chegou a Istambul. Com outros refugiados, partiram para a costa para tentar atravessar o mar. Todos chegaram à costa grega depois de um dia no mar, em Lesbos, Grécia, em dezembro de 2005.

CONDIÇÕES HOSTIS NA GRÉCIA

Ao chegar a Lesbos, foi preso pelas autoridades gregas e foi espancado. Ficou detido numa cela durante 2 semanas em condições miseráveis. Depois, obteve um documento temporário que lhe permitia sair, ir para Atenas e solicitar o estatuto de refugiado. Dirigiu-se às instalações do GCR em janeiro de 2006, que o encaminharam para as autoridades gregas responsáveis pelo aceitação/rejeição do seu pedido. O seu primeiro pedido foi rejeitado e os advogados do GCR reenviaram um novo pedido, depois das ações legais necessárias para inscrevê-lo no departamento de asilo regional para obtenção do estatuto de refugiado. O seu pedido demorou 8 anos a ser analisado pelos comitês de asilo! Durante esse período, Gholam trabalhou como estafeta, distribuidor de folhetos, a pedir esmola nos semáforos das ruas de Atenas, trabalhou

**Aprende
grego nas ruas
de Atenas**

AS HISTÓRIAS: GHOLAM

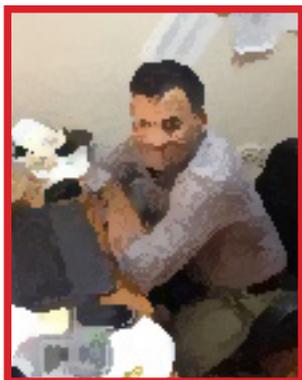
numa cantina ou como empregado de mesa. Aprendeu a língua Grega nas ruas de Atenas e tinha aulas de Grego no centro multicultural *Pyxis* do GCR.

INTEGRAÇÃO NA SOCIEDADE GREGA

Assim que teve um domínio satisfatório do Grego, começou a frequentar a escola secundária e depois estudou mecatrónica numa instituição profissional pública, em Atenas. Durante o ensino secundário, conheceu o homem que mudou a sua vida; o seu professor, que o levou para a sua casa e iniciou os necessários procedimentos de adoção, processo nunca completado uma vez que adotar alguém na Grécia é um processo extremamente vagaroso. A partir de 2010 permaneceu com o pai do seu professor, que o considera como seu filho. Afirma que a atitude da sociedade grega foi sempre muito amigável e que os gregos o ajudaram a integrar-se na sociedade. Conheceu a sua namorada grega e planeia casar-se em breve. Em 2012, foi-lhe reconhecido o estatuto de refugiado político e solicitou, então, a cidadania grega, o que conseguiu obter passados 3 anos. Por agora está à espera de ser chamado para cumprir o serviço militar, obrigatório por lei para todos os cidadãos gregos. Trabalha como intérprete no GCR, primeiro a tempo parcial (2011) e depois de janeiro de 2012, em horário completo. Gholam fala 3 línguas: farsi, inglês e grego. A maioria dos seus amigos é grega, considera-se um ex-refugiado totalmente integrado e planeia criar a sua própria família na Grécia. Ajuda diariamente os seus compatriotas a obter a sua documentação e a solicitar o estatuto de refugiado. Além disso, participa em organizações de caridade, proporcionando que comunidades e os seus colegas se envolvam ativamente em políticas e estratégias de integração.

**Conheci
um homem no
secundário que
mudou a minha
vida.**

AS HISTÓRIAS: NASRUDDIN



Nome próprio: **NASRUDDIN**

Apelido: **NIZAMI**

Idade: **31**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Grécia** desde: **2007**

RESUMO

Nasruddin é um profissional em línguas estrangeiras, que trabalha como intérprete no GCR. Os membros de sua família vivem em diferentes países por toda a Europa. Nasruddin deixou o Afeganistão para evitar a perseguição política que sofria. Solicitou o estatuto de refugiado no Reino Unido e na Áustria, tendo os pedidos sido rejeitados em ambos os países. Regressou à Grécia e depois de uma série de aventuras conseguiu integrar-se completamente na sociedade grega.

“DIFICULDADES FAZEM-NOS MAIS FORTE”

A HISTÓRIA DE NASRUDDIN

Deixou o Afeganistão por razões políticas. Foi ameaçado pelo governo afegão e por grupos terroristas porque o seu pai e irmão pertenciam ao partido da oposição. Aos 21 anos, (outubro de 2007), decidiu deixar o Afeganistão ilegalmente, através do Irão e da Turquia. Chegou a Samos (ilha Grega) com a intenção de ir para o Reino Unido, onde residia um primo. Saiu da Grécia

em dezembro de 2007 e chegou ao Reino Unido, onde requereu asilo. As autoridades descobriram que ele tinha vindo da Grécia, e, tendo como base o esquema de recolocação em Dublin, resolveram enviá-lo de volta à Grécia (país da primeira receção). Após 8 meses de permanência em Londres, em agosto de 2008, voltou para a Grécia.

Permaneceu em Atenas por mais 8 meses, e depois partiu em direção à Áustria, em junho de 2009. Solicitou de novo asilo, mas a sua candidatura foi rejeitada novamente, e em dezembro de 2009 regressou a Atenas. Nasruddin vive agora na Grécia já há 7 anos. No início, teve muitos problemas com o idioma, o alojamento (estava com mais 7 pessoas num apartamento) e com o desemprego. Nem o Estado nem as organizações da sociedade civil lhe forneceram qualquer tipo de ajuda. Sem conhecer a língua grega, procurou trabalho com o apoio de um paquistanês que já residia na Grécia há 30 anos e que o ajudou a ler os anúncios de emprego na imprensa grega.

DIFICULDADES NO TRABALHO

Finalmente conseguiu trabalho num hotel em Zakynthos (uma ilha jónica) - em março de 2010 - como assistente do porteiro, para desenvolver algumas competências e o idioma. Trabalhou dois verões nesse hotel, onde aprendeu o grego rapidamente, mas ainda tinha algumas dificuldades com a língua, com as horas de trabalho (trabalhava 14 horas por dia, com um salário muito baixo) e com a mentalidade racista (diziam-lhe que roubava o trabalho aos gregos). Além disto, trabalhava ilegalmente e sem qualquer seguro ou segurança social. Sempre que as autoridades locais controlavam a situação laboral no hotel, escondiam-no

Fiz muitas tentativas antes de chegar e ficar na Grécia.

AS HISTÓRIAS: NASRUDDIN

num armário na cave do hotel. Na segunda temporada turística (2011), já trabalhou legalmente. Mas, embora o seu contrato fosse a tempo parcial, obrigaram-no a trabalhar mais de 10 horas por dia.

DE VOLTA A ATENAS

Em 2012 regressou a Atenas, desejando mudar as suas condições de vida. Estava fraco, não tinha amigos e sentia-se muito esgotado pelo trabalho excessivo. Como juntou algum dinheiro, decidiu ficar sem trabalho e começou a ter aulas de língua grega no GCR (até então, ele não sabia escrever grego). Porém continuava a enfrentar ataques racistas, porque, como observou, *“todos te julgam pela cor da pele, mas as dificuldades e os obstáculos tornam-te mais forte”*. Graças à comunidade afegã e às muitas línguas que falava (Farsi, Pashto, Dari, Inglês e Grego), encontrou um emprego na OIM como intérprete e depois também como responsável de casos no serviço de reintegração da organização para Paquistaneses, Afegãos e Bengaleses. Trabalhou lá durante 1 ano, até novembro de 2013, porque o seu contrato não foi renovado. Entretanto, o seu pedido de asilo foi rejeitado sem qualquer entrevista e tudo o que ele tinha era o seu cartão provisório (que mostrava apenas que o pedido foi submetido), válido por 3 meses.

INCLUSÃO SOCIAL

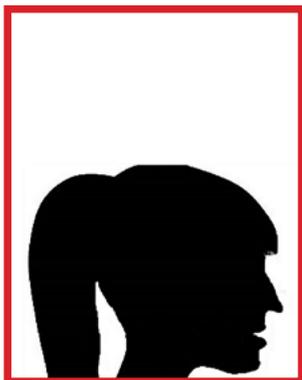
Durante a sua estadia em Atenas, trabalhou como voluntário em diferentes comunidades de refugiados e, em dezembro de 2013, candidatou-se a um emprego na GCR, onde ainda trabalha como intérprete. Em 2015, obteve aprovação nos exames para o conhecimento básico da língua grega e recebeu a certificação A2. Finalmente, em março de 2016, obteve o estatuto

de refugiado e, desde 2015, também trabalha voluntariamente na revista multicultural “Solomon”, que é publicada por refugiados e imigrantes de vários países e visa mostrar às sociedades Europeias que refugiados e imigrantes são parte integrante delas. No entanto, Nasruddin observa:

“às vezes a sociedade não aceita “alienígenas” de forma agradável. (...) Combater pelos direitos das minorias é um meio para despertar o mundo e as sociedades europeias. No entanto, os meios de comunicação não mostram os problemas que enfrentamos e apresentam apenas os aspectos e imagens negativas da atual crise de refugiados”.

Os meios de comunicação apenas apresentam os aspectos negativos dos refugiados.

AS HISTÓRIAS: NILAB



Nome próprio: **NILAB**

Apelido: **DOST**

Idade: **37**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Alemanha** desde: **1981**

RESUMO

Nilab deixou o seu país, Afeganistão, quando era criança, com menos de 2 anos, juntamente com os seus pais e a irmã mais velha. Veio para a Alemanha, morou numa pequena cidade no norte do país e frequentou a escola. Os seus pais fizeram um grande esforço para fazer da Alemanha o novo lar da família, enquanto os seus filhos frequentavam o infantário e a escola. Ainda que já tenha deixado o seu país de origem há 35 anos, ainda por vezes se sente “diferente”. Vem de uma família muito liberal e isso foi algo que a marcou.

“A LÍNGUA AINDA SOA A CASA.”

DO AFEGANISTÃO À ALEMANHA

O pai de Nilab era comunista, e quando os Talibãs chegaram ao poder passou a ser uma pessoa perseguida. A família teve de esconder-se e ficou claro que a família tinha de deixar o país. A família tinha uma vida muito boa no Afeganistão, mas estavam em grande perigo.

O objetivo era ir para a Europa, uma vez que a família alargada tinha muitos contatos na Grã-Bretanha, França, Alemanha, e alguns familiares viviam mesmo em países europeus. A sua mãe queria ir para a Espanha, mas as hipóteses de obter uma autorização de residência eram maiores na Alemanha.

Quando chegaram à Alemanha, foram primeiro para Frankfurt e depois foram conduzidos para uma pequena aldeia no norte do país e desta para uma pequena cidade na vizinhança. Foram os primeiros refugiados a morar lá e os primeiros muçulmanos. Nilab e a sua irmã foram colocadas num infantário, mas a sua irmã recusava-se a falar. Havia lá uma mulher simpática que fez um grande esforço para ajudar a família a enfrentar os desafios durante os primeiros meses na Alemanha. Foram ajudados por dois casais que foram especialmente úteis e que ainda hoje são bons amigos da família. A mãe de Nilab rapidamente encontrou emprego porque era enfermeira, mas o pai teve maior dificuldade. Aprendeu alemão na biblioteca, onde havia cursos de alemão, e, passado algum tempo, conseguiu um emprego. Mas em comparação com a sua posição no Afeganistão (onde era um administrador), o trabalho oferecido estava abaixo do seu nível de competências. Ainda assim, abriu um novo caminho.

Enquanto isso, Nilab e a irmã frequentavam a escola, onde ainda se sentiam “fora”. Não conheciam as regras e costumes da cultura alemã (como por exemplo, receber prendas no Natal) e ainda que os pais tentassem integrar-se na sociedade alemã, para facilitar a vida de suas filhas, ainda eram “os migrantes”. Durante as festividades, como festas de aniversário ou celebrações do Natal, todos os migrantes ficavam sentados numa mesma mesa, porque a

Deve
seguir o seu
caminho e não se
deixar enganar.

AS HISTÓRIAS: NILAB

professora achava que assim era melhor. Não tinham nada em comum, mas ainda assim era assim que se fazia.

PERTENÇA? FOI DIFÍCIL E NÃO LHES FOI FACILITADA

Embora Nilab nunca tenha ido ao Afeganistão (ela queria ir, mas ainda não aconteceu), ela fala Dari (língua persa falada pelos afegões). Nilab fala Dari com os seus familiares sempre que possível. Poucos permanecem no Afeganistão, estão hoje espalhados por toda a Europa. Mas ouvir a língua materna ainda soa a “casa”.

Quando Nilab tinha 10 anos, a família obteve a autorização de residência e foi neste momento que os pais decidiram ficar na Alemanha. A transição foi, de certa forma, mais fácil do que pensavam, porque na década de 1970, o Afeganistão tinha uma sociedade muito liberal e estava aberto a contatos e relações internacionais.

Na Alemanha, cada família tinha uma velocidade diferente de integração e não havia muita consciência sobre as dificuldades dos processos de integração, em comparação com hoje ou com a Grã-Bretanha, onde a sociedade aprendeu a viver numa cultura multicultural mais cedo.

**Sou
uma cidadã
do mundo e não
preciso de justificar
onde vivo.**

AINDA, UMA TRABALHADORA MIGRANTE

Quando Nilab tinha 20 anos, mudou-se para Hamburgo, e claro a vida era diferente aqui. Tinha (e ainda tem) muitos amigos com antecedentes culturais diferentes dos seus e sente-se como uma cidadã do mundo. Mas no trabalho, teve que defender-se mais do que uma vez... *“É capaz de fazer impressões? Precisamos disso!”* Ou *“você realmente fala um alemão muito bom”*... Eis alguns

dos comentários mais educados que ouviu durante entrevistas de emprego. Sempre sentiu que tinha de explicar que era capaz de trabalhar na Alemanha, embora sendo do Afeganistão. A sua estratégia é a de seguir o seu caminho, olhar muito de perto e tentar não se legitimar, mesmo porque não precisa. É o que tenta ensinar aos outros. E não apenas aos refugiados ou migrantes.

AS HISTÓRIAS: YASSIR



Nome próprio: **YASSIR**

Apelido: **MOTRAJI**

Idade: **43**

País de origem: **SÍRIA**

Vive na **Alemanha** desde: **2012**

RESUMO

Yassir Motraji era professor universitário de Linguística e Língua Árabe, na Síria, casado com uma mulher de origem alemã, e com dois filhos. Yassir e a sua família tiveram de deixar a Síria, há 5 anos. A embaixada alemã disse-lhes repetidamente que já não estavam seguros e que deviam partir imediatamente. Vieram para a Alemanha, e Yassir nos primeiros anos fez pouco mais do que estudar alemão. Muitas vezes é-lhe solicitado que conte a sua história em eventos com refugiados, voluntários e políticos.

Agora trabalha como professor de línguas na Educação de Adultos, e trabalha como especialista em assuntos relacionados com a língua árabe para escolas e universidades. O seu sonho é ser professor universitário novamente, mas desta vez na Alemanha.

“... E EU OLHAVA PARA O AQUECIMENTO.”

A HISTÓRIA DE YASSIR - CONFLITO E FUGA

Mesmo antes de o mundo tomar conhecimento sobre a guerra, já os cidadãos

com origens estrangeiras se sentiam ameaçados na Síria. A esposa de Yassir tem origem alemã, e isso era perigoso. A embaixada alemã em Damasco enviou-lhes vários *e-mails*, incitando-os a deixarem o país, o mais rápido possível. A sua cidade natal estava na iminência de ser ocupada pelo ISIS, e então seria impossível fugir, ficando as suas vidas em perigo. Resolveram fugir da Síria.

LUTA NA NOVA SOCIEDADE

Yassir e a sua família tinham uma grande vantagem, pois devido às raízes da sua esposa, conseguiram um visto Schengen para toda a família e vieram para Hamburgo, onde já viviam alguns familiares. A polícia alemã para estrangeiros exigiu que mostrassem os *e-mails* recebidos da Embaixada de Alemanha. Queriam certificar-se se a família estava realmente em perigo. A família de Yassir foi uma das primeiras famílias de refugiados a chegar da Síria.

A família chegou a Hamburgo e foram viver com a cunhada de Yassir, num apartamento de 40 metros quadrados. Eram apoiados financeiramente pelo governo alemão, mas ninguém lhes queria alugar um apartamento. Yassir começou a aprender alemão imediatamente e tentou encontrar trabalho.

Na primeira semana, enviou 25 candidaturas a emprego, e a partir daí, enviava, em média, 15 candidaturas por semana. Candidatava-se a trabalhar como tradutor ou como professor.

A sua progressão no alemão foi incrível: no primeiro ano avançou para o nível B1, e não muito mais tarde obteve o certificado do C1. Como é que ele fez isso? Yassir disse a si mesmo que tinha de aprender alemão o mais rápido possível, para se integrar. Esse era, na sua opinião, o seu trabalho. Aprendia diariamente 100 novas palavras. No supermercado, no parque, onde quer

**O seu lema:
aprender é o meu
trabalho, é para isso
que sou pago.**

AS HISTÓRIAS: YASSIR

que fosse, escrevia palavras em alemão e as respectivas traduções em árabe e nunca ia a lugar algum sem essas anotações. A família aborrecia-se, mas ele insistia em aprender, com base nas suas anotações. Mas a situação estava difícil: o apartamento pequeno, 5 pessoas... ia todos os dias para uma cafeteria e estudava lá. Mas como não tinha muito dinheiro, ficava com o mesmo café por várias horas.

A família encontrou um pequeno apartamento, passado seis meses, mas que tinha problemas de humidade. As filhas não estavam felizes na Alemanha e queriam voltar para a Síria. Sentiam-se abandonadas na escola, onde quase não havia árabes. Mas sempre que Yassir pensava sobre a situação e os seus problemas, olhava para o aquecimento que tinham nos quartos. E pensava nos outros refugiados, em campos e tendas, enregelados. Sentia que teve sorte em ter escapado e foi inflexível na sua determinação de fazer o melhor possível com o que ia conseguindo obter.

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À SOCIEDADE

Sentado num café, a estudar alemão com todos os seus papéis, há horas, Yassir foi abordado por um casal alemão, mais velho do que ele. Queriam saber o que estava ali a fazer. O casal ofereceu-se para conversar com ele para que pudesse aprender mais rapidamente o alemão. E foi o que fizeram. O casal ajudou a família do Yassir de muitas outras maneiras e ainda hoje são grandes amigos, comemorando juntos feriados, como o Natal ou o Ramadão. Era, de certo modo, a sua primeira experiência de “pertença”.

A sociedade alemã deve mostrar aos refugiados como se integrem.

Encontrou, dois anos depois, o seu primeiro emprego como professor de adultos e a ensinar a sua língua. Antes deste primeiro emprego, sentia-se muito em baixo porque não conseguia ganhar o seu próprio dinheiro. Yassir ainda tinha dificuldades em entender a sociedade alemã e os seus costumes: por que esperam atrás da linha vermelha no banco? O que isso significa? Ninguém lhe ensinou as regras, pelo que cometeu muitos erros. Pensa que a sociedade alemã devia fazer um maior esforço para mostrar os preceitos e os costumes aos recém-chegados, para que estes possam cumprir as regras. E este processo de integração deve começar o mais cedo possível.

Hoje em dia, Yassir trabalha em diferentes empregos e persegue o seu sonho de ser novamente professor universitário. Apoiar o seu irmão que veio com a família há um ano, mas não recebe nenhum apoio do governo alemão. Yassir tenta sempre ter tempo para comparecer em eventos ou outros acontecimentos para falar sobre a sua história e como encontrou o seu caminho para a integração na sociedade alemã. Foi mesmo convidado pelo Presidente da Câmara de Hamburgo a comparecer num evento da cidade, relativo ao trabalho com refugiados. Para ele essas atividades são muito importantes, ainda que possa significar ganhar menos dinheiro. Diz sempre aos outros que podem sempre fazer o que ele fez: dar a sua primeira palestra em alemão numa universidade a que se candidatou após apenas dois anos na Alemanha.

Ajudar e inspirar os outros é muito importante.

AS HISTÓRIAS: SONDUS



Nome próprio: **SONDUS**

Apelido: **AL-KADRI**

Idade: **29**

País de origem: **SÍRIA (DAMASCO)**

Vive em **Portugal** desde: **2015**

RESUMO

Sondus é uma mulher síria de 29 anos com notável força, autonomia e determinação. Fugiu da Síria e chegou a Portugal por acaso. Aproveitou as oportunidades que lhe surgiram para estudar e poder vir a ser uma excelente dentista, competente e especializada. Apesar da guerra, contratempos e perdas, mantém a sua vida focada em objetivos e esforça-se para os atingir: ser uma profissional competente e viver em paz com a sua filha.

“VOU DAR À MINHA FILHA TRÊS COISAS: PAZ, AMOR E DIGNIDADE”

A VIDA NA SÍRIA

A Sondus nasceu em Damasco, embora tenha vivido grande parte da sua infância e juventude na Arábia Saudita, em Riade. O seu pai foi convidado para trabalhar em Riade, pelo que a família foi viver para a Arábia Saudita. Lembra-se de passar 3 meses de férias em Damasco, para estar com a sua

família: tios, tias, avós, primos. Quando terminou o ensino secundário, regressou à Síria para frequentar a universidade, acompanhada pela irmã. Em 2005 foi estudar em Daraa, onde ingressou no curso de medicina dentária.

O CONFLITO

Em março de 2011 iniciou-se a guerra civil e uma das primeiras cidades a entrar no conflito foi precisamente Daraa. A cidade foi cercada, o que dificultava o acesso à universidade das pessoas que viviam no centro de Daraa. Não havia também contatos com o mundo exterior. As idas à universidade eram frequentemente interrompidas por barreiras militares e movimentos de tropas e equipamentos. *“Era a primeira vez que via estas coisas, foi um grande choque! Como a nossa universidade ficava perto de Daraa, comecei a ver e a ouvir a guerra”*.

A família queria que Sondus e a irmã voltassem imediatamente para a Arábia Saudita, uma vez que estavam sozinhas em Daraa. Mas Sondus estava determinada a só deixar a Síria quando obtivesse o seu diploma. Na universidade havia uma grande tensão entre os apoiantes e os opositores ao Presidente Bashar Al-Assad. A tensão era tão grande e o medo constante, que o Diretor decidiu encerrar a universidade e enviar os estudantes para casa. Com o encerramento da universidade e com o conflito a agravar-se às portas de sua casa, Sondus decidiu voltar para a Arábia Saudita.

Durante o período que esteve em Daraa, Sondus casou-se e teve uma filha. Porém o casamento não deu certo e Sondus divorciou-se. A filha foi morar em Damasco, com a família do ex-marido. Como a criança não tinha visto, Sondus partiu sozinha para a Arábia Saudita.

Toma decisões sem medo para atingir os seus objetivos

AS HISTÓRIAS: SONDUS

ENTRE A SÍRIA, A ARÁBIA SAUDITA E A TURQUIA

Em 2013, voltou à Síria para reencontrar e voltar a viver com a filha. O pai da menina, médico-cirurgião, tinha abandonado o país, estando a menina a viver com a avó paterna.

Sondus foi viver em Damasco. Quatro meses depois assumiu um novo compromisso - um novo noivo e uma nova perspectiva de vida. Porém um mês e uma semana depois o noivo morreu num ataque. *“Isto foi mais do que duro para mim, não tenho palavras para descrever”.*

Finalmente em maio de 2013, conseguiu o visto para a filha e voltou para a Arábia Saudita, para viver com a mãe, pai e irmãos. Apesar de estar agora num lugar seguro, gostaria de um dia poder voltar à Síria. Desejava realmente ser capaz de ajudar o seu país.

Para prosseguir os seus estudos, mudou-se para a Turquia, onde frequentou, em Istambul, a Clínica Ortodôntica Al-Kharsa da Escola Árabe Internacional, tendo-se graduado em Medicina Dentária. Mas a sua permanência na Turquia estava também em causa, uma vez que não tinha onde continuar os seus estudos e agora o regresso à Síria estava definitivamente posto de lado.

CHEGADA E VIDA EM PORTUGAL

Em Istambul teve conhecimento de uma plataforma online criada pelo ex-Presidente da República Portuguesa Dr. Jorge Sampaio, que possibilitava a “refugiados” a ida para Portugal para estudar.

“Não sabia nada sobre Portugal, Lisboa, nem sabia a língua”. Chegou a Lisboa em 2 de outubro de 2015.

“Assim que cheguei pedi para ter aulas de português.

Disseram-me que eu iria viver em casa de uma senhora

**Necessito
de fazer
amigos aqui,
ou não consigo
sobreviver**

portuguesa que só falava francês e português e eu só falava árabe e inglês. Fiquei em pânico. Como iria ser possível comunicar com ela?!” No início foi recebida pela filha da senhora que falava inglês, mas que não estava sempre em casa. Assim tinha uma necessidade bem real de aprender a língua e este seria mesmo o primeiro passo para a integração. Estudou Português no CIAL, um centro de línguas em Lisboa, e praticava com a família portuguesa com quem vivia. *“Eu digo a todos refugiados que conheço. A primeira coisa a fazer é aprender português. Todos dizem que é difícil mas eu digo – Tens de aprender! Se quiseres, irás conseguir!”*

NOVAS PERTENÇAS E INCLUSÃO

LISBOA

“Eu uso lenço, estou sempre com a cabeça coberta, e quando estou na rua algumas pessoas olham para mim com estranheza. Respondo sempre com um sorriso. Um sorriso desarma sempre. Sorrir é uma linguagem mundial!” Em Lisboa sentiu-se em paz e segura. *“As pessoas são muito simpáticas, olham para mim mais por curiosidade”.* Iniciou então o mestrado em odontologia na Faculdade de Medicina Dentária de Lisboa. No ambiente universitário foi muito bem recebida. Havia muita curiosidade por parte dos colegas mas nunca sentiu qualquer tipo de rejeição. *“Perguntavam-me coisas muito curiosas: Vocês têm carros? Vivem em casas? Veem televisão? Tinha de rir das perguntas. . . mas tentava sempre responder a todas as perguntas”.* Desta forma tentava ajudar a desmistificar a vida diária no mundo árabe. No mestrado foi criado um grupo de oito alunas chamado *“meninas da ortodôncia”.* Apesar de informal, o grupo tem encontros regulares. *“Não temos muito tempo, temos que estudar muito. . .”*

AS HISTÓRIAS: SONDUS

“Procurei sempre integrar-me, aqui em Portugal. Tento sempre conversar com as pessoas do meu bairro e do meu círculo de amigos.” Quando obteve o grau de mestre em Lisboa, pensou que tinha de prosseguir. *“Pensei e agora? O que vou fazer? Tenho de continuar a estudar! Não posso mais voltar para a Síria!”* Descobriu que podia candidatar-se a uma nova bolsa de estudos, mas agora para o Porto.

Quando deixou Lisboa para ir para o Porto, a senhora que a acolheu não quis receber a chave de casa. Não permitiu também que a Sondus levasse toda a sua roupa. *“Esta é a tua casa em Portugal. Ficas com a chave e deixas a tua roupa aqui para poderes sempre voltar”,* disse-lhe. No último Natal toda a família (portuguesa) juntou dinheiro para comprar um bilhete de avião para a Sondus ir a uma conferência nos Estados Unidos. *“A minha família, os meus amigos árabes estão longe. Se não me integrar com os portugueses, se não fizer aqui amigos, não vou ter forças para viver.”*

PORTO

Foi frequentar na Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário do Porto, um mestrado em Ortodôncia, com especialização em cirurgia. E assim Sondus continuou o seu percurso académico. Uma nova oportunidade para aumentar os seus conhecimentos. Hoje, no Porto, mora num quarto alugado, participa regularmente em atividades de grupo de colegas e tem uma vida normal com a sua família anfitriã. Diz que estuda muito, mas tenta viver a vida como “cidadã” do Porto, pensando mesmo que já se encontra bem integrada. Tem contatos diários com a sua filha pela internet. Não pode ir visitá-la em Riade, nem a sua filha pode vir para Portugal (o visto é apenas para ela), mas o grande sonho é poder em breve construir uma vida juntas.

O FUTURO

“Estou a construir o meu futuro e o futuro da minha filha. Eu sou uma mãe sozinha, tenho que melhorar na minha profissão, vou fazer tudo o que me for possível para fazer a minha filha feliz, com paz, e com uma vida normal. Só quero paz. Não quero mais do que isto, é isto o que quero no futuro. Vou dar três coisas à minha filha: paz, amor e dignidade”.

AS HISTÓRIAS: MOHAMMAD



Nome próprio: **MOHAMMAD**

Apelido: **SAFEEA**

Idade: **29**

País de origem: **SÍRIA**
(de origem Palestiniana)

Vive em **Portugal** desde: **2014**

RESUMO

Mohammad Safeea (Sírio, de origem Palestiniana), engenheiro mecânico, 29 anos, fugiu da incorporação no exército de Bashar-al-Assad e chegou a Portugal em 2014, depois de uma passagem pela Argélia, onde não conseguiu concretizar o seu sonho de continuar a estudar. Completou o mestrado com 20 valores, estuda português e iniciou o doutoramento em robótica colaborativa. Gosta de bacalhau, de fado e de liberdade. Está a criar o próprio futuro e quer ser feliz em Portugal.

“ESTUDAR, TRABALHAR, CONSTITUIR FAMÍLIA, SER FELIZ E VIVER EM PAZ”

O CONFLITO

A guerra começou e os primeiros bombardeamentos aconteceram em Damasco quando Mohammad tinha acabado de concluir o seu curso de engenharia mecânica. Recebeu uma convocatória para se alistar nas

fileiras do exército das forças leais ao Presidente Bashar al-Assad. Como não concordava com as políticas de Bashar al-Assad e não queria ir para a guerra combater, resolveu deixar o país. Mohammad não quer falar muito sobre o conflito. Interrompeu então a continuação dos estudos, com grande desgosto da sua mãe.

A FUGA E CHEGADA À PORTUGAL

Mohammad fugiu de Damasco na sequência da sua convocação para o exército e rumou a Argélia. Foi ao encontro de um tio que morava em Argel. Teve algumas dificuldades na ida para a Argélia, mas como fugiu logo no início da guerra, os vistos ainda eram relativamente fáceis de obter. Ficou lá 2 anos, mantendo inicialmente a intenção de continuar os estudos, com a realização de um mestrado na sua área.

Arranjou alguns trabalhos, mas refere que foi complicado trabalhar. Os trabalhos eram todos braçais e com baixa remuneração. Tinha também problemas com os papéis, a regularização da sua situação no país e o prosseguimento dos estudos. “*Não consegui continuar a estudar*”, declarou.

NOVAS PERTENÇAS E INCLUSÃO

Na sequência de pesquisas efetuadas na Internet, candidatou-se e conseguiu uma bolsa de estudos através da plataforma criada pelo Ex-Presidente da República Portuguesa Jorge Sampaio¹. Abriu-se uma nova possibilidade de ir para Portugal.

Na primeira tentativa de chegar a Portugal de avião, foi impedido de partir

É necessário ter contatos frequentes com a vida cultural e social da sociedade de acolhimento.

¹ <http://jorgesampaio.pt/jorgesampaio/pt/>

AS HISTÓRIAS: MOHAMMAD

para a Europa no Aeroporto de Argel. Com o apoio jurídico da plataforma, foi possível, através das embaixadas de Portugal e da Palestina, ultrapassar a situação. Fez uma referência especial à Dra. Helena, técnica da plataforma - *“Sem ela não estaria aqui”*. Todo o processo demorou um mês. Finalmente chegou de avião a Lisboa.

Ficou um dia em Lisboa e depois rumou a Coimbra em 28 de Março de 2014, para dar início aos seus estudos. O curso de mestrado já tinha começado. As aulas no mestrado eram todas em inglês, o que facilitou o acompanhamento dos trabalhos académicos.

Em simultâneo, iniciou na Universidade, na Faculdade de Letras, um curso de Português. Diz que apesar de o inglês ser a língua dominante na comunidade científica, onde se inclui, sentiu uma grande necessidade de aprender a língua local.

A VIDA EM COIMBRA

Com a aprendizagem do português, fortaleceu-se o processo de integração. Começou a frequentar casas de fados, a ir a concertos e a ver peças de teatro. Referiu em particular o apoio dado por uma professora da faculdade de letras, que o convida muitas vezes para participar em atividades culturais. Afirmou que sente poucas dificuldades de integração e tem o apoio necessário por parte de pessoas e de instituições.

Mora numa residência estudantil, que partilhada com portugueses, mas também com estudantes Erasmus de outros países. Fez muitos amigos, muitos dos quais companheiros na vida académica.

FIGURA PÚBLICA

Concluiu com nota máxima (20 valores) o mestrado em Engenharia Mecânica, na Universidade de Coimbra, em 2016. Hoje, está a fazer doutoramento e é já

uma peça “fundamental” no laboratório de robótica da Universidade de Coimbra.

Mohammad começou a ter uma grande exposição pública através de vários meios de comunicação social portugueses². Questionado sobre a relevância do seu exemplo para quebrar alguns preconceitos em relação aos refugiados, diz: *“Eu não sou assim tão famoso, mas talvez o meu exemplo seja importante”*. Exemplo de um estudante dedicado e competente. Um dia deu uma entrevista para uma televisão e no outro dia, quando acordou, tinha muitas mensagens no telemóvel a pedir mais entrevistas. Passou a ser reconhecido na rua, no supermercado, no ginásio que frequenta. Diz que as pessoas não sabiam, nem imaginavam, que ele era um refugiado, muito menos estudante. *“Sim, talvez, isto possa ajudar a quebrar o preconceito que as pessoas têm em relação aos refugiados”*.

Afirmou que as pessoas que moram na Síria e em outros lugares querem o mesmo que toda a gente: *“Estudar, trabalhar, constituir família, ser feliz e viver em paz”*.

“As pessoas pensam que na Síria vivemos na idade média, que ninguém estuda, que temos sete mulheres! Quando saio à noite e me perguntam de onde sou e respondo que sou da Síria, ficam um pouco assustados”. *“Eu, com o meu trabalho, posso mudar um pouco esta ideia. Posso ser um exemplo de uma boa integração”*.

EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

“Quero ficar e morar aqui”, afirmou quando questionado sobre as suas expectativas para futuro, apesar de a sua família permanecer em Damasco.

² Ex: <https://www.publico.pt/2017/02/11/sociedade/noticia/mohammad-o-refugiado-sirio-que-brilha-na-robotica-em-coimbra-176169>

Gosto de liberdade, a que eu não estava habituado.

AS HISTÓRIAS: MOHAMMAD

“Quero concluir os meus estudos, trabalhar, constituir família”. Pensa que tem ótimas perspetivas de trabalho. Afirmo também que a vida é bonita por cá. Faz referência à comida (bacalhau em especial). “Gosto da liberdade, coisa a que eu não estava acostumado. Aqui tenho futuro”. Sente-se feliz na Universidade de Coimbra. Tem o que precisa. “Tenho um ótimo professor orientador”. “Tenho muita sorte”.

MOHAMMAD, O REFUGIADO SÍRIO QUE BRILHA NA ROBÓTICA

No final, falou sobre sua tese de doutoramento, que está a realizar no âmbito do projeto europeu: *ColRobot: Collaborative Robotics for Assembly and Kitting in Smart Manufacturing*³. Pretende-se evitar colisões entre robots e humanos, no contexto da “fábrica inteligente”.

No laboratório, equipado com sensores, exemplificou, com vários movimentos de aproximação de um braço robótico, que se desviava dos movimentos do investigador. *“Aqui, está a criar-se futuro”, afirmou.*

Conforme afirmou o seu professor orientador, Pedro Neto⁴, o jovem sírio é hoje *“um membro muito importante do laboratório”*. *“Faltam Investigadores qualificados nesta área, e ele, até certo ponto, supriu essa falta”, enfatizou, considerando que “não é comum” encontrar alguém com a expertise de Mohammad, Sírio, Português ou de qualquer outra nacionalidade...*

Somos
pessoas como
as outras, que só
por acaso são
refugiadas...

³ <https://colrobot.eu/about-colrobot>

⁴ <https://www.publico.pt/2017/02/11/sociedade/noticia/mohammad-o-refugiado-sirio-que-brilha-na-robotica-em-coimbra-176169>

AS HISTÓRIAS: ASHKAN



Nome próprio: **ASHKAN**

Apelido: **SELFİ**

Idade: **45**

País de origem: **IRÃO**

Vive em **Portugal** desde: **1988**

RESUMO

Foge de Teerã aos 14 anos por decisão do seu pai e para se reunir ao irmão que vivia em Portugal. Com forte apoio familiar, grande persistência, trabalho árduo e honestidade, ele superou os primeiros anos muito difíceis e enfrentou as dificuldades de linguagem, socialização e integração que experimentou. Formou uma nova família e hoje gere uma grande empresa de distribuição alimentar em Portugal. Apoia ativamente os novos refugiados no seu caminho de adaptação e inclusão na sociedade portuguesa.

“MEU FILHO ASHKAN IRÁ AO CASAMENTO!”

O CONFLITO

Na sequência da Revolução (1979) e da guerra Irão-Iraque (1980), registou-se no país um grande êxodo da população para fugir à violência e à falta de liberdade. A maioria das pessoas queria ir para os Estados Unidos. Como segunda opção vinham os países do norte da Europa, principalmente a

Alemanha. Algumas famílias, com familiares no exterior, tentavam que os seus filhos fossem para esses países. Isto também para fugir ao serviço militar obrigatório de 2 ou 3 anos e aos incentivos feitos nas ruas pelas milícias religiosas para que todos os jovens fossem para a frente.

A FUGA DOS RAPAZES SELFİ

“O meu irmão mais velho tinha 18 anos quando o meu pai o mandou embora, para fugir à guerra. Pagou a um traficante para o efeito. O meu irmão fugiu de burro, camelo e a pé. Passou a fronteira do Paquistão - um período muito tenso, porque não havia comunicação. Através de um outro traficante conseguiu um passaporte. Tentava ir para os EUA, onde morava um tio nosso. Foi preso no aeroporto de Frankfurt e ameaçado de deportação. Explicou que era um desertor aos olhos do governo do seu país. Se voltasse para lá, seria executado. Pediu asilo uma vez que seria morto no Irão. Disseram-lhe que não podia ficar na Alemanha, mas que poderia ir para Portugal. Quando avisou a família que estava em Portugal, correram a comprar um atlas, porque ninguém sabia onde ficava esse estranho país...!”

A FUGA DE ASHKAN

Entretanto, a revolução e a guerra agravavam-se, assim como as condições de vida.

“A nossa casa em Teerão ficava próxima da estação estatal de TV e os bombardeamentos eram constantes.”

Além dos bombardeamentos, a família de Ashkan sofria perseguição por parte das milícias (policia religiosa). Sentiam-se sempre em perigo. Os familiares não eram muito religiosos e as pessoas sabiam disto.

Na escola, as crianças recebiam visitas dos mártires que haviam perdido

Eu recebi um apoio familiar muito forte

AS HISTÓRIAS: ASHKAN

braços e pernas na guerra e também daqueles que se iam matar em nome da religião. Era um ambiente de terror.

Um dia, o pai de Ashkan foi ao mercado comprar dois tapetes persas. Com Ashkan, na época com 14 anos, dirigiu-se ao Consulado de Portugal e disse: *“O meu filho mais velho, que vive agora em Portugal, vai casar. Gostaria que alguém da família nos representasse no casamento. O meu filho Ashkan irá ao casamento!”* No Consulado foi concedido a Ashkan um visto por uma semana.

CHEGADA E VIDA EM PORTUGAL

Ashkan chegou a Portugal em 1988. Ao sair do aeroporto, viu pela primeira vez um arco-íris! Mas essa ideia inicial de beleza mudou rapidamente, quando viu a pobreza das casas à volta da “2ª circular”...

Os primeiros anos são muito duros. Tinha muitas saudades da família.

“Recebia semanalmente cartas do meu pai. Todas as quartas-feiras recebia uma carta e chorava compulsivamente”.

Um dia as cartas pararam de chegar. Escreveu ao pai e recebeu uma carta da mãe que lhe dizia que o pai tinha desaparecido.

“Prenderam o meu pai por ele ter mandado os filhos embora. Ficou preso, incomunicável, durante 2 anos. Ninguém sabia do seu paradeiro. Depois deste período obrigaram-no a ir para a guerra, mas como já tinha 60 anos, ficou lá menos de um ano.”

Entretanto, Ashkan já andava na escola Secundária de Paço D’Arcos, e em paralelo aprendia e aperfeiçoava o português. Mas tinha grande dificuldade em fazer amigos. Era conhecido na escola como “o árabe”. *“Pensavam que eu era um terrorista ou algo assim”.*

NOVAS PERTENÇAS E INCLUSÃO

Até que um dia decidiu ingressar na associação de estudantes da escola. A sua situação começou a mudar. Fez amigos e iniciou uma participação ativa nas atividades escolares.

“Fiz amigos que tenho até hoje. Amizade mesmo profunda. Somos amigos até hoje. Um deles até é padrinho do meu filho. Era bem recebido pelas suas famílias. Convidavam-me para o Natal. Também cuidavam de mim, como era jovem queria fazer isto e aquilo e eles... Espera, vai devagar... não te metas nisto... Eram verdadeiros amigos...”

A vida continuava a mudar. Aos 18 anos conseguiu um emprego numa pizzaria, em Cascais. Estudava e trabalhava. Começou a ganhar dinheiro e como o irmão ia casar-se, decidiu mudar de casa e viver sozinho.

Um dia o irmão fez-lhe o convite para trabalharem juntos. O irmão pretendia criar uma empresa para abastecer um restaurante em Cascais. Pediu demissão da pizzaria e começou a trabalhar com o irmão. Levantava-se todos os dias às 3 da manhã para ir buscar batatas, tomates, cebolas ao mercado da Ribeira, em Lisboa, e transportar os bens de comboio, de volta até Cascais. Ganharam algum dinheiro, o que lhes permitiu comprar uma pequena carrinha e alargar o negócio. Passaram então a abastecer mais três restaurantes.

Pouco a pouco, são reconhecidos pelos restaurantes de Cascais como trabalhadores, honestos, cumpridores de prazos. *“Íamos às 3 da manhã para o mercado. Só assim assegurávamos que tínhamos os melhores produtos. Éramos sempre os primeiros a chegar.”* A fama foi crescendo e a empresa também.

Tem de se correr riscos e mostrar determinação e capacidade empreendedora

AS HISTÓRIAS: ASHKAN

A VIDA EM PORTUGAL

Em paralelo com o trabalho, também a vida social e comunitária de Ashkan se intensificava. Já estabilizado do ponto de vista financeiro, Ashkan conheceu a sua primeira esposa. Ela, de nacionalidade brasileira, deu a Ashkan uma nova perspetiva de vida. Ashkan viajou para o Brasil onde conheceu a família da sua esposa e criou laços afetivos que estão ainda hoje presentes na sua vida. “É ainda a minha família, a minha família brasileira”. Com a primeira esposa teve um filho, hoje com 14 anos. Projetou no filho toda e esperança de um mundo novo. Passado algum tempo o casamento não deu certo e Ashkan divorciou-se. Apesar da separação, mantém um bom relacionamento com a ex-esposa, tendo com ela a guarda partilhada do filho.

Há cerca de dois anos, Ashkan conheceu a sua atual esposa. Ela, técnica superior de alimentação, foi trabalhar na empresa de Ashkan. Ashkan encantou-se com ela. “Impressionou-me a força dela e, claro, a sua beleza”. Casaram depois de um ano de namoro.

Hoje, Ashkan é proprietário de uma grande empresa de distribuição de alimentos em Portugal. Sendo um empresário de sucesso, Ashkan tem condições financeiras para apoiar os refugiados, especialmente os oriundos do Irão. Como sentiu na própria pele este drama, e agora tendo a posição que tem, sente-se na obrigação de ajudá-los.

Tem refugiados a trabalhar com ele, ajudou outros a estabelecer contactos diretamente com outras instituições de apoio, entre outras iniciativas em que intervém. Durante a nossa entrevista fomos interrompidos algumas vezes para Ashkan atender chamadas telefónicas para tratar assuntos relacionados com refugiados. Só 10 anos após a fuga, Ashkan encontra novamente o pai, a mãe e a irmã.

Pelas 3:00 da manhã já estávamos a caminho do mercado.

AS HISTÓRIAS: XERIP



Nome próprio: **XERIP**

Apelido: **SIYABEND**

Idade: **31**

País de origem: **CURDISTÃO**

(cidadão turco)

Vive na **Itália** desde: **November 2012**

RESUMO

“Na Turquia, o exército combatia nas áreas curdas, incendiando vilas e matando civis curdos. Não se pode expressar livremente a própria identidade, cultural ou política. Não há liberdade para expressar publicamente a sua opinião, nem maneira de defender os direitos humanos. E é esse estado de coisas que me obrigou a deixar o meu país. Evitar a prisão e perseguição, e a morte.”

“... TINHA QUE FUGIR, PORQUE ERA UM PACIFISTA”

A HISTÓRIA DE XERIP – CONFLITO E FUGA

Xerip Siyabend nasceu em Diyarbakir, Turquia. Tem 2 irmãs e 2 irmãos, sendo ele o irmão mais velho. Xerip é formado em moda e, depois da faculdade, trabalhou na indústria da moda durante um ano. Enquanto estudava, trabalhou na indústria cinematográfica como diretor artístico, e assistente de realizador. Também trabalhou como fotógrafo, colaborando com jornalistas nacionais e internacionais. As irmãs estudaram na Academia de Belas Artes, os irmãos são

jogadores de futebol, a mãe trabalha em casa e o pai é compositor musical. Em 1980, durante o golpe do Estado na Turquia, como muitas famílias curdas, a família do pai foi forçada a mudar-se para Istambul para criar uma nova vida. Os pais casaram-se em 1984 e mudaram-se para Silvan. Xerip nasceu em 1986, e após o seu nascimento, a família mudou-se novamente para Istambul devido à pressão do governo turco. Em Istambul frequentou a escola primária, o ensino médio e secundário.

Durante esses anos, sofreu discriminação por parte do governo turco e de nacionalistas porque sempre quis estudar na língua materna, a língua curda. Foi maltratado quando tinha 12 anos e enviado para a prisão cerca de uma semana, onde foi torturado. Depois do ensino médio, seus pais voltaram para o Curdistão, no sudeste da Turquia. Passados três meses teve a oportunidade de participar no Serviço Voluntário Europeu (EVS) em Eboli, na Itália. No final do projeto, após seis meses, voltou para a Turquia e ingressou na Universidade Kafkas, para estudar na Faculdade de Economia. Durante o primeiro ano de universidade, tornou-se um ativista na defesa dos direitos humanos e do reconhecimento oficial da língua curda nas universidades. Começou a organizar petições, o que provocou a sua expulsão da universidade.

Em 2009, com uma nova lei, foi-lhe possível voltar à universidade e integrar uma outra faculdade, tendo terminado o curso em 2011. Na sequência, foi forçado a cumprir o serviço militar. O exército turco operava então em áreas curdas, incendiando aldeias e matando civis. Sendo um pacifista, não podia participar neste tipo de operações. Xerip declarou-se objetor de consciência e, durante um ano, viveu escondido em vários lugares no país, até novembro de 2012. Neste ano partiu de avião para a Itália.

Eu superei os obstáculos com a ajuda dos meus amigos e das associações italianas

AS HISTÓRIAS: XERIP

UM LUGAR NUMA NOVA SOCIEDADE

Quando chegou a Itália, enfrentou várias dificuldades. Dormiu várias noites em frente aos serviços de asilo político e também nas ruas, até encontrar o “Centro Soziocultural Curdo Ararat”, onde ficou até outubro de 2013. No centro, foi-lhe possível partilhar a sua cultura e identidade com outros curdos, provenientes de outras áreas do Curdistão. Partilhou não só a sua cultura, como também o seu sofrimento. Todos os que chegavam, bem como os que já se encontravam no centro, tinham tido experiências semelhantes muito dolorosas.

O primeiro obstáculo foi o idioma. Mas teve também de lidar com a burocracia, o racismo, a procura de emprego e as diferenças culturais. Recebeu ajuda de outros curdos, que já tinham uma vida na Itália, como também de organizações de direitos humanos e de alguns dos seus novos amigos italianos.

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À SOCIEDADE

Quando Xerip obteve proteção humanitária, teve a oportunidade de trabalhar em vários centros de acolhimento como mediador cultural e também como voluntário no centro sócio-cultural do Curdistão Ararat.

Pretende com o seu trabalho voluntário ajudar os curdos a chegar a Itália e requerer asilo político bem como dar a conhecer a cultura e a causa do povo curdo. Xerip tem agora a oportunidade de colaborar com muitas associações que trabalham com a imigração e com os direitos humanos. Graças à sua experiência anterior em fotografia e cinema, ele trabalha com alguns

Eu conheci e respeito a cultura italiana, mas ao mesmo tempo eu também fiz a minha cultura ser conhecida.

jornalistas que produzem documentários na Itália, na Síria e no Iraque para dar voz às vítimas da guerra do ISIS negligenciadas pelos meios de comunicação, bem como participa em exposições fotográficas sobre a realidade curda.

AS HISTÓRIAS: VAHIDA



Nome próprio: **VAHIDA**

Apelido: **H.**

Idade: **48**

País de origem: **BOSNIA agora**

Republika srpska

Vive na **Slovenia** desde: **1993**

RESUMO

Vahida tinha 19 anos quando a guerra na Bósnia eclodiu e foi forçada a deixar a sua aldeia natal, perto de Bosanski Novi, para passar quase um ano na Croácia, em casa do irmão a recuperar da sua experiência traumática e fuga. Em 1993, foi para a Eslovénia, passou um ano num centro de refugiados, começou a traduzir, tendo sido convidada a participar na rede de escolas de refugiados. Decidiu então, matricular-se num programa universitário de graduação. Actualmente é detentora de um bacharelato em Inglês e de Literatura Inglesa e de um mestrado científico em pedagogia social. Tem trabalhado a nível nacional e internacional, com especialistas notáveis e finalmente, ela própria se tornou numa especialista internacional. Actualmente trabalha para um dos ministérios eslovenos.

“NÃO É DIFÍCIL RECONSTRUIR UMA CASA, NÃO É DIFÍCIL CONSTRUIR UMA NOVA ESTRADA, A VERDADEIRA QUESTÃO É COMO RECONSTRUIR A VIDA”

Vahida H., numa conferência em 2011

CONFLITO

Em 1991, eclodiu na Bósnia, uma guerra com raízes antigas - históricas, religiosas, étnicas, económicas e culturais -, embora essa ex-República fosse considerada como a mais jugoslava de todas, com diferentes grupos étnicos a habitar pacificamente. Foi uma grande tragédia para a região e para os seus habitantes, uma imensa ruptura social e ruptura das histórias de vida individuais. Hoje esta região tem um novo nome, *Republika Srpska* e a maioria da sua população é sérvia. Os muçulmanos e os católicos foram embora. Na verdade, hoje ninguém sabe qual é a estrutura da população, já que o último censo foi realizado em 1991!

FUGA

Como já dissemos, Vahida tinha 19 anos quando a guerra eclodiu. Os muçulmanos foram expulsos das aldeias vizinhas. Lembra-se que na sua casa de família, havia 45 pessoas escondidas. Era difícil dizer quem os expulsou das suas próprias casas. Teriam sido os vizinhos? Os seus amigos? Era difícil de saber, pois os agressores usavam sempre máscaras. As pessoas que ficaram na casa da família de Vahida trouxeram comida mas não a partilhavam com os outros, pelo contrário, escondiam-na, para os tempos difíceis. A família de Vahida tinha cereais e vegetais, mas num mês, tudo desapareceu. 45 bocas

AS HISTÓRIAS: VAHIDA

famintas eram demasiadas. A casa cheirava mal, da comida não consumida e armazenada, escondida. Esta foi uma das suas primeiras impressões da guerra. Vahida lembra-se de viajar de comboio com muitos outros. Surpreendentemente, não tinha medo. Em cada estação ferroviária, saltava para fora do comboio e ia buscar água para quem estava com sede. Cortava o cabelo a quem precisasse. *“Quando se está em perigo, ameaçado, não se tem medo”,* afirma *“já que já perdeste o que te era mais querido”.* Também se lembra que não conseguia controlar muito bem o que dizia e a sua mãe frequentemente colocava a mão sobre a boca para silenciá-la. Mas Vahida era jovem e não tinha medo de nada. Muito mais experiente e razoável, a sua mãe era mais cautelosa.

Lentamente, o comboio chegou à fronteira croata. A família separou-se e a mãe de Vahida permaneceu na Bósnia, num lugar seguro enquanto Vahida viajou para a Croácia. Durante um ano ou mais ela viveu com o irmão, para recuperar as suas forças depois de traumas que experienciou. Houve guerra na Croácia também, mas não em Zagreb.

Eu
estou bem,
você está
bem!

A HISTÓRIA DE VAHIDA

De Zagreb, Vahida viajou para a Eslovénia, Hrastnik, uma pequena cidade industrial e para um centro local de refugiados. Ela lembra-se exatamente quando foi: em 15 de julho de 1993.

Vahida morava numa casa pequena de madeira, partilhando o quarto com 10 outras pessoas. Esse nível de intimidade nem sempre foi fácil, é evidente.

Naquela época, ela interrogava-se muito sobre o seu futuro. *“Onde iria morar? O que iria fazer para viver? O quê...Tantas perguntas!”* Começou a trabalhar

fazendo traduções e aprendeu muito sobre si própria e sobre as outras pessoas e também sobre a sua própria capacidade em relacionar-se. Ser capaz de relacionar-se é extremamente importante quando se é refugiado.

Não foram deslocadas somente adultos e pessoas mais velhas. Havia muitas crianças espalhadas pela Eslovénia. Vahida foi convidada a trabalhar numa escola para crianças refugiadas. *“Pelo amor de Deus, poderei fazê-lo? Não fui à universidade, não tenho o conhecimento e as aptidões”.* Um refugiado deve-se esforçar para aprender a língua do país anfitrião e deve ter um bom domínio do inglês. Mas havia pessoas que confiavam nela. *“Educação e conhecimento não podem ser tirados, não importa quais sejam as circunstâncias”,* diz Vahida. A educação é da maior importância. Vahida tinha 24 anos quando sentiu uma necessidade urgente de estudar.

Vahida inscreveu-se na Universidade de Ljubljana para estudar língua e literatura inglesa. A sua vida dupla começou. Vahida trabalhava e estudava. Além disso, a organização onde trabalhava cuidava bem das pessoas que lá trabalhavam. Cada mês havia alguma formação organizada para os funcionários e, adicionalmente, passavam um a dois dias a discutir a sua vida profissional sob a supervisão de um especialista.

Havia também uma psicóloga, que tinha acabado de se reformar, para se dedicar a tempo inteiro e com toda a sua energia às crianças traumatizadas pela guerra. Ela tinha a sua própria rede internacional de colegas de diferentes países europeus. Convidou-os, e eles aceitaram ajudar. Vieram da Suíça, Holanda, Grã-Bretanha, e Bélgica. Este círculo de pessoas íntimas e colegas tornou-se, de alguma forma, o círculo de Vahida, pessoas nas quais poderia confiar para obter ajuda, quando necessário.

As famílias de refugiados, que viviam em pequenas casas de madeira, estavam

AS HISTÓRIAS: VAHIDA

focadas em passar o tempo, à espera que a situação mudasse. Muitos deles não pensavam na escolaridade dos seus filhos. Eles não se abriam facilmente a ninguém e a sua atitude refletia-se nos seus filhos. Ir à escola, pertencia aos tempos de paz. Mas pertencia realmente? As crianças não gostavam de ir à escola. Quando iam, costumavam estar de pijama nas aulas, com as pálpebras coladas de longas horas a dormir. Mas Vahida, juntamente com os seus colegas professores, iriam lutar contra isto. As crianças foram aceitando a escola, e, lentamente, começaram a aparecer mais bem-vestidas para as aulas. Um dos métodos básicos de aprendizagem é pela imitação e foi isso que aconteceu nas aulas de Vahida

Além disso, foi organizada ajuda psicossocial para crianças, e embora não fosse uma boa dançarina, Vahida foi convidada a ensinar a crianças a dançar. Aprendeu a dançar enquanto os ensinava, como se já o tivesse feito muitas vezes antes. Depois, as crianças foram convidadas a dar um espetáculo público. Ficaram muito felizes com os aplausos. Os pais das crianças foram ver o espetáculo e ficaram muito orgulhosos dos seus filhos. Orgulhosos e felizes. Quanto ao papel de Vahida, *“eu ajudei a escola e a escola ajudou-me”*.

Vahida tinha 24 anos quando se matriculou num programa universitário. Não falando esloveno e sendo cinco anos mais velha do que os outros estudantes, estava novamente numa situação de exclusão. Mas sentiu que a educação, a longo prazo seria inclusiva. Ela tinha a certeza disso.

Em 1994, Vahida coordenava os assistentes de aprendizagem para as crianças refugiadas e trabalhava em estreita colaboração com a

Alguns refugiados vão mais longe por causa da tragédia que experimentaram.

psicóloga voluntária aposentada, que era mais velha que ela, muito mais experiente, muito mais conhecedora. Esta foi uma circunstância feliz já que nela encontrou uma mentora. *“Não há felicidade maior”, dizem os chineses, “do que encontrar um professor”*.

Quando começou a trabalhar, acompanhou a sua mentora na primeira conferência internacional transcontinental em Edmond, no Canadá. A sua mentora moderou um workshop sobre voluntariado. Vacilante, Vahida não sabia sobre o que deveria falar. Mas então Eureka! Começou a falar sobre a sua própria história de voluntariado. Sentiu que a grande audiência estava cada mais em silêncio e pensou que isso se devia à sua intervenção, que tinha sido muito má. Mas no final, quando se atreveu a olhar para a plateia, teve um forte aplauso e palavras muito elogiosas. Tem de ser-se congruente, para se ser persuasiva. Confortada por essa experiência, voltou aos estudos mais confiante e menos tímida. Verificou-se uma verdadeira transformação.

Em 2000, Vahida obteve a cidadania eslovena.

PERTENÇA

Vahida pertence a pelo menos duas culturas: Bósnia e Eslovena. Em Ljubljana, sente-se em casa, enquanto na Bósnia *“vai ao país da sua mãe”*. Mantém uma distância crítica face às duas culturas com base na autorreflexão e nas forças transformadoras da sua personalidade. Diz: *“Nós na Eslovénia...”* O que a faz pertencer é a sua prontidão para aprender, o que a faz evoluir em conjunto com o seu ambiente social.

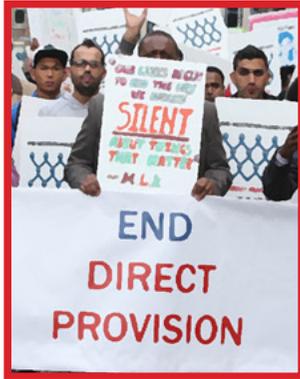
AS HISTÓRIAS: VAHIDA

MARCOS E ESTRATÉGIAS DE APOIO À INCLUSÃO TRANSFORMADORA DE VAHIDA

Analisando o percurso de vida de Vahida, torna-se óbvio que tem o tipo de perfil psicológico que estimula a inclusão, que é resiliente ao ter superado os traumas por que passou. O lema de sua vida tornou-se, “estou bem, você está bem também”. É importante com quem um refugiado se relaciona, porque cada uma dessas pessoas é uma ponte entre o refugiado e a sociedade de acolhimento.

Várias vezes na sua vida, Vahida pensou sobre o futuro (matriculou-se na universidade, em programas de graduação e pós-graduação). A sua tese de Mestrado relacionava-se com o seu trabalho e focava-se na motivação, pessoas mais velhas e voluntariado. Ainda mantém contato com a sua orientadora de tese de mestrado, para quem ela foi uma estudante interessada e talentosa. Aprendeu esloveno, falando, estudando e trabalhando. Dominou a língua eslovena e praticamente não tem vestígio de sotaque. É fluente e pode escrever em várias línguas; o seu trabalho não se limita a um país, mas à Europa e ao mundo. É também uma boa comunicadora. É uma boa coordenadora de projetos, gosta do trabalho em equipa, sempre a ligar as pessoas, instituições, áreas de trabalho, e grupos-alvo. Gosta de resolver problemas e gosta de aprender com os problemas.

AS HISTÓRIAS: REUBEN



Nome próprio: **REUBEN**

Apelido: **HAMBAKACHERE**

Age: **38**

País de origem: **ZIMBÁBUE**

Vive na **Irlanda** since: **2006**

RESUMO

Reuben foi um homem de negócios que viveu no Zimbábue até 2005, quando foi forçado a sair por razões políticas. Reuben, a sua esposa e filhos mudaram-se para a África do Sul e depois para a Irlanda, em 2006.

Reuben é membro fundador da “Plataforma para os Refugiados e Requerentes de Asilo da Irlanda (RASPI)”, criada em 2010. Este grupo produziu uma base de dados que liga todos os 34 Centros de Acolhimento de Refugiados da Irlanda. Inicialmente foi apoiado pelo Conselho dos Refugiados da Irlanda. Em 2014, Reuben foi convidado pela ministra do governo irlandês, Frances Fitzgerald, a representar os requerentes de asilo e fazer parte de um grupo de trabalho. Reuben também trabalha como consultor para a ‘Cultur’, uma organização que usa a abordagem do trabalho comunitário com os requerentes de asilo e os migrantes, abordando as causas profundas da desigualdade e da injustiça. Reuben é um grande embaixador dos requerentes de asilo na Irlanda - um excelente modelo para todos nós.

¹ *Provisão Direta* é um sistema de tratamento de requerentes de asilo na República da Irlanda, concebido para ser um sistema sem dinheiro, com os residentes a receber alojamento em regime de pensão completa, com alimentação, serviços públicos, incluindo os de saúde e de educação para as crianças, etc., totalmente pagos pelo Estado. Mas o período de tempo que as pessoas permanecem na *Provisão Direta* (cinco ou mais anos) tem vindo a ser criticado por órgãos de vigilância dos direitos humanos, chamando os “atrasos” nos requerentes de asilo como “sistémicos e perniciosos”. A *Provisão Direta* foi rotulada como “desumana e degradante”, afirmando-se que o sistema é ilegal, tanto na Constituição irlandesa quanto na Convenção Europeia de Direitos Humanos, e todas as outras convenções internacionais de direitos humanos nas quais a Irlanda se inscreveu. Houve mesmo quem lhe chamasse de “pobreza institucionalizada”. Também a Comissão Europeia de Racismo e Intolerância, recomendou uma revisão completa do sistema, no seu Quarto Relatório sobre a Irlanda. Por seu lado, no seu relatório sobre os direitos humanos e a extrema pobreza, o Conselho dos Direitos Humanos da ONU expressou preocupações sobre o tempo gasto na *Provisão Direta*, os limites à autonomia, os impedimentos à vida familiar e a proibição de trabalho. Ver: https://en.wikipedia.org/wiki/Direct_Provision

“...EU FUI REALMENTE AMEAÇADO POR AUTORIDADES DE SEGURANÇA.”

HISTÓRIA DE REUBEN - CONFLITO E FUGA

Reuben dirigia o seu próprio negócio no Zimbábue. Perdeu grande parte do stock da sua empresa confiscado pelas autoridades em 2004. Nessa altura, os negócios pioraram devido as novas leis que tornaram impossível para homens de negócios como Reuben ter acesso às moedas estrangeiras e continuar o seu negócio. No Zimbábue, por volta de 2004, Reuben foi visado pelas autoridades, por fazer parte de uma comunidade representativa de pequenas empresas e estava politicamente ativo, protestando contra as práticas restritivas na área dos negócios. Esses protestos atraíram sobre si muita atenção da polícia. Fazia parte de um movimento político que desafiava o partido no poder do Presidente Mugabe. Devido ao seu ativismo político contra o partido no poder, Reuben foi ameaçado pelas autoridades policiais e aconselhado por amigos e colegas a deixar o Zimbábue. Muitas pessoas que se opuseram ao regime tinham desaparecido. Por razões de segurança, Reuben mudou-se para a África do Sul em 2005 - o primeiro passo do caminho para o asilo na Irlanda, em 2006.

LUTA NA NOVA SOCIEDADE ACABAR COM A “PROVISÃO DIRETA” (DIRECT PROVISION¹)

Reuben juntou-se ao *Conselho de Refugiados da Irlanda (RCI)* como voluntário em 2010. Iniciou uma campanha chamada

Encontrei-me com a Ministra Irlandesa para discutir as questões dos refugiados.

AS HISTÓRIAS: REUBEN

“Fim da Provisão Direta na Irlanda”. O Conselho de Refugiados da Irlanda apoiou a campanha de Reuben, porém não apoiaram algumas ações. Esta falta de apoio paralisou a iniciativa, pela falta de financiamento. De alguma forma, a abordagem mais radical de Reuben e as ações propostas para acabar com a “provisão direta”, não estavam em linha com o RCI, que temia pelo seu próprio financiamento. Reuben continuou a trabalhar com o RCI durante mais 3 ou 4 anos.

Em 2014, Reuben recebeu a cidadania irlandesa e foi convidado pelo governo irlandês a integrar um grupo de trabalho para abordar ou melhorar a *provisão direta* para os requerentes de asilo na Irlanda. Com a iniciativa, a ministra do governo irlandês, Frances Fitzgerald, procurava melhorar a *provisão direta* para os requerentes de asilo, enquanto Reuben lutava para o fim desse sistema na Irlanda. Era uma voz solitária à mesa, acompanhado só por Sue Conlon, do Conselho de Refugiados da Irlanda. Tanto Reuben como Sue não conseguiam antecipar quaisquer melhorias da situação, uma vez que as condições e as práticas restritivas em matéria de apoio financeiro, barreiras à educação e integração na sociedade e na força de trabalho estavam firmemente implantadas. Reuben procurava uma alternativa à *provisão direta* e percebeu muito cedo que isso não iria acontecer. Reuben afirma que, embora o grupo de trabalho se reunisse, as “*decisões do governo já tinham sido tomadas*”. Nada poderia ser alcançado. Juntou-se ao grupo em agosto de 2014 e demitiu-se em fevereiro de 2015. A demissão deveu-se à não existência de possibilidade de de acesso à educação e ao mercado de trabalho. Reuben continuou a sua luta com a divulgação das razões para a sua renúncia, numa carta aberta à Ministra Fitzgerald e ao Presidente do grupo de trabalho. Reuben regressou ao núcleo do grupo RASPI (12 membros-chave que representam

Comecei
uma campanha
para acabar com a
“provisão direta”.
É racista.

centros de provisão direta em toda a Irlanda), que representava no grupo de trabalho governamental, para informá-los sobre a sua decisão de se demitir. Houve uma reação mista. Enquanto alguns achavam melhor a sua permanência, para terem maior influência nas questões da *provisão direta*, Reuben argumentava que o grupo de trabalho era apenas um exercício “*cosmético*” e “*nada palpável iria sair dali*” ... isso causou uma grande divisão no grupo principal de ativistas que Reuben representava. Reuben foi substituído por outro membro do núcleo do grupo RASPI no painel do governo.

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À SOCIEDADE

Reuben começou a trabalhar para “*Cultur*” como voluntário em 2014, mas depois de sua demissão do grupo de trabalho do governo em 2015, tornou-se mais ativo. Reuben negociou um contrato para trabalhar a tempo parcial para a *Cultur*. No contrato, ficou estipulado que era livre para operar como ativista para acabar com a *provisão direta*, desde que não entrasse em conflito com a missão e objetivos da *Cultur*. Reuben é um agente livre e sente que esta é a sua melhor oportunidade de dar algo de volta à sociedade, que tem como direito democrático a liberdade de expressão, que ele usará para mudar ou procurar uma alternativa à *provisão direta*. Significativamente Reuben ressalta que está em representação do Reuben (o indivíduo) e dos pontos de vista de alguns ativistas-chave, nas respostas dadas na entrevista, e não em representação da *Cultur*. A gravação da entrevista terminou e continuámos a conversar sobre a sua família, os seus sonhos e esperança para o futuro. Reuben é um verdadeiro ativista e um excelente modelo para todos os requerentes de asilo que procuram integrar-se nas suas novas sociedades.

AS HISTÓRIAS: ELVISA



Nome próprio: **ELVISA**

Apelido: **KANTAREVIC**

Age: **35**

País de origem: **BÓSNIA**

Vive na **Alemanha** since: **1992/2000**

RESUMO

Elvsa Kantarevic nasceu na Bósnia, tem uma irmã e um irmão. A família vivia na Bósnia, e quando as atrocidades da guerra com a Sérvia eclodiram em 1991, tiveram de fugir rapidamente do país. Chegou à Alemanha em 1992 onde viveu durante 5 anos, e durante este período sentiu-se como uma alemã. Porém em 1997 a família foi ameaçada de ser deportada de volta para a Bósnia. Partiu da Alemanha com a convicção de que um dia voltaria. Em 2000, obteve um visto de estudante e começou os seus estudos na universidade, junto com a sua irmã. Desde 2005, Elvsa é casada, tem 2 filhos, vive em Hamburgo e é Diretora do Departamento de Migração e Diversidade numa bem conhecida Agência de Educação.

“EU ERA UM ALEMÃ COM DATA DE VALIDADE.”

FUGA REPENTINA

Elvsa tinha 10 anos quando começou o conflito entre a Bósnia e a Sérvia. Realmente não sabia o que estava a acontecer, os adultos sempre tinham

alguns segredos. Um dia, a mãe da sua melhor amiga disse-lhe que não podiam mais brincar juntas, porque Elvsa era Bósnia. No mesmo dia, ouviu as primeiras bombas. Durante semanas compraram comida, e em pânico ficavam em casa e dormiam sempre vestidas. Então um dia, Elvsa e a sua irmã foram metidas num carro com a mãe e deixaram a Bósnia. As crianças não sabiam para onde estavam a ir. Como o pai já trabalhava na Alemanha como mineiro, a família dirigiu-se para a Alemanha.

PROCURA DO SEU LUGAR NA NOVA SOCIEDADE

O pai vivia em Gladbeck, uma pequena cidade na área mineira da Alemanha. Procurou um apartamento para a família, mas tudo o que conseguiu foi uma garagem. Viveram nessas condições durante 6 meses, mas Elvsa estava feliz, sentia-se segura e havia muitas pessoas no bairro que ajudavam com comida, doces, e estava a aprender o alemão.

Elvsa começou a escola no 5º ano, numa escola especial, mas em breve mudava para um Liceu porque aprendeu alemão e tudo o resto muito rapidamente. Encontrou amigos e destacou-se na escola, assim como a sua irmã, que estava um ano atrás dela. Foi inflexível na aprendizagem do alemão o mais rápido possível. Teve uma experiência decisiva, quando a sua irmã estava no hospital e não sabia comunicar quais eram os problemas. Ela e a irmã decidiram que precisavam aprender o idioma rapidamente. Conseguiram um dicionário e estudaram com afinco. Em breve traduziam todos os papéis oficiais ou acompanhavam os familiares ao médico para fazer a tradução. Mas não se importavam.

Mas só tinham autorização para permanecer na Alemanha por períodos de 6 meses, que tinham de ser renovadas periodicamente. Elvsa sentia-se como uma criança alemã, mas com prazo de validade.

AS HISTÓRIAS: ELVISA

E então veio o horror. Chegou a ordem de deportação, quando estava no 9º ano. Havia uma mulher no bairro que não aceitou essa decisão. Divulgou o acontecimento e outros juntaram-se a ela no esforço para mudar essa decisão. Conseguiram, mas apenas em parte. Elvisa e a sua irmã poderiam ficar, por mais um ano, até terminarem a escola - mas apenas com um dos pais. Assim, a sua mãe e o irmão mais novo partiram e as irmãs e o pai permaneceram na Alemanha, por mais um ano.

REGRESSO E PERTENÇA, FINALMENTE

Passado um ano, voltaram para a Bósnia. Frequentaram a escola por mais três anos, depois Elvisa e a sua irmã pediram um visto para a universidade e tiveram muita sorte em conseguir ambas o visto. Estudaram “língua alemã e filosofia” na Universidade de Bochum e terminaram em 2005 o bacharelato.

Durante toda a sua vida profissional, Elvisa tentou ajudar os que estão na mesma situação que ela: ser um estranho num país. Foi conselheira para jovens migrantes, e depois mudou-se para a Agência para a Migração e Diversidade, que hoje dirige. Organiza eventos, trabalha em projetos e, em rede, tenta melhorar a situação dos migrantes no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, ajuda os outros que lutam e ainda apoia financeiramente a sua família na Bósnia. O mais recente projeto visa a formação de mentores para ajudar os refugiados que começam a trabalhar na Alemanha.

Em 2005, casou-se e tem dois filhos. Sente que agora pertence à Alemanha e à sociedade alemã. Em 2008, obteve a cidadania alemã. A Bósnia ainda é a sua “casa”, por causa da família e dos amigos. Mas na Alemanha também está em casa. E ela orgulha-se de ser alemã.

É
preciso
força de vontade
para fazer parte da
vizinhança

AS HISTÓRIAS: TINU



Nome próprio: **TINU**

Apelido: **ACHIOYA**

Age: **43**

País de origem: **NIGÉRIA**

Vive na **Irlanda** since: **1999**

RESUMO

Tinu nasceu numa família de políticos na Nigéria. O seu pai era um político na Nigéria. Na década de 90, houve uma grande violência entre os partidos políticos. Os sequestros e os assassinatos eram comuns. Foi o momento em que a Nigéria passou da ditadura militar para a democracia. A comunidade internacional pouco fez durante este período de transição, uma vez que o governo militar favorecia as companhias de petróleo estrangeiras. Tinu era recém-casada em 1999 e o seu pai, que foi educado no Reino Unido na década de 1950, tinha boas ligações irlandesas e tinha visitado a Irlanda durante esse período. Tinu também tinha irmãs a viver no Reino Unido. Mas o que mais influenciou a decisão de Tinu de migrar para a Irlanda foram as freiras irlandesas que a educaram e que também regressaram à Irlanda, no final dos anos 90. Tinu é uma arquiteta qualificada. Quando chegou à Irlanda, ficou alojada no centro de provisão direta de Kenmare, enquanto o seu requerimento era analisado. Em contraste com o que acontece hoje, as pessoas em provisão direta tinham que aguardar anos, às vezes até 7 ou 8, para obter licenças de trabalho. Tinu conseguiu encontrar emprego

quase imediatamente. A forte comunidade local abraçou os recém-chegados e insistiu para que pudessem trabalhar, independentemente da política nacional. Os anciãos da comunidade em Kenmare imediatamente reconheceram as suas capacidades. Insistiram em que lhe fosse permitido trabalhar e integrar-se na nova comunidade de uma maneira natural, orgânica. Tinu baseou-se nesta primeira experiência positiva na Irlanda como exemplo para os seus últimos 17 anos, como uma ativista proeminente que ajuda outros requerentes de asilo em muitos lugares e situações em toda a Irlanda, influenciando a política governamental. Atualmente, Tinu está empregada como Diretora de Programa da *Cultur*. Ingressou no *Cultur* em 2016 como Gestora de Projeto. Tem mais de 14 anos de experiência de trabalho com ONGs, setor público, projetos financiados pelo governo, incluindo apoio à formação e facilitação do diálogo entre comunidades culturais, no âmbito de contextos delicados e desafiadores. Tinu tem formação em Estudos Comunitários pelo Instituto de Tecnologia *Dundalk* e o MPhil em Resolução de Conflitos e Reconciliação, da *Trinity College Irlanda*.

“...EM KENMARE NÓS ÉRAMOS TAL COMO OS SEUS BÉBÉS.”

A HISTÓRIA DE TINU – CONFLITO E FUGA

O pai de Tinu era um político na Nigéria na década de 1990. Ele e a sua família eram pró-democracia e contra o domínio militar. No final dos anos 1990, o pai de Tinu decidiu deixar a Nigéria por razões de segurança pessoal. O sequestro e a violência ligados à política eram comuns durante esse período de transição, numa sociedade com uma longa história de golpes militares e oposição

AS HISTÓRIAS: TINU

natural ao processo democrático. Para ajudar o leitor a obter uma visão sobre a cultura política nigeriana, citamos um artigo de *“Human Rights Watch”*. *“O uso da violência como ferramenta política tem sido muito comum na Nigéria tanto antes ou até quando o presidente Obasanjo chegou ao poder em 1999. As eleições de 1999 também foram prejudicadas pela violência e a intimidação, bem como por fraudes generalizadas. Os governos nigerianos anteriores usaram a violência política de forma ainda mais brutal e sistemática, muitas vezes sem qualquer pretensão real de operar dentro de um sistema democrático. Apesar da mudança do domínio militar para o civil, a violência política permaneceu predominante. Foi facilitada pela ampla disponibilidade de armas e uma grande população de jovens desempregados, dispostos a ser contratados e armados por políticos para intimidar os seus opositores”*.

LUTA NA NOVA SOCIEDADE EM DIFERENTES TEMPOS & LUGARES

A história de Tinu sobre as suas primeiras interações com pessoas irlandesas em Kenmare, no Condado de Kerry, em comparação com outros locais na Irlanda, vale a pena destacar. Em Kenmare, a comunidade local abraçou Tinu e os seus colegas. Os cidadãos de Kenmare consideraram que os novos membros da comunidade do centro de provisão direta poderiam ser totalmente integrados na comunidade local. Incentivaram Tinu a marcar uma entrevista para um trabalho num ateliê local, pois havia escassez de arquitetos especializados (início dos anos 2000) devido ao enorme *boom* na indústria da construção civil na Irlanda. Esta experiência é uma revelação quando comparada com a triste história que hoje se vive nos centros de provisão direta, com longos atrasos totalmente inaceitáveis e barreiras aos

direitos humanos fundamentais, como o direito ao trabalho e à educação.

Tinu falou sobre o apoio dos seus colegas de trabalho em Kenmare e como foi bem recebida na comunidade dos arquitetos. Na verdade, ficaram fascinados com essa mulher exótica da Nigéria. Perguntavam-lhe: *“posso tocar na sua pele...”*

“Muita gente lá nuca tinha visto uma pessoa negra antes”. Vale ressaltar, neste momento, que, embora Tinu não tivesse autorização oficial de trabalho, a comunidade local conversou com o funcionário do governo e este permitiu que Tina trabalhasse na sua profissão.

Tinu mudou-se de Kenmare para outra cidade no nordeste da Irlanda no final de 2000. A sua experiência aqui contrastava muito com a experiência em Kenmare. As ideias racistas eram abundantes na nova localidade. Foram confrontados cara a cara com dizeres, tais como: *“volta para o teu país”*. As crianças foram intimidadas na escola e as paredes usadas para comentários racistas... *“Era o inferno”*. Foi nessa época que Tinu e algumas outras mulheres iniciaram o *“Grupo Sul Africano de Apoio às Mulheres”* para ter uma voz. Tinu sentiu que o racismo se devia à falta de informações básicas sobre eles... O governo irlandês não forneceu à população local informações sobre eles... *“Os habitantes locais ouviam apenas a má propaganda da média local sobre eles, etc. “Estão a roubar os nossos empregos”... Tinu também atribui a hostilidade para com eles da população local, à sua própria história de conflito na vizinha Irlanda do Norte.*

Num esforço para combater este racismo, Tinu e os seus colegas começaram a visitar as escolas primárias locais para ensinar a cultura nigeriana às

Comecei um grupo para as mulheres para termos uma voz.

AS HISTÓRIAS: TINU

crianças mais pequenas. Tinu inspirou-se na experiência positiva em Kenmare e acreditou que a comunidade os entenderia melhor com uma abordagem de baixo para cima, interagindo com eles face a face. Esta abordagem teve um impacto positivo na comunidade e as atitudes racistas pareciam estar a diminuir. As crianças da escola iam para casa e falavam aos pais sobre a cultura nigeriana. Tinu começou a trabalhar com o *HSE*¹ como uma mãe que visita outras mães da comunidade de migrantes. Nos anos seguintes, Tinu também aconselhou o *HSE* sobre uma grande variedade de questões que afetavam as famílias de migrantes.

PERTENÇA E RETRIBUIÇÃO À COMUNIDADE

Ao mesmo tempo que trabalhava com o *HSE*, Tinu continuou o seu trabalho voluntário com o “*Grupo Sul Africano de Apoio às Mulheres*”. A situação das mulheres em provisão direta pode ser difícil porque são os maridos quem trabalha fora nos seus países de origem, mas aqui na Irlanda não têm permissão para trabalhar. Esta situação traz pressão adicional sobre as mulheres e famílias. Tinu obteve apoio do Instituto de Tecnologia *Dundalk*, que a recebeu para visitar as salas de aula e falar sobre a sua situação na Irlanda. Tinu também trabalhou no centro transfronteiriço para estudos comunitários onde conheceu a sua mentora Ann McGeenery. Trabalhou lá como oficial de minorias étnicas. Este trabalho voluntário inicial levou a um emprego remunerado e abriu algumas oportunidades de financiamento. O seu trabalho

Visitei salas de aula e falei sobre a situação dos refugiados na Irlanda.

¹ Health Service Executive (HSE) - presta serviços de saúde pública e assistência social a todos os que vivem na Irlanda

*https://en.wikipedia.org/wiki/Direct_Provision

principal era apoiar todas as organizações relevantes no condado para ajudar os requerentes de asilo e imigrantes a obter qualificações para ajudá-los na transição para o trabalho quando fossem legalizados. Tinu é um verdadeiro modelo em qualquer contexto e uma inspiração para todos nós.

AS HISTÓRIAS: MARIJANA



Nome próprio: **MARIJANA**

Apelido: **ČEŠNOVAR**

Idade: **63**

País de origem: **BÓSNIA**

Vive na **Eslovénia** since: **1992**

RESUMO

O marido de Marijana Češnovars morreu em 1990 e em 1992 Sarajevo e a Bósnia, envolveram-se na guerra da Bósnia. Marijana esteve mais de cinquenta dias em Sarajevo. Foi uma experiência terrível. Depois, partiu com o filho em direção à Eslovénia. Embora tivesse um diploma universitário em economia e a sua avó vivesse na Eslovénia, onde a família tinha um pequeno apartamento, e falasse algum esloveno quando chegou, não se sentiu aceite durante muito tempo. Os eslovenos são sensíveis quanto ao sotaque dos servo-croatas e falar esloveno sempre foi um desafio para Marijana. Ao inscrever-se na Universidade da Terceira idade da Eslovénia, finalmente sentiu-se aceite e integrada. Na velhice, o que conta é a capacidade de ser você mesmo e a de alimentar os relacionamentos. Pode integrar-se através do estudo e da admiração da beleza em conjunto com os autóctones.

“QUEM É, NÃO O QUE FAZ, É IMPORTANTE”

CONFLITO

A guerra em Sarajevo começou a 6 de abril de 1992.

Isso foi inacreditável. O mês e meio que Marijana esteve em Sarajevo em guerra, antes de partir, foi o período mais horrível e incerto da sua vida. O seu marido tinha morrido em novembro de 1990, devido a um ataque cardíaco massivo, o prédio da sua ex-empresa onde trabalhava, foi um dos primeiros edifícios a serem destruídos.

Marijana viu-se sozinha, sem emprego e com um menino de 7 anos para criar.

Poderia falar sobre as pessoas próximas, alguns profissionais e instituições.

FUGA

“Um amigo encaminhou-me para a organização “Children’s Embassy”. Não hesitei e a minha decisão de sair era firme. Tive a sorte de ter a minha avó a morar na Eslovénia num pequeno apartamento, propriedade da família.

Viajei com o meu filho de autocarro junto com muitas outras mulheres de todas as idades e os seus filhos. Havia muitos choros e gritos de mulheres que não sabiam se os restantes membros da família estavam vivos, feridos ou mortos. Havia também filmagens e isto deixou-nos muito assustados. Dois dias depois, através de estradas escondidas pelas colinas da Bósnia, chegámos a Split e continuámos para Rijeka e de lá para Ljubljana.

Naqueles dias ainda acreditava firmemente que a guerra em Sarajevo não duraria muito e que poderíamos voltar em breve. Eu era muito ingénua!”

AS HISTÓRIAS: MARIJANA

PERTENÇA

“Os primeiros meses trouxeram-nos a certeza de que a guerra na Bósnia estava a piorar, que voltar não seria possível. Naqueles dias também descobrimos quem eram os nossos verdadeiros amigos e quais os laços familiares valiosos. Alguns amigos e parentes nem me telefonaram, temendo que eu precisasse da sua ajuda.

Em agosto de 1992, decidi que o meu filho deveria ir frequentar uma escola primária eslovena. O nosso estatuto de refugiado não facilitou a decisão. Tivemos que bater em muitas portas de diversas escolas. Até fui ao Ministério da Educação. Finalmente, o meu filho inscreveu-se na escola primária Tone Tomšič. O diretor, um homem muito bom, ajudou-me. Mas, as experiências na escola não correram muito bem, especialmente quando foi convidado a escrever sobre France Prešern, o poeta icónico esloveno e o seu texto foi o melhor da aula, mas o meu filho não teve permissão para lê-lo aos outros porque isso não era nada apropriado a um refugiado”. Tais histórias deixavam-me triste e não conseguia explicar o motivo ao meu filho.

Outra experiência. O meu filho orgulhosamente levou a sua avó que tinha nascido em Ljubljana, que acabava de chegar de Sarajevo à escola, para mostrar a todos o quão bom era o seu esloveno. Não é difícil imaginar por que ele fez isso; para demonstrar que também éramos eslovenos e para combater os comentários maldosos e ofensivos dos seus colegas de escola. As crianças são cruéis.

Em Sarajevo, eu tivera alguns parceiros de negócios eslovenos, mas devido à guerra, mudanças e processos de privatização, muitos contatos e laços desapareceram. Foi difícil

**Finalmente
sente-se integrada
desde que se matriculou
na Universidade
Eslovena da Terceira
Idade.**

para mim quando comecei a procurar um emprego. Um dos meus vizinhos encaminhou-me para o Centro de trabalho social - nunca esquecerei o quão gentil foi a pessoa que me atendeu. Fez tudo, tudo o que pôde, para me ajudar. Em setembro de 1992, comecei a trabalhar nas limpezas de apartamentos de três famílias de intelectuais eslovenos. Eu estudei na universidade e tenho um diploma universitário em economia. Mas eles consideraram-me como a senhora da limpeza, não como uma pessoa com competências diversas. Percebi que o mais importante era como eu falava esloveno, tinha um forte sotaque. Não sei porquê, mas falar línguas estrangeiras sempre foi um problema para mim. Muitas pessoas me criticaram. Como é que a sua mãe não lhe ensinou o esloveno? Mas ensinou-me o suficiente para comunicar com os eslovenos durante as minhas férias anuais, quando visitava regularmente a Eslovénia. Mais tarde, falar a língua eslovena ajudou-me a trabalhar com os nossos parceiros comerciais eslovenos.

Dois anos depois, encontrei um emprego numa charcutaria. Língua, língua novamente! A sociedade eslovena é fechada e não se abre facilmente para os refugiados da ex-Jugoslávia.

Também conheci o meu futuro marido por esses dias. Ele é esloveno, mas nunca teve preconceitos sobre a minha origem e o fato de eu ser uma refugiada.

Mais tarde, uma colega sugeriu-me que eu me inscrevesse na Universidade Eslovena da Terceira Idade, onde comecei a estudar história de arte. A universidade estruturou a minha vida, e abriu a minha vida ao mundo exterior. Voltar a Sarajevo? Não, eu não voltaria a Sarajevo porque mudou e tornou-se uma cidade para turistas, nada mais. Quanto mais se vive lá, menos se gosta. O meu filho cresceu na Eslovénia, terminou a escola aqui, conseguiu um emprego, integrou-se totalmente. Tenho um casamento feliz e, apesar dos inúmeros desafios que tive de enfrentar, acho que tive muita sorte. Isso pode parecer

AS HISTÓRIAS: MARIJANA

cruel, vindo de um refugiado como eu, mas, na minha opinião, nem todos os refugiados devem ter permissão para atravessar a fronteira e instalar-se num país, a menos que estejam prontos para fazer um esforço para se integrarem na sociedade de acolhimento”.

SUMÁRIO:

As 26 histórias de ex-refugiados constituem-se como um argumento muito forte e convincente quando se discute se uma sociedade deveria esforçar-se para incluir socialmente os refugiados (e, em geral, os migrantes) e dar-lhes toda a ajuda possível. Vimos que as contribuições dos ex-refugiados para a sociedade podem ser variadas e grandiosas.

Em resumo, tivemos 26 entrevistados, 8 mulheres e 18 homens, com idade entre os 19 e os 63 anos. Os seus países de origem são: Afeganistão, Albânia, Bósnia, RD do Congo, Gâmbia, Irão, Iraque, Curdistão (Turquia), Nigéria, Sérvia, Síria e Zimbábue.

Alguns deixaram os seus países há muito tempo (até 35 anos) outros chegaram ao seus novos países recentemente, por exemplo, há 2 anos. Tinham idades muito diferentes quando abandonaram os seus países: desde 2 anos (ex. Nilab), a 12 anos (ex. Artan, que deixou o seu país sozinho), até 35 anos (ex, Yassir, que era professor na universidade quando teve que fugir de seu país). Outros estavam ainda a frequentar a universidade ou a escola, trabalhavam ou tinham os seus próprios negócios. A inclusão social pode não significar o mesmo em cada um dos países parceiros, dependendo de regulamentos legais, a situação económica, a diversidade da sociedade em geral e a legislação laboral.

Mas mesmo aqueles ex-refugiados que estão ainda a caminho da integração, podem ser ótimos modelos para aqueles que acabaram de chegar e desejam dar os primeiros passos em direção à Inclusão Social.

O CONTEXTO DAS HISTÓRIAS DE FUGA:

AFEGANISTÃO:

GUERRA NO AFEGANISTÃO (2001 - PRESENTE)

A Guerra no Afeganistão, o conflito internacional no Afeganistão foi desencadeado pelos ataques de 11 de setembro e abrangeu três fases.

A primeira fase, que derrubou os Talibãs (a facção política e religiosa ultraconservadora que governou o Afeganistão e providenciou refúgio para a Al Qaeda, perpetradores dos ataques de 11 de setembro) foi breve, durando apenas dois meses.

A segunda fase, de 2002 a 2008, foi marcada por uma estratégia dos EUA de derrotar os talibãs militarmente e reconstruir as principais instituições do estado Afegão.

A terceira fase, de volta à clássica doutrina de contrainsurreição, começou em 2008 e acelerou com a decisão em 2009 do Pres. Barack Obama de temporariamente aumentar a presença das tropas americanas no Afeganistão. Este aumento foi utilizado para implementar uma estratégia de proteção da população dos ataques Talibãs e apoiar os esforços de reintegração dos rebeldes na sociedade afegã. Conjuntamente com esta estratégia veio um calendário para a retirada das forças estrangeiras do Afeganistão; a começar em 2011, as responsabilidades de segurança seriam gradualmente entregues às forças armadas e policiais afegãs. A nova abordagem não conseguiu alcançar os seus objetivos. Os ataques rebeldes e as baixas civis permaneceram obstinadamente elevados, enquanto muitas das unidades militares e policiais afegãs que assumiram os deveres de segurança pareciam não estar preparadas para remover os talibãs. Quando a missão de combate dos EUA e da OTAN terminou formalmente em dezembro de 2014, a guerra de 13 anos no Afeganistão tornou-se na mais longa já travada pelos Estados Unidos. Até hoje, os ataques às bases militares norte-americanas e a objetivos civis não pararam.

ALBÂNIA:

“A guerra civil albanesa, também conhecida como a revolta albanesa, rebelião albanesa ou a crise das pirâmides, foi um período de anarquia, desordem civil e violência na Albânia em 1997, provocada pelas falhas do chamado esquema Ponzi. O governo foi derrubado e mais de 2.000 pessoas foram mortas. Quando o governo reprimiu as revoltas no norte, a capacidade do governo e dos militares para manter a ordem começou a entrar em colapso, especialmente em metade da Albânia, no sul, que ficou sob o controle de rebeldes e gangues criminosos”.

“A abertura dos depósitos foi a abertura de depósitos de armas no norte, para proteção contra a violência do sul. Quando as bases militares do sul da Albânia foram saqueadas, estimava-se que, em média, todos os homens de mais de dez anos possuíam pelo menos uma arma de fogo e muitas munições. A fim de proteger os civis no norte e centro da Albânia, o governo permitiu que os civis se armassem nos depósitos de armas do governo. Durante a rebelião, 656 mil armas de vários tipos, juntamente com 1,5 mil milhões cartuchos de munições, 3,5 milhões de granadas de mão e um milhão de minas terrestres, foram saqueadas de depósitos do exército Albanês.

“Aproveitando as situações difíceis, grupos criminosos armaram-se e assumiram o controlo de cidades inteiras. A maioria estava presa na Grécia, mas de repente escaparam e voltaram para a Albânia. Os gangues perpetuaram ataques com explosivos e disparos, deixando dezenas de mortos.”

O CONTEXTO DAS HISTÓRIAS DE FUGA:

BÓSNIA:

O conflito bósnio, uma guerra etnicamente enraizada (1992-95) na Bósnia e Herzegovina, uma antiga república da Jugoslávia com uma população multiétnica composta por bósnios (muçulmanos bósnios), sérvios e croatas. Depois de anos de luta amarga que envolveu os três grupos bósnios e o exército jugoslavo, os países ocidentais com apoio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) impuseram um cessar-fogo final, em 1995, negociado em Dayton, em Ohio, nos EUA. Em 1991, várias auto-intituladas “Regiões Autônomas da Sérvia” foram declaradas áreas da Bósnia e Herzegovina com grandes populações sérvias. Quando a Comunidade Europeia (CE; posteriormente sucedida pela União Europeia) reconheceu a independência da Croácia e da Eslovênia em Dezembro, convidou a Bósnia e Herzegovina a solicitar o reconhecimento também. Um referendo sobre a independência foi realizado entre 29 de fevereiro e 1 de março de 1992, embora o partido de Karadžić tenha obstruído a votação na maioria das áreas de população sérvia e quase nenhum sérvio-bósnio votou. Dos quase dois terços do eleitorado que votaram, quase todos votaram pela independência, que o presidente Izetbegović proclamou oficialmente em 3 de março de 1992.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO:

A República Democrática do Congo (RDC), anteriormente Zaire, país localizado na África Central, tem uma longa história de conflitos, mas as recentes crises sucedem-se ao genocídio ruandês de 1994. As guerras civis congoleesas, que começaram em 1996, provocaram o fim do reinado de 32 anos de Mobutu Sese Seko e devastaram o país. Com o apoio eleitoral da ONU no âmbito da MONUC (Missão das Nações Unidas na RDC), Joseph Kabila, tornou-se, em 2006, o primeiro presidente democraticamente eleito do Congo. Mas essa transição democrática não provocou a mudança que se esperava no perpétuo conflito vivido na RDC, onde se estima que mais de 6 milhões de pessoas tenham sido mortas por causas induzidas pelas guerras. Essas guerras envolveram nove nações africanas, numerosos grupos de forças de paz da ONU e vinte grupos armados. Além disso, abusos flagrantes dos direitos humanos, tais como violações sistemáticas e assassinatos, entre outros, criaram uma terrível crise humanitária na RDC e região circundante.

Em grande parte o conflito surgiu da violência entre as Forças Armadas da RDC (FARDC) e várias facções rebeldes, incluindo as Forças Democráticas para a Libertação do Ruanda (FDLR), Mai-Mai Sheka e M23. A violência persistente, aliada à luta pelo controle dos recursos naturais da RDC, continua a desestabilizar ainda mais a nação já bastante fragmentada.

A República Democrática do Congo é extremamente rica em recursos naturais, mas tem falta de infraestrutura, prevalecendo uma corrupção profundamente enraizada, séculos de extração comercial e colonial e exploração com pouco desenvolvimento sustentado. Além da capital, Kinshasa, as outras duas grandes cidades, Lubumbashi e Mbuji-Mayi, são ambas comunidades mineiras. A maior exportação da RD do Congo é minerais em bruto, com a China a receber mais de 50% das exportações da RDC em 2012. A partir de 2015, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (HDI), a RD Congo tem um baixo nível de desenvolvimento humano, classificando-se na 176 posição entre 187 países.

O CONTEXTO DAS HISTÓRIAS DE FUGA:

GÂMBIA:

“A atual situação económica e crise da Gâmbia tem tido um enorme impacto na decisão dos jovens de deixar o país na esperança de encontrar trabalho e uma vida melhor na Europa”.

“O governo do presidente Yahya Jammeh, no poder desde o golpe de 1994, cometeu com frequência violações graves de direitos humanos, incluindo detenção arbitrária, desaparecimento forçado e tortura contra aqueles que manifestaram oposição ao governo. A repressão e os abusos criaram um clima de medo na Gâmbia, o que tem vindo a gerar uma crescente atenção da comunidade internacional”.

“As forças de segurança do Estado mais frequentemente envolvidas em violações eram membros da Agência Nacional de Inteligência (NIA), um grupo paramilitar conhecido como os “Junglers” e da Força Policial Gambiana. Esses alvos incluíam jornalistas, opositores políticos e pessoas lésbicas, homossexuais, bissexuais e transexuais (LGBT), muitos dos quais fugiram da Gâmbia por medo”.

IRÃO:

CONFLITO IRÃO-IRAQUE

A guerra Irão-Iraque foi um conflito armado entre o Irão e o Iraque que durou de 22 de setembro de 1980, quando o Iraque invadiu o Irão, até agosto de 1988. A guerra seguiu uma longa história de disputas na fronteira e foi motivada pelo medo de que a Revolução Iraniana de 1979 inspirasse a revolta da maioria xiita, longamente reprimida pelo Iraque, bem como o desejo do Iraque de substituir o Irão como estado dominante do Golfo Pérsico. Na expectativa de aproveitar o caos revolucionário do Irão, o Iraque atacou sem aviso formal, mas conseguiu progressos limitados e foi rapidamente repellido. O Irão recuperou praticamente todo o território perdido em junho de 1982, permanecendo na ofensiva nos seis anos seguintes.

O conflito tem sido comparado à Primeira Guerra Mundial em termos de táticas utilizadas, incluindo a guerra de trincheiras em larga escala com arame farpado ao longo das trincheiras, postos de metralhadoras equipados, ataques de baioneta, “ataques de ondas humanas”, uso extensivo de armas químicas por parte do Iraque, e, mais tarde, ataques deliberados contra alvos civis. Os Estados Unidos e a União Soviética, juntamente com muitos países ocidentais e árabes, apoiaram o Iraque, enquanto o Irão ficava muito isolado. Após oito anos de guerra, a simpatia internacional começou a faltar - uma vez que o Iraque atacava civis iranianos com armas de destruição em massa - e a tensão entre o Irão e os Estados Unidos aumentava, o que levou a um cessar-fogo negociado pela ONU. Meio milhão de soldados iraquianos e iranianos, com um número equivalente de civis, acredita-se que tenham morrido, a que acresce um número incalculável de feridos. No entanto, a guerra não trouxe indenizações nem mudanças nas fronteiras. Várias forças paramilitares participaram na guerra ao lado do Irão, como a Organização dos Mujahidin do Povo Iraniano, grupos Ba'athistas do Iraque, milícias curdas iraquianas do Partido Democrata do Curdistão e da União Patriótica do Curdistão, todas elas tendo sofrido um golpe importante no final do conflito.

O CONTEXTO DAS HISTÓRIAS DE FUGA:

IRAQUE:

A GUERRA NO IRAQUE

A invasão americana do Iraque em março de 2003 derrubou o brutal e autoritário governo de Saddam Hussein e desencadeou uma guerra civil sectária maciça quando as forças da coligação abandonaram o Iraque.

No centro da luta esteve a ascensão da maioria árabe xiita ao governo, a que ferozmente se opunha fações armadas de árabes sunitas, irritados com a reviravolta da velha ordem. Os colonialistas britânicos instalaram os árabes sunitas como governantes no início do século 20, e as famílias e tribos sunitas conseguiram manter o poder depois da declaração da independência do Iraque e mesmo quando a população xiita do país aumentou. Saddam Hussein era um forte sunita do norte que esmagava os seus opositores, reservando alguns dos seus castigos mais perversos para os árabes xiitas e os curdos, dois grupos que há muito procuravam no Iraque um grau significativo de poder ou independência.

A situação de violência e agitação no Iraque, vivida particularmente na cidade de Mossul, levou ao bombardeamento norte-americano no final de 2016, o que libertou a cidade dos terroristas do ISIS.

CURDISTÃO:

“Nos últimos cem anos, o desejo de um estado curdo independente criou conflitos principalmente com as populações turcas e iraquianas, nas áreas onde a maioria dos curdos vive. Este conflito tem também importantes implicações geográficas. Com a formação da Turquia em 1923, Kemal Ataturk, o então novo presidente turco deitou fora o tratado e negou aos curdos o seu próprio estado. Assim teve início o conflito turco-curdo. Em 1924 a Turquia aprovou uma lei que proibia o uso da língua curda em locais públicos.”

“Outro grupo a considerar é formado pelos curdos que vivem no Iraque. O principal conflito entre os curdos e os iraquianos começou em 1961, quando uma guerra eclodiu que durou até 1970. Por volta dessa época, Saddam Hussein chegou ao poder no Iraque. Em 1975, Hussein adotou uma política de erradicação dos curdos do país. Durante os quinze anos seguintes, o exército iraquiano bombardeou aldeias curdas e envenenou os curdos com cianeto e gás-mostarda.”

“Os motivos desses conflitos relevam de aspetos geográficos, culturais e políticos, uma vez que relacionados com uma reivindicação histórica de território por parte dos curdos. Os Curdos vivem na região há mais de 2000 anos. Por esta razão, desejam o estabelecimento de uma pátria curda. Em segundo lugar, e provavelmente o mais importante, é que esse conflito envolve a geografia cultural. Os curdos são étnica e culturalmente diferentes dos turcos e dos iraquianos. Falam uma língua diferente, e embora os três grupos sejam muçulmanos, todos praticam diferentes formas de islamismo. Os curdos têm usado essa diferença cultural como fundamento para estabelecer uma pátria.”

“Na Turquia, uma guerra civil entre curdos e turcos tem vindo a acontecer nos últimos dez anos; tendo sido mortas cerca de 15 mil pessoas até agora.”

O CONTEXTO DAS HISTÓRIAS DE FUGA:

NIGÉRIA:

Boko Haram deixou mortos e um rastro de destruição desde 2009. O grupo extremista islâmico foi formado em 2002 por Mohammed Yusuf no estado de Maiduguri Borno. O principal princípio político do grupo é estabelecer um estado islâmico e denunciar a educação ocidental. Com mais de 6.644 mortes a seu crédito em 2014, Boko Haram tornou-se o grupo terrorista mais mortal do mundo, de acordo com o relatório do *Global Terrorist Index 2015* do Instituto de Economia e Paz. O grupo foi responsável pela morte de mais de 20 mil pessoas e deslocou mais de 2,3 milhões, levando a uma crise humanitária no país.

“Nigéria é um país atingido pela pobreza. Com cerca de 90% de sua população a viver com menos de US \$ 2 por dia e ironicamente tendo a a maior economia da África.”

“A UNICEF estima que cerca de 75 mil crianças morrerão em 2017, de desnutrição grave, doenças respiratórias, sarampo, etc. A gravidade desta crise humanitária pode ser considerada a pior do mundo.”

SÉRVIA:

A GUERRA DAS Balcãs 1991 - 2000

A ex-Jugoslávia foi um estado socialista criado após a ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial e uma guerra civil amarga. Uma federação de seis repúblicas reuniu sérvios, croatas, muçulmanos bósnios, albaneses, eslovenos e outros sob um regime comunista comparativamente brando. As tensões entre esses grupos foram suprimidas com sucesso, sob a liderança do presidente Tito.

Após a morte de Tito, em 1980, as tensões voltaram a surgir. A procura de maior autonomia na Jugoslávia por grupos nacionalistas levou, em 1991, a declarações de independência na Croácia e na Eslovénia.

A Bósnia, com uma combinação complexa de sérvios, muçulmanos e croatas, era a próxima a tentar a independência. Unidades do exército jugoslavo, retirados da Croácia e renomeados de Exército Sérvio da Bósnia, ocuparam uma grande quantidade de território dominado pelos sérvios. Mais de um milhão de muçulmanos e croatas bósnios foram expulsos de suas casas num ato de limpeza étnica. Os sérvios também sofreram. A capital Sarajevo foi cercada e sitiada. Em agosto de 1995, o exército croata atacou áreas na Croácia sob controlo sérvio, levando milhares de pessoas a fugir.

O CONTEXTO DAS HISTÓRIAS DE FUGA:

SÍRIA:

A Guerra Civil Síria é um conflito armado em curso na Síria entre, por um lado, o governo do presidente Bashar al-Assad e seus aliados, e, por outro lado, várias forças que se lhes opõem. A agitação na Síria, parte de uma onda mais ampla de protestos da Primavera árabe de 2011, surgiu do descontentamento com o governo Assad e evoluiu para um conflito armado, depois de protestos pedindo a sua demissão terem sido violentamente subjugados. A guerra trava-se entre várias facções: O governo sírio e os seus aliados, uma outra aliança solta de grupos rebeldes árabes sunitas (incluindo o Exército Sírio Livre), a maioria das Forças Democráticas da Síria Curda (SDF), grupos jihadistas Salafi (incluindo a Frente al-Nusra) que cooperam com os grupos rebeldes sunitas, E o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL).

Os grupos de oposição sírios formaram o Exército Livre Sírio (FSA) e assumiram o controlo da área em torno de Aleppo e partes do sul da Síria. Ao longo do tempo, algumas facções da oposição síria afastaram-se de sua posição moderada original, para perseguir uma visão islâmica para a Síria, juntando-se a grupos como a Frente al-Nusra e ISI. Em 2015, o Yekîneyên Parastina Gel (YPG) uniu forças com árabes, assírios, Arménios e alguns grupos turcomanos, para formar as forças democráticas sírias, enquanto a maioria dos grupos turcomanos permaneceram com a FSA, e o Hezbollah envolvidos militarmente no apoio ao governo sírio. Em 2014 uma coligação de países da OTAN começou os bombardeamentos aéreos contra o ISIL. A guerra ainda permanece em 2017, com a interferência dos EUA e da Rússia em lados opostos.

ZIMBÁBUE:

VIOLÊNCIA E AGITAÇÃO NO ZIMBÁBUE

Reuben ressaltou que muitas pessoas fora do Zimbábue pensam que Mugabe ainda está no poder. Na realidade, com 93 anos, ele é apenas uma testa-de-ferro para as pessoas no poder, que são apoiadas pelo exército nacional.

A violência e a agitação continuaram a prejudicar o Zimbábue nas últimas quatro décadas, com o partido Zanu-PF de Robert Mugabe desafiado pelo Movimento para a Mudança Democrática (MDC), liderado por Morgan Tsvangirai. Robert Mugabe ganhou outro mandato em eleições polémicas realizadas em 2013.

CRIAÇÃO DE UM PARTIDO

Robert Mugabe tornou-se chefe do partido ZANU em 1970. Este partido mais tarde fundiu-se com o ZAPU, partido de Joshua Nkomo, para formar o ZANU-PF ou "Frente Patriótica".

Os zimbabuenses negros lutam pelos seus direitos há muitas décadas. Os partidos da oposição formados, como o *Zimbabwe African Peoples Union* (ZAPU) sob comando de Joshua Nkomo, em 1963, separaram-se e a ala mais radical formou a União Nacional Africana do Zimbábue (ZANU). A guerra de guerrilha eclodiu, transformando-se em guerra civil na década de 1970.

CONCLUSÕES:

O QUE SE PODE APRENDER COM AS HISTÓRIAS DESTA BROCHURA?

A leitura das histórias permite detetar as estratégias adotadas pelos entrevistados para sobreviver e depois integrar-se nas novas sociedades europeias. Embora tais estratégias não possam ser consideradas universais, ajudaram certamente esses indivíduos a incluírem-se nos novos ambientes dos países de acolhimento. E podem agora inspirar outros refugiados a seguir em frente nos seus esforços de integração em países da União Europeia, De seguida delineiam-se essas estratégias, de forma a poderem ser discutidas e “ensinadas”.

Vontade de aprender (a língua) e alcançar metas

Muitos entrevistados deixaram bem claro que a sua primeira e principal preocupação era aprender a língua do país de acolhimento. “Yassir, este é o seu trabalho agora, aprender a língua”, é o que Yassir dizia a si próprio. Vesnas considerava que “Aprender o idioma do país anfitrião é uma obrigação” e Sondus dizia a todos os refugiados que conhecia “A primeira coisa a fazer é aprender português. Todos dizem que é difícil mas eu digo – Tens de aprender! Se quiseres, irás conseguir!”

Artan sentava-se à frente da televisão horas e horas a repetir as palavras que ouvia para aprender Italiano. É preciso uma grande ambição e resistência para aprender uma nova língua, mas sem o domínio do idioma a inclusão dificilmente poderá ser conseguida.

Abdul afirmou que “A linguagem é a própria identidade”. Ou seja, o alcance de uma nova identidade relaciona-se intimamente com a aprendizagem da língua do país de acolhimento.

Resiliência e perseverança

É preciso muita força para aprender a língua, aprender a adaptar-se a um novo ambiente, com vários obstáculos a terem de ser superados, aprender a lidar com a falta de informação, e muitas vezes enfrentar a incerteza relativa ao resultado do processo de asilo. De onde vem essa força? Muitos dos entrevistados referem que nas suas vidas, cedo aprenderam que o sucesso exige esforço, que é preciso continuar sempre a aprender e gostar mesmo muito de aprender.

“Não é difícil reconstruir uma casa, não é difícil construir uma nova estrada, a verdadeira questão é como reconstruir a vida”, afirmou Vahida na sua entrevista.

Para Nasruddin “As dificuldades tornam-nos mais fortes”. Ou seja, a força que é necessária para superar obstáculos cresce quando se luta contra esses mesmos obstáculos. A resiliência pode ser aprendida? Nova pesquisa diz que sim e pode até ser ensinada.

Nas palavras de Sadat: “Se tem objetivos, tem de lutar por eles. Se não está disposto a fazer isso, esqueça os seus objetivos”.

Manter-se ativo/a e estabelecer metas próprias

Ficar sentado/a num centro de acolhimento a refugiados durante anos, não sendo capaz ou não tendo autorização para trabalhar, pode ser muito preocupante, constituindo mesmo a falta de contatos sociais um perigo para a saúde mental, como mostra a história de Artans. Mas manter-se ativo/a e envolvido/a abre novas oportunidades. As pessoas com um objetivo e uma agenda ganham forças a partir das próprias atividades, como mostram as histórias de Reuben, Conteh, Gholam, Omid, Mohammad, entre outras.

CONCLUSÕES:

No esforço para melhorar a sua própria situação (por exemplo, a luta de Reubens contra a *Direct Provision* na Irlanda, ou a luta de Sondus para criar as condições para dar à sua filha paz, amor e dignidade, em Portugal), entram em contato com outros refugiados e com a comunidade anfitriã. Mesmo sem ter esse objetivo de forma clara, permanecer ativo e envolver-se com um grupo é uma ajuda muito boa para a Inclusão Social: *“Atuar como um grupo, ajudou-nos a superar as dificuldades”*, afirmou Conteh.

Ashkan afirmou mesmo que a sua vida em Portugal começou a mudar quando decidiu ingressar na associação de estudantes da escola onde estudava. *“Fiz amigos que tenho até hoje. Amizade mesmo profunda... Também cuidavam de mim, como era jovem queria fazer isto e aquilo e eles... Espera, vai devagar... Não te metas nisto... Eram verdadeiros amigos...”*

Entrar em contato com os membros do país anfitrião, permitindo-se ser ajudado/a e retribuindo esta ajuda

Quase todos os entrevistados relataram a ajuda de cidadãos do país de acolhimento. Quer tenham identificado certas pessoas, como a vizinha de Elvisa, que lutou pelo prolongamento da sua permanência na Alemanha, ou falado sobre o apoio de membros de organizações sociais como o GRC em Atenas, eles precisavam e conseguiram ajuda. E foram capazes de procurá-la e aceitá-la! Não é fácil estar em posição de precisar ajuda por muito tempo. As pessoas podem sentir-se envergonhadas ou desvalorizadas. *“No meu país, o homem é o ganha-pão da família e senti-me tão mal junto dos meus filhos, porque eu não podia fornecer-lho”*, disse Reuben.

E os ex-refugiados também querem retribuir e dar algo em troca.

E muitos estão a fazê-lo! Ainda estão em contato com as pessoas que os ajudaram, outros fazem parte de grupos em profissões de ajuda (como intérpretes, assistentes sociais, educadores, cineastas), fazem trabalho voluntário para ajudar outros em situações semelhante às que eles viveram ou tentam arduamente ter uma carreira profissional bem-sucedida para ganhar a consideração da nova sociedade.

É o caso de Ashkan que trabalhou arduamente para ser hoje proprietário de uma grande empresa de distribuição de alimentos em Portugal, onde tem refugiados a trabalhar, e continua a ajudar muitos outros a estabelecer contactos diretamente como instituições de apoio no país.

Reivindicar o direito de fazer parte da (nova) sociedade

“Eles não sabiam que o mundo não vem com fronteiras!”. Esta afirmação de Sbah é a base para a autoconfiança que alguns entrevistados revelaram: somos humanos e temos o direito de viver onde estamos seguros e podemos desfrutar de uma vida feliz.

“Eu sou uma cidadã do mundo”, disse Nilab. Sondus afirmou que estuda muito, *“mas tenta viver a vida como cidadã do Porto”*, sentindo-se mesmo já bem integrada.

De acordo com Marilyn Price-Mitchell, as “características” mais importantes de um Modelo (*role model*), são:

- Paixão e capacidade para inspirar
- Conjunto claro de valores
- Compromisso com a Comunidade
- Abnegação e aceitação dos outros
- Capacidade de superar obstáculos.

CONCLUSÕES:

Olhando de perto para as cinco estratégias mais importantes anteriormente expostas, pode-se afirmar que existe conformidade entre os “métodos e meios” descritos pelos entrevistados, as dimensões da Inclusão Social e as características acima listadas, como se mostra na tabela seguinte:

| Dimensões de Inclusão Social (Prof. F. Heckmann) | Características de um Modelo (<i>Role Model</i>) (M. Price-Mitchell) | Estratégias dos entrevistados (entrevistas) |
|--|--|--|
| DIMENSÃO ESTRUTURAL | Paixão e capacidade para inspirar | Vontade de aprender (a língua) e alcançar metas |
| DIMENSÃO POLÍTICA | Conjunto claro de valores | Reivindicar o direito de fazer parte da (nova) sociedade |
| DIMENSÃO SOCIOCULTURAL | Compromisso com a Comunidade | Entrar em contato com os membros do país anfitrião, permitindo-se ser ajudado/a e retribuindo esta ajuda |
| DIMENSÃO SOCIAL | Abnegação e aceitação dos outros | Manter-se ativo/a e estabelecer metas próprias |
| DIMENSÃO PESSOAL | Capacidade de superar obstáculos | Resiliência e perseverança |

A parceria acredita que as entrevistas desta Brochura, em particular, e as histórias de ex-refugiados, em geral, podem ajudar a clarificar a relação existente entre Inclusão Social e Aprendizagem de Modelos (*Role Models*), elaborada neste caso através das histórias contadas por 26 pessoas com coragem, entusiasmo e capacidade de autorreflexão.

O QUE PODE SER FEITO COM ESTA BROCHURA?

Esta Brochura é parte integrante do pacote RefugeesIN (<https://www.refugeesinproject.eu/en/pack.html>) e pode ser usada em contextos educacionais para trabalhar com refugiados e membros da sociedade em geral. Algumas ideias sobre como usar esta brochura são apontadas aqui, mas muito mais será explicado no pacote.

Esta brochura poderá ser usada, em:

- Cursos de línguas para refugiados - pode ser lida, discutida e usada para encorajar os alunos a contar as suas próprias histórias;
- Educação política - as histórias podem ser usadas como exemplos a considerar quando se fala sobre preconceitos, estereótipos etc.,
- Escolas - estas histórias e respetivos contextos materiais podem ser parte da aprendizagem em ciências políticas, geografia ou história;
- Debates políticos - estas entrevistas podem ser usadas para reivindicar uma melhor e mais forte política de inclusão nos nossos países;
- Aulas de escrita criativa - estas histórias podem encorajar outros a escrever as suas próprias histórias: refugiados ou não; cada um

CONCLUSÕES:

de nós tem histórias de vida a contar, com obstáculos, sucessos, mudanças e desafios. Vamos ouvi-las!

- *Workshops* de cinema ou de fotografia - estas histórias podem ser usadas como base para uma narrativa visual, ou ainda para fazer um curto documentário, tendo como base a história de um dos participantes. Esta será exatamente uma das tarefas a executar no Curso que será realizado durante 2017 no âmbito deste projeto.

COMO CONTACTAR-NOS:

Para entrar em contato, acrescentar uma história ou fazer um comentário, visite o nosso *website* em:

www.refugeesinproject.eu

No *Blog* do projeto <https://www.refugeesinproject.eu/en/blog.html> terá a oportunidade de participar ou de manter contato com os parceiros do projeto.

Se desejar divulgar esta brochura na sua comunidade, faça “like” na nossa página do Facebook em **<https://www.facebook.com/ProjectRefugeesIN/>**

AGRADECIMENTOS & REFERÊNCIAS:

AGRADECIMENTOS & REFERÊNCIAS

Esta brochura não teria acontecido sem o apoio de tantos ex-refugiados que se dispuseram a contar, aberta e honestamente, as suas histórias de vida. A sua coragem é digna de admiração. Os nossos agradecimentos vão para eles, mas também para as pessoas/ organizações que nos facilitaram o contato com essas pessoas incríveis, e também aos que gentilmente fizeram a sua revisão final.

ESLOVÉNIA:

Gostaríamos de expressar o nosso mais profundo agradecimento a Vahida, Vesna e Ranko por nos terem confiado as suas histórias, fazendo-nos sentir e compreender o que os fez chegar ao nosso país. Gostaríamos também de agradecer a Neva Železnik, uma jornalista e mentora da Universidade da Terceira Idade da Eslovénia, por nos ter ajudado a identificar modelos de refugiados e a contactá-los.

A nossa gratidão especial vai para Remzo Skenderović, um tradutor certificado para a língua Bósnia, bem como para estudantes e pessoal da Universidade da Terceira Idade que nos encorajaram nesta tarefa difícil. Finalmente, gostaríamos de reconhecer a prontidão na ajuda recebida de diferentes instituições, entre as quais a Filantropia Eslovena, a Faculdade de Trabalho Social, a Faculdade de Filosofia de Liubliana e o seu Departamento de Andragogia.

ITÁLIA:

A equipa Italiana RefugeesIN gostaria de agradecer às seguintes organizações, pelo apoio nos contatos com a comunidade de refugiados na Itália:

- *Mauro Masciotti, Chiara Cipolloni e Elisabetta Tricarico de 'Caritas Diocessana di Foligno' e 'L'Arca del Mediterraneo'.*

- *Sofia Gonoury e Honane Oulad da Associazione Casa de Popoli di Foligno.*

- *Silvia Rondoni, Franco Calzini e Piter Foglietta da Associazione Arcisolidarietà Ora d'aria Onlus di Perugia.*

E um agradecimento muito especial aos entrevistados: Lamin Conteh, Sheikhomar Bah, Artan Cami, Xerip Siyabend e Goodson Ezenagu pelo seu tempo e disposição para partilhar as suas histórias pessoais, corajosas e inspiradoras.

GRÉCIA:

Gostaríamos de expressar a nossa mais profunda gratidão aos entrevistados: Abdul Khaled, Nasrudin Nizami, Reza Gholami e Gholam Hassanpour por partilharem as suas histórias emocionantes e inspiradoras.

Também gostaríamos de agradecer a Association of Afghans United in Greece e ao Sr. Faiz Abubaker, Coordenador da Unit of Greek Council for Refugees, que nos colocou em contato com a referida associação.

PORTUGAL:

A equipa portuguesa RefugeesIN, agradece primeiramente a Alaa Alhariri e a Cristina Santinho pelo seu apoio no estabelecimento de contatos com a comunidade de refugiados em Portugal.

E depois um agradecimento muito especial aos nossos entrevistados - Selfi Ashkan, Félix Aganze, Mohammad Safeea, Soundus Al-Kadri e Nour Machlah, que partilharam connosco as suas difíceis histórias de vida, que nos emocionaram

AGRADECIMENTOS & REFERÊNCIAS:

profundamente e acreditamos serem inspiradoras pela determinação e resiliência mostradas na reconstrução de suas vidas em Portugal.

IRLANDA:

A equipa irlandesa RefugeesIN gostaria de agradecer Tinu Achioya e Reuben Hambakachere da Cultúr - <http://www.cultur.ie> - pelo seu apoio no estabelecimento de contatos com a comunidade de refugiados e asilo em Mosney, County Meath, na Irlanda.

Também agradecemos aos nossos entrevistados, Tinu Achioya, Reuben Hambakachere, Vukasin Nedeljkoic e Yetunde Awosanya, que nos contaram as suas histórias de transição dos seus países de origem Nigéria, Zimbábue, Sérvia e Iraque para a Irlanda, em momentos difíceis de suas vidas. Cada uma de suas histórias únicas sobre como se estabeleceram e prosperaram na Irlanda deve inspirar outros que se encontrem num caminho semelhante.

ALEMANHA:

Gostaríamos de agradecer aos entrevistados pela sua abertura, apesar de ser muito doloroso falar sobre as suas experiências. Os nossos agradecimentos vão também para Arbeit und Leben Hamburg e.V., que, com a sua ajuda, possibilitou uma entrevista nas suas instalações. Agradecemos ainda a Mosqa Fakiri, do Central Coordination Point for Refugees da Cidade de Hamburgo, por ter ajudado a encontrar entrevistados. Obrigado ao Integration Council em Hamburgo pela oportunidade dada para apresentar o nosso projeto. Esta ajuda possibilitou encontrar entrevistados. Obrigado aos meus colegas da Hamburger Volksochschule pela revisão e tradução!

Agradecimento especial ao Johann Laister e à equipa de especialistas externos que ele coordenou, que amavelmente fizeram a revisão final e sugeriram melhorias valiosas:

Prof. Assoc. Nives Ličen; Prof. Dr. Sonja Kump (Eslovénia)

Emiliano Pergolari (Itália)

Natasja Peterson; Fernando Sousa (Portugal)

Reuben Hambakachere; Tinu Achioya (Irlanda)

Jan Nazim Karadas; Miriam Djabbari (Alemanha)

Fayez Hussein; Magdalena Kavaddia (Grécia)

AGRADECIMENTOS & REFERÊNCIAS:

As fontes de pesquisa para esta brochura foram:

Marilyn Price-Mitchell: *Tomorrow's Change Makers: Reclaiming the Power of Citizenship for a New Generation*, Eagle Harbour Publishing, 2015

Prof. Friedrich Heckmann: *Integration von Migranten. Einwanderung und neue Nationenbildung*. Springer VS, Heidelberg, 2015

Albert Bandura, Richard H. Walters: *Social Learning and personality development*. Holt, Rinehart and Winston, New York NY, 1963

Fontes de pesquisa para o “O contexto das histórias de fuga”:

Afeganistão:

<https://www.britannica.com/event/Afghanistan-War>

Albânia:

https://en.wikipedia.org/wiki/Albanian_civil_war_of_1997

Bósnia:

<https://www.britannica.com/event/Bosnian-conflict>
Lampe, J. R. Bosnian conflict. *European History* (1992-1995)

RD Congo:

<http://www.bbc.com/news/world-africa-11108589>

Gâmbia:

https://books.google.pt/books/about/Gambia.html?id=TUusAQAAIAAJ&redir_esc=y

Irão:

<http://www.history.com/topics/iran-iraq-war>

Iraque:

https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Iraq#Recent_history_.282003.E2.80.93present.29

Curdistão:

<http://www.novelguide.com/reportessay/social-issues/global-issues/kurds-people-without-state>

Nigéria:

https://en.wikipedia.org/wiki/Third_Nigerian_Republic

Sérvia:

https://en.wikipedia.org/wiki/Serbia_in_the_Yugoslav_Wars

Síria:

https://en.wikipedia.org/wiki/Syrian_Civil_War

Zimbábue:

https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Zimbabwe#1990s